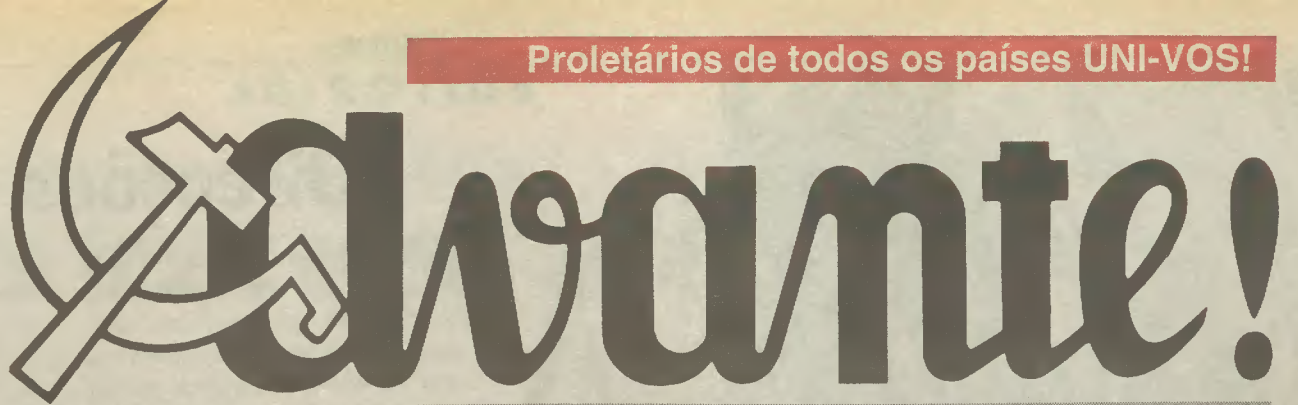


# A manobra da lei eleitoral

A proposta do Governo deixaria muitos eleitores sem representação política

Pág. 32

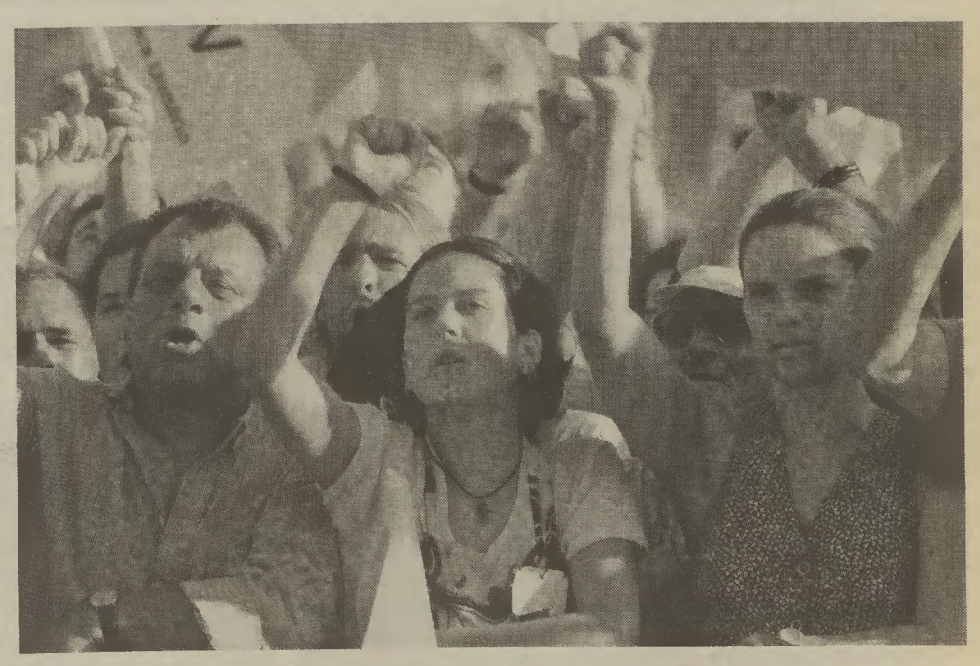


Órgão Central do Partido Comunista Português

Semanário • ISSN 0870-1865 • 11 de Setembro de 1997 • Preço: 180\$00 (IVA incluído) • N.º 1241 • Director: Carlos Brito

**Em Festa e em Luta**

# O PARTIDO DA ESPERANÇA



**Editorial Direcções de luta**



## EDITORIAL

## Direcções de luta



A Festa do Avante! animou a Atalaia durante todo o fim-de-semana

## RESUMO

3  
Quarta-feira

A revisão constitucional tem o seu epílogo com a aprovação pela Assembleia da República, em votação final, do novo texto ■ O Presidente da República, Jorge Sampaio, defende mais reciprocidade de direitos entre o Brasil e Portugal ■ O ministro Sousa Franco critica as políticas de benefícios fiscais e considera imperioso acabar com a actual situação ■ O Sindicato dos Professores da Grande Lisboa acusa o Ministério da Educação de estar a lançar para o desemprego dezenas de professores ■ O antigo director-geral da Guardia Civil, Luis Roldan, volta a sentar-se no banco dos réus, sob a acusação de desvio de dinheiros públicos ■ A Índia acusa o Paquistão de provocar incidentes na fronteira de Caxemira ■ A Polícia turca detém membros de uma missão internacional de paz empenhada em mediar o conflito que opõe a Turquia aos guerrilheiros curdos.

4  
Quinta-feira

A Associação Portuguesa de Deficientes (APD) protesta contra o facto de os deficientes estarem em minoria de representação no Conselho Nacional para a Reabilitação e Integração das Pessoas com Deficiência ■ Os trabalhadores dos CTT admitem fazer greve caso a administração mantenha a recusa em satisfazer as suas reivindicações ■ Tem início em Vilar de Perdizes o 11º Congresso de Medicina Popular ■ Violentos confrontos eclodem em Freetown, capital da Serra Leoa, entre elementos afectos à Junta Militar e soldados da força africana de manutenção da paz ■ Um triplo atentado suicida do Hamas provoca oito mortos e 192 feridos em Jerusalém.

5  
Sexta-feira

A Festa do «Avante!», na Atalaia, abre as suas portas aos visitantes ■ Comandos israelitas em operação secreta no interior do Líbano são alvo de uma emboscada do Exército libanês e de guerrilheiros, provocando o fim da invasão e a morte de onze pessoas ■ Morre a Madre Teresa de Calcutá, fundadora das Missionárias da Caridade ■ O ministro do Interior de Cuba acusa «grupos terroristas enviados pelos Estados Unidos» de serem os responsáveis por três atentados à bomba ocorridos em Havana ■ Nacionalistas sérvios da Bósnia acusam a Presidente Biljana Plavsic de violar a Constituição da República Srpska e de desenvolver actividades criminosas.

6  
Sábado

A TAP e o Sindicato dos Pilotos da Aviação Civil regressam à mesa das negociações ■ O Sindicato dos Guardas Prisionais contesta a deci-

são do Governo de não contemplar em diploma o subsídio de risco do corpo da guarda prisional ■ Milhões de pessoas numa atmosfera de grande comoção prestam uma última homenagem a Diana, Princesa de Gales, na cerimónia fúnebre que a transportou para a sua última morada em Great Brington ■ Um comando volta a provocar uma chacina nos arredores de Argel, aumentando a vaga de violência integrista ■ Yasser Arafat atribui aos extremistas israelitas a autoria do triplo atentado suicida em Jerusalém.

7  
Domingo

Durante o comício da Festa do Avante, Carlos Carvalhas defende a fiscalização sucessiva da constitucionalidade da revisão da lei fundamental, aprovada na passada semana ■ Jorge Sampaio é recebido entusiasticamente nas comemorações do Dia do Brasil ■ A ministra da Saúde ordena a realização de um inquérito urgente sobre o caso Bayer e a suposta associação de centenas de médicos à atribuição de créditos em agências de viagem por parte deste laboratório ■ Israel congela as negociações com a Palestina e recusa discutir a saída do Líbano ■ A Noruega defende a adesão da Letónia, Estónia e Lituânia à NATO e UE ■ O ex-ditador do antigo Congo, Mobutu Sesse Seko, morre em Marrocos.

8  
Segunda-feira

A administração da TAP e a SPAC ultimam um protocolo em que os pilotos aceitam voar mais em troca de 360 mil contos ■ Um grupo de laureados com prémios Nobel e ex-chefes de Estado apela a Suharto para apoiar os esforços da ONU para a resolução da questão de Timor-Leste ■ As autoridades espanholas lançam um alerta absoluto contra a ETA ■ A polícia palestina detém 35 presumíveis activistas do Hamas, e o exército israelita outros 64 ■ O exército argelino é colocado em «alerta máximo», em reacção aos repetidos massacres islamitas.

9  
Terça-feira

A Coligação Mais Lisboa, a propósito da proliferação de cartazes na cidade, propõe a coligação de Ferreira do Amaral um «pacto ambiental» ■ Jorge Sampaio propõe em São Paulo, Brasil, a realização de uma cimeira entre os Quinze e os países do Mercosul ■ Nelson Mandela, Presidente da África do Sul, recebe em Joanesburgo D. Ximenes Belo, a quem informa ter defendido junto de Suharto a autonomia do povo de Timor-Leste ■ EUA lançam ultimato à UNITA caso este movimento até ao final do ano não desmobilize as suas tropas e entregue armas ■ Sinn Fein compromete-se oficialmente a respeitar os princípios de Mitchell.

A

21ª edição da Festa do «Avante!» realizou-se com grande sucesso, como as páginas deste número do nosso jornal amplamente testemunham. Os comunistas e os seus amigos e aliados têm todas as razões para se regozijar.

Na verdade, a Festa deste ano respondeu positivamente a todos os grandes desafios que lhe estavam colocados. Atraiu vastas multidões, garantiu e inovou as melhores características das anteriores edições nos domínios dos espetáculos musicais e outras manifestações artísticas e culturais, nas provas desportivas, na gastronomia, no recreio e no lazer. Proporcionou aos visitantes o habitual ambiente de festa popular e de humaníssima confraternização combativa, em condições de plena segurança.

A 21ª edição da Festa do «Avante!» distinguiu-se, também, especialmente, por uma fortíssima intervenção política assegurada não apenas pelo acto de abertura e pelo grande comício de encerramento, mas também pelas exposições políticas, nomeadamente, as que tiveram por temas a obra da CDU nas autarquias e o 80º aniversário da Revolução de Outubro, bem como pelos numerosos debates e colóquios que se debruçaram sobre muitas das grandes questões do nosso país e do mundo.

A Festa foi uma grande ocasião para o PCP deixar claras as suas apreciações sobre a política de direita que prossegue com a governação do PS, para formular a sua proposta de uma política alternativa para Portugal, para expressar a sua solidariedade internacionalista com os povos que lutam em condições mais difíceis, para afirmar a sua confiança nos ideais do socialismo e comunismo.

Aqueles que todos os anos inventam problemas e tecem intrigas para ensombrar a realização da Festa e tentar condicionar à partida os seus resultados, mais uma vez tiveram que meter a viola no saco.

Por mais que as televisões e as fotografias de alguns jornais escondam as multidões e omitam a juventude, as multidões estiveram lá e a juventude predominando entra elas naquela que é, sem dúvida, a maior manifestação política de massas e de massas juvenis que se realiza anualmente em Portugal.

Não temos dúvidas de que os participantes na Festa e especialmente os mais jovens saberão fazer o adequado juízo sobre o significado dessas imagens televisivas manipuladas e dessas fotografias mutiladas que atestam a completa falta de objectividade e de seriedade de quem as traz a público.

A 21ª edição da Festa constituiu, nas diversas instâncias onde a situação do país foi apreciada e discutida, um intenso apelo ao desenvolvimento e à intensificação da luta popular contra a política de direita.

O Secretário-Geral do PCP, Carlos Carvalhas, salientou quase no início do seu discurso no comício da Festa: «Mesmo com a consciência de que quando se luta nem sempre se ganha, a vida demonstrou e demonstra que quando não se luta perde-se sempre, que vale a pena prosseguir e fazer frente à ofensiva como fizeram e estão fazendo vários estratos sociais, professores, alunos, guardas florestais, polícias, trabalhadores da saúde, dos têxteis cuja luta persistente e heróica pelas 40 horas aqui saudamos especialmente, os mineiros de Aljustrel, os trabalha-

dores da Torralta, da Gás Portugal, da Administração Local, do movimento sindical unitário, com o destacado papel da CGTP-IN.»

Os comunistas reafirmaram solenemente o propósito de continuar a lutar na Assembleia da República e fora dela pelo emprego com direitos, por melhores salários e reformas, fazendo tudo para que sejam derrotados os insignificantes aumentos que o Governo quer impor, e para que sejam cumpridas as obrigações que incumbem ao Estado, nos planos da saúde, da educação, da habitação e da segurança social. Também deram apoio expresso a um aumento de 3 000\$00 para as pensões mais degradadas e para um aumento que dignifique o salário mínimo que é actualmente «uma vergonha nacional e europeia».

As intervenções e os debates feitos na Festa puseram em evidência as mais importantes direcções de luta nos terrenos laboral e social, apontaram também as que devem ser desenvolvidas no plano institucional e eleitoral e as que importa concretizar para reforçar o Partido e aumentar a difusão da imprensa partidária.

Em relação à revisão da Constituição, Carlos Carvalhas alertou: «É crucial uma grande vigilância e uma fortíssima intervenção popular para impedir que o PS e o PSD explorando as possibilidades que esta revisão lhes deu, concretizem em lei ordinária, quer a redução do número de deputados, quer as nefastas e antidemocráticas alterações às leis eleitorais, seja para as autarquias locais, seja para a Assembleia da República.»

Já depois da Festa e confirmando o perigo das alterações à legislação eleitoral e a pressa governamental na sua concretização, o Governo promoveu encontros com os partidos para apresentar um anteprojecto de nova lei eleitoral para a Assembleia da República. No seguimento do encontro efectuado com PCP, Luís Sá observou aos órgãos de comunicação social: «O anteprojecto de lei eleitoral apresentado pelo Governo teria essencialmente um efeito manipulador

de consciências e de alteração de comportamentos eleitorais no sentido de uma bipolarização artificial do sistema político e partidário.»

A JCP também levou à Festa as suas principais direcções de luta que Paulo Raimundo sintetizou ao intervir no comício de encerramento, assim: «lutar por uma educação pública gratuita e de qualidade, pelo emprego estável e com direitos, pelos direitos dos trabalhadores-estudantes, pelo combate efectivo à toxicodependência, pela despenalização do aborto, contra o racismo, pela igualdade e a Paz, por um Portugal soberano e independente.»

No centro das atenções da Festa com a relevância adequada à sua excepcional importância estiveram sempre as eleições autárquicas do próximo mês de Dezembro. Contam-se, sem dúvida, entre as mais prioritárias, senão a mais prioritária de todas as direcções de luta. Carlos Carvalhas designou-as como «uma batalha de todo o Partido», «uma batalha que reclama o mais dedicado trabalho e empenhamento de todos os activistas e apoiantes da CDU».

Passada a Festa, é nesta direcção que devem convergir os maiores esforços para a ultimização e a apresentação das listas, para a elaboração dos programas com a maior participação popular possível e para a intensificação, por todo o País, dos contactos entre os candidatos e as populações.

Avante!

Proletários de todos os países UNI-VOS!

PROPRIEDADE: Partido Comunista Português  
Rua Socio Pereira Gomes  
1699 Lisboa CODEX. Tel. 793 62 72

DIRECÇÃO E REDACÇÃO:  
Rua Socio Pereira Gomes — 1699 Lisboa CODEX.  
Tel. 796 97 25/796 97 22. Telex 18390  
Fax: 795 22 64

ADMINISTRAÇÃO:  
Editorial «Avante!», SA — Av. Almirante Reis — 90,  
7ª-A. 1100 Lisboa  
Capital social: 15 000 000\$00. CRC matricula: 47058.  
NIF — 500 090 440

DISTRIBUIÇÃO:  
DISTRIBUIÇÃO ADE's  
Editorial «Avante!», SA — Av. Almirante Reis, 90, 7ª-A.  
1100 Lisboa  
Telef. (01) 815 34 87/815 35 11  
Fax: 815 34 95

Alterações de remessa:  
Até às 17 horas de cada sexta-feira:  
Telef. (01) 815 34 87/815 35 11

DISTRIBUIÇÃO COMERCIAL  
DELTAPRESS

Delegação Lisboa:  
Tapada Nova  
Capa Rosa — Linhd — 2710 Sintra  
Telef. (01) 924 04 47

Delegação Norte:  
Zona Industrial da Maia  
Sector IX  
Rua B Lt. 227 — 4470 Maia  
Telef. (02) 941 76 70

ASSINATURAS: Av. Almirante Reis, 90, 7ª-A 1100 Lisboa  
— Telef. (01) 815 34 87/815 35 11 — Fax: 815 34 95

PUBLICIDADE: Av. Almirante Reis, 90-7ª-A 1100 Lisboa  
— Telef. (01) 815 34 87/815 35 11 — Fax: 815 34 95

Composição e impressão  
Heska Portuguesa, SA  
R. Elias Garcia, 27  
Venda Nova — 2700 Amadora  
Depósito legal nº 205/85

TABELA DE ASSINATURAS\*

PORTUGAL (Continente e Regiões Autónomas)	EXTRA-EUROPA
50 números: 8 100\$00; 25 números: 4 200\$00	50 números: 46 100\$00
EUROPA	GUINÉ-BISSAU, S. TOMÉ E PRÍNCIPE e MACAU
50 números: 28 600\$00	50 números: 33 850\$00

\* IVA e portes incluídos

Nome \_\_\_\_\_

Morada \_\_\_\_\_

Código Postal \_\_\_\_\_

Enviar para Editorial «Avante!» acompanhado de cheque ou vale de correio.



## Popular, jovem, comunista Não há festa como esta!

Ao fim de 21 edições, a Festa do «Avante!» vê confirmados e reforçados os traços que fazem dela, ano após ano, o maior acontecimento político-cultural de massas que tem lugar no País e que ocupa lugar de destaque nas agendas de muitos portugueses, sobretudo os mais jovens e os mais empenhados na construção de uma sociedade em que se reflecta no bem-estar do povo a riqueza que todos criam.

A originalidade da Festa começa na maneira como ela é construída. Na abertura, sexta-feira à tarde, Carlos Carvalhas dirigiu uma especial saudação aos que erguem a Festa do «Avante!», àqueles que «aqui deixaram, com generosidade, determinação e empenho, milhares de horas de trabalho gratuito, sem as quais esta Festa não seria pos-



sível». O dirigente comunista salientou depois as raízes populares, a criatividade o encanto e o prestígio da Festa, reafirmando que esta, «também nas suas características mais específicas e tocantes, exprime e reflecte os valores e ideais que inspiram a acção, a intervenção e a luta do Partido Comunista Português».

Sendo «festa da cultura e da democracia, festa do povo», «festa do Partido, festa dos trabalhadores e dos democratas», recebe «cidadãos dos mais diversos quadrantes políticos» e «todos os anos, pela primeira vez, milhares de pessoas que aqui encontram um ambiente amigo e fraterno», «um espaço de confraternização e de

convívio, e também um espaço de reflexão, de debate de ideias, de intervenção e de solidariedade com os trabalhadores e os povos em luta», disse o secretário-geral do PCP.

O visitante que foi recebido, na passada sexta-feira, pelos acordes solenes da Sociedade Musical Operária Grandolense e pelas palavras de Carlos Carvalhas, dispôs de largas horas, até ao fim da noite de domingo, para verificar por si a riqueza contida naqueles breves parágrafos de caracterização da Festa.

Ao longo de todo este número do «Avante!» deixamos ao leitor significativos registos do que nestes três dias se viveu na Atalaia: estão aqui palavras; rostos, sons,

sabores, alegria, preocupação, denúncias, propostas, confiança, determinação. São momentos para recordar, quem os presenciou, ou para descobrir - cimentando desde já o desejo forte de não perder a próxima Festa e alimentando a disponibilidade militante para as batalhas que entretanto temos pela frente.

É que, por muitas vezes que se dê, vai-se ter sempre à conclusão de que não há Festa como esta porque também não há outro partido como este: popular, jovem, comunista.







## Espaço central

# A actualidade política no coração da Festa

A política esteve presente nos painéis mais vistosos ou nas exposições mais modestas, no comício de domingo à tarde ou nos vários debates e conversas. Para muitos, ir à Festa do «Avante!» é, só por si, um acto político. Traçados estes amplos limites, podemos entrar no espaço onde estavam mais concentradas a denúncia dos problemas e a acusação dos responsáveis, a crítica política e a apresentação de propostas, a valorização da obra feita e a definição de novos objectivos.

O «espaço central» ocupava uma vasta e confortável área coberta, onde nem sequer falta-

vam praças com fontanários e bancos de madeira, entre o «ponto de encontro», o Alentejo,

o «espaço internacional», a «juventude» e Setúbal. Reinavam aqui as exposições, com cartazes, fotografias, maquetas e instalações que iam surpreendendo o visitante (desde o «carro de som» que saía da gigantesca foto de uma manifestação, denunciando os malefícios da política de privatizações, até ao vídeo que mostrava imagens dos políticos da «alternância» com som de vozes de animais, perguntando insistentemente «onde

está a mudança»). Imagens do último congresso do PCP e do comício internacional de Maio passado, no Campo Pequeno, realçavam sob a palavra de ordem «Um PCP mais forte para um Portugal melhor», propondo a entrada para o Forum, decorado com panos de recentes manifestações de trabalhadores.

A política «rosa» e os seus efeitos explanavam-se por 14 painéis temáticos, em fundo negro. Duas bancas disponibili-

zavam os últimos números do «Avante!» e de «O Militante», e convidavam à contribuição para a campanha dos 200 mil contos.

Ali mesmo ao lado, no sítio mais fresco da Festa (para bem dos computadores), o «espaço Internet» permitia conhecer as novidades da *home page* do PCP, efectuar ligações *on-line*, com navegação e envio de mensagens solidárias, ou apenas trocar uns dedos de conversa com dois dos mais cotados especia-

listas das auto-estradas da informação.

A poucos metros, veteranos da clandestinidade mostravam como se fazia a imprensa clandestina, que percorreu todos os caminhos do País em décadas de resistência heróica contra o fascismo. O espaço da imprensa do PCP apresentava-se decorado com as primeiras páginas do «Avante!» desde a anterior Festa.

A passagem para a praça seguinte era marcada pelos tons de vermelho vivo, uma exposição de cartazes russos dos anos 20 e uma foto de Lenine - lembrando assim que, daqui por dois meses, passa o 80º aniversário da Revolução de Outubro.

### Obra com força

Os 21 anos do Poder Local democrático, a obra realizada pelos autarcas comunistas e seus aliados nos diferentes municípios, e o contraste com o que não é feito pelos outros partidos nas câmaras onde têm maiores responsabilidades preenchiam uma vasta área, onde era destacada a necessidade de, nas eleições de Dezembro próximo, «dar mais força à CDU», salientando que esta é hoje «uma grande força autárquica».

Resultado do esforço já realizado e incentivo para a «recta final» da campanha nacional de recolha de fundos para a batalha das eleições foi o anúncio que Ilda Figueiredo fez, durante o comício de domingo à tarde, vibrantemente saudada com sonoros «assim se vê a força do PC»: foram atingidos os 125 mil contos!

No «espaço central» incluíam-se ainda o «café da amizade» e a 10ª Bial de artes plásticas.



## Forum Interesses, descobertas e encontros

Numa Festa com tantos atractivos, houve umas centenas de pessoas que participaram, ouvindo, aplaudindo ou falando, nos debates realizados no Forum do espaço central. Será este facto motivo de surpresa?

O debate político, que tem sido tão maltratado noutros espaços — lá estamos a criticar outra vez a corrida cega das televisões

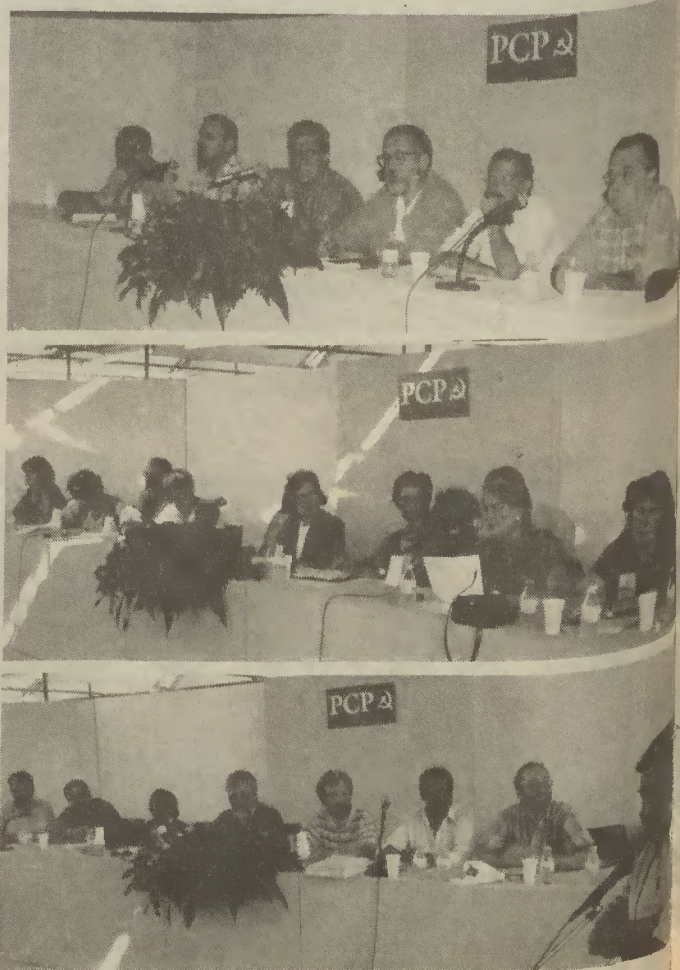
à disposição de quem os queira interpelar sobre grandes questões da vida nacional e do que vai sucedendo pelo mundo.

atrás das audiências! —, continua a ter morada certa na Festa do «Avante!». Dirigentes e eleitos comunistas continuam a colocar-se aqui

O Forum central não é local único, bem pelo contrário: a discussão formalizada ocupa outros locais, um pouco por toda a Quinta da Atalaia, e os debates informais são verdadeiro

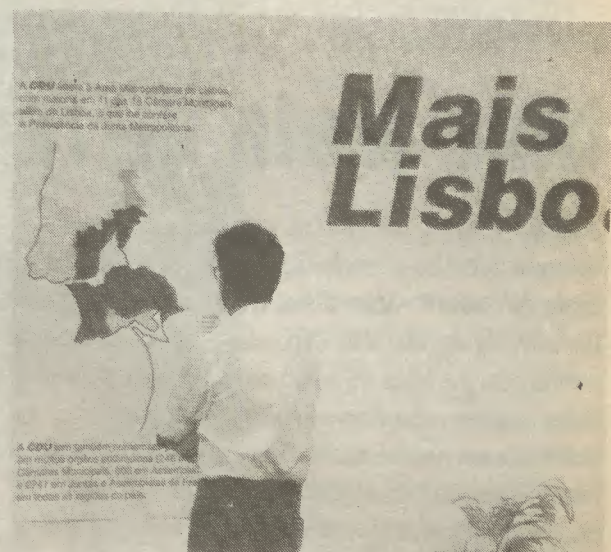
pão-nosso de cada um dos três dias da Festa. Mas ao Forum são chamados alguns dos temas mais actuais e com maior interesse político.

Na noite de sexta-feira debateu-se a política de privatizações, herança que o Governo PS assumiu e prossegue, entregando riquíssimo património público aos grupos económicos privados. Tal como nos tempos do cavaquismo, continua a não ser apresentada qualquer justificação técnica ou económica, continua a não se explicar por que motivo empresas altamente lucrativas têm de deixar de pertencer ao Estado — os participantes no debate fizeram cerradas críticas à política privatizadora, no global, mas o Forum transbordou de exemplos, de casos concretos em que estão à vista os prejuízos de tal política para os trabalhadores que perderam emprego ou que viram os seus direitos atacados na EDP, na Telecom, na banca, na Petrogal... E foi feito um sério alerta para um aspecto desta política que não está a passar pela Bolsa de Valores: muitos serviços públicos que cabem ao Estado passam para as mãos de privados, muito simplesmente, através da sua concessão a empresas... mesmo que isto custe muito mais ao erário público que os defensores das privatizações dizem defender!



Ouvir e intervir. No Forum sucederam-se animados debates





O pavilhão central foi lugar de atenção privilegiando a política, centro de debates e exposições. As lutas e as tarefas, os problemas e as propostas dos comunistas estiveram presentes. E também a história. A do Partido e a das suas raízes na Revolução de Outubro

## Assim foi «à conversa»

«À conversa com...» foi o lema sob o qual decorreu, no espaço reservado na Festa à Imprensa do Partido, um ciclo de debates onde questões como a imprensa partidária, a luta das mulheres, a luta dos trabalhadores, a comunicação social, a luta na clandestinidade foram abordadas.

A primeira «conversa» foi com Blanqui Teixeira que falou da importância e do papel da imprensa partidária face ao panorama da comunicação social no País e alertou para as dificuldades que existem na sua divulgação. Preocupado com o analfabetismo funcional, o dirigente comunista lembrou que a falta de hábitos de leitura exige um redobrado esforço de todos os militantes para que, através da divulgação dos documentos, materiais e imprensa partidária, a voz do PCP chegue a cada vez mais pessoas.

Lúisa Araújo, da Comissão Política, falou sobre a luta e reivindicações das mulheres e as iniciativas legislativas do PCP em defesa da igualdade homem/mulher.

A reposição da reforma das mulheres aos 62 anos; a

lei sobre o ónus da prova, finalmente aprovada na Assembleia da República, que remete para a entidade patronal a obrigatoriedade de fazer prova de não discriminação, e a lei das Associações de Mulheres; a «intensidade da luta» em torno das alterações à Lei da Interrupção Voluntária da Gravidez, foram algumas das questões abordadas e pelas quais, disse Lúisa Araújo, é necessário lutar.

Américo Nunes, por sua vez, abordou as grandes lutas dos trabalhadores no momento político actual, designadamente contra a política de privatizações do Governo PS e a entrega dos principais sectores económicos do País ao grande capital.

Fernando Correia na sua conversa sobre comunicação social,

alertou para o papel que hoje assumiu entre nós a imprensa sensacionalista. Fenómeno longe de ter o peso que tem noutros países da Europa, leva, mesmo assim, a que, no nosso país, a revista «Maria», por exemplo, tenha uma tiragem superior a todos os jornais diários.

A propósito do papel dos hoje tão discutidos «papparazzi», Fernando Correia perguntava por que existem eles afinal? Serão eles os culpados pela devassa da vida privada das «personalidades»? Serão as próprias personalidades? Será a classe jornalista que cria as regras? Será o público que lê este tipo de imprensa?

O problema, disse, não se resolve criando «bodes expiatórios» e escondendo «os patrões dos media que, longe das luzes da ribalta, manobram os cordelinhos». O problema está na existência de um sistema que faz dos media uma indústria «sujeita às leis do mercado, da oferta e da procura».

Na sua «conversa sobre clandestinidade», António Dias Lourenço afirmou que os comunistas são testemunhos vivos das alterações e transformações verificadas na sociedade, não parando nunca no tempo, procurando sempre responder às novas questões que se colocam.

Os «velhos» estão a desaparecer mas a resistência não, assegurou. E a sua mensagem é transmitir às novas gerações o capital adquirido de firmeza, coragem e confiança no futuro, para que sempre saibam enfrentar sem temor as dificuldades.

Lembrando os muitos milhares de comunistas que totalizaram milhares de anos de prisão e os 85 assassinados pela PIDE, Dias Lourenço afirmou terem sido estes riscos assumidos, pelo que a dor era muitas vezes esquecida para «não dar ao inimigo a alegria de ver sofrer». Por tudo isso o PCP é hoje o que é. E, com avanços, recuos, derrotas e vitórias, compreendendo sempre as mudanças, «abre hoje as janelas do futuro aos cidadãos do século XXI».



Os comunistas procuram sempre respostas para as novas situações, disse António Dias Lourenço no colóquio em que participou

## Debates e oradores

### Privatizações

Jerónimo de Sousa, Francisco Lopes e Agostinho Lopes, membros da Comissão Política do PCP, Paulo Trindade, da Direcção do Sindicato da Função Pública do Sul e Ilhas, Vítor Santos, da Comissão de Trabalhadores da Portugal Telecom, Artur Malheiro, da Coordenadora das Comissões de Trabalhadores do Grupo EDP.

### A mulher, a questão social e a Europa

Moderadora - Manuela Bernardino, membro do Comité Central do PCP, da Comissão Central de Controlo e da Comissão junto do CC para os problemas e movimento das mulheres;

Eva Bulling-Schröter, deputada do Bundestag pelo Partido do Socialismo Democrático da Alemanha; Marisa Bergas, membro da Presidência Federal e responsável pela área das Mulheres da Esquerda Unida de Espanha; Michéle Guzmán, membro do Bureau Nacional e responsável da actividade entre as mulheres do Partido Comunista Francês; Maria Lambrinou, membro do Comité Central e responsável da Secção de Mulheres do Partido Comunista da Grécia; Patricia Sentinelli, membro do Bureau Nacional e responsável da organização da cidade de Roma do Partido da Refundação Comunista de Itália; Fernanda Mateus, membro da Comissão Política e responsável da área para as questões e movimento das mulheres do Partido Comunista Portu-

guês. Ingrid Burman, deputada do Parlamento Nacional, membro do Partido da Esquerda da Suécia.

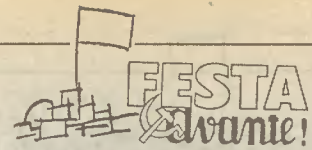
### Eleições autárquicas e regionalização

Lúis Sá, da Comissão Política do PCP e deputado na AR; Abílio Fernandes, do Comité Central do PCP e Presidente da Câmara Municipal de Évora; Rui Godinho, vereador da Câmara Municipal de Lisboa; Augusto Pólvora, administrador-delegado da Associação de Municípios do Distrito de Setúbal e candidato da CDU à CM de Sesimbra; António Luís Pimenta Dias, vereador e candidato da CDU à CM de Gondomar.

### Olhar sobre as migrações - emigrantes portugueses e imigrantes em Portugal

Henrique de Sousa, do Secretariado do CC do PCP; António Filipe, do Comité Central e deputado na AR; João Armando, do Comité Central e da Direcção da Organização do PCP na emigração; Manuel Correia, do Comité Central e dirigente da Frente Anti-Racista; Manuel Beja, emigrante na Suíça, membro do Conselho das Comunidades Portuguesas e dirigente sindical; José Roussado, emigrante em França, membro do Conselho das Comunidades Portuguesas; Fernanda Sanches, animadora social, e candidata na lista da CDU à CM da Amadora, de nacionalidade cabo-verdiana.





# ■ Henrique Custódio As Organizações Regionais na Festa Uma ideia de colectivo

Atender e servir centenas de milhares de pessoas durante três dias é tarefa tão gigantesca como a própria Festa do Avante!. Além disso, trata-se de um trabalho tão estratégico, que dele depende o sucesso directo deste evento sem paralelo no nosso país - sucesso, sublinhe-se, todos os anos reconfirmado pelas multidões heterogêneas que há muito fizeram desta realização dos comunistas portugueses uma referência nacional. Se, em corolário, tomarmos em linha de conta que as centenas de pessoas que asseguram o funcionamento de todas estas estruturas da Festa nem são, maioritariamente, profissionais dos ofícios ali desempenhados, nem qualquer deles retira benefício pessoal das intensas jornadas de trabalho em que se envolvem durante três dias consecutivos, temos um fenómeno de competência: a que deriva da pura generosidade individual a favor duma ideia de colectivo.

Assim, antes de falarmos das Organizações do Partido que mais uma vez levaram o País aos 17 hectares da Atalaia, detenhamo-nos um pouco em quem garante o andamento do prodígio nos três dias da Festa.

Era impossível não dar por eles, até porque deles é que vinha todo o atendimento, fosse

nas bilheteiras onde se adquiriam os pré-comprados dos petiscos pretendidos, fosse aos bal-

coês e nas mesas onde, pelas suas mãos, desaguiavam os produtos escolhidos. Todavia, nem de perto nem de longe estes rostos visíveis do atendimento da Festa preenchiam toda a estrutura humana em acção. Na sua retaguarda formigavam também infatigavelmente muitos outros, aqui garantindo as formidáveis linhas de abastecimento para tão descomunal serviço, ali, amassando o pão, cortando os legumes, limpando a carne, lavando a louça, virando os grelhados, vigiando as panelas, limpando as mesas, organizando os espaços, transportando os víveres, cozinhando as refeições, preparando os petiscos, servindo os pedidos, atendendo os compradores, esclarecendo as dúvidas, controlando as transacções, corrigindo as reclamações, acorrendo às emergências, improvisando no inesperado, colmatando as falhas, explicando os produtos, ouvindo as dúvidas, sugerindo opções - tudo exercido

numa lufa-lufa sem tréguas, debaixo de muitas horas de calor, cercado de solicitações e impaciências típicas de procura em massa, às vezes bombardeado ininterruptamente pelas mais díspares e tonitroantes explosões sonoras.

Excluído que está, à partida, qualquer benefício material para tão árduos e anónimos contribuintes, apenas o empenho individual e colectivo pode explicar estas jornadas de trabalho verdadeiramente heróico, que centenas de pessoas anualmente oferecem à Festa do Avante!.

Todavia, não se julgue que apenas quadros do Partido dão (também) aqui o seu contributo. A par de dirigentes e simples militantes, lá estavam, lado a lado nas tarefas e no entusiasmo, bastantes colaboradores que não têm qualquer vínculo ao PCP, alguns, até, simplesmente atraídos pelo companheirismo que nas suas vidas foram descobrindo nos comunistas das suas relações, companheirismo ampliado



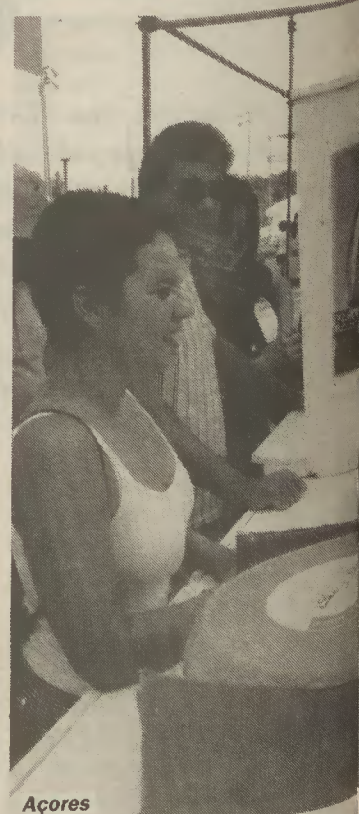
Viana do Castelo

activamente nestas intervenções nos bastidores da Festa.

Outro aspecto a destacar, é a presença crescente de jovens neste «batalhão» de colaboradores, tendência que tem crescido nos últimos anos e mais uma vez se confirmou.

Finalmente, anote-se o grande esforço pessoal que muitas destas colaborações representam, para além do desgaste das tarefas propriamente ditas, e que toca a todos. Numerosos destes obreiros da Festa vieram de bem longe, às vezes consumindo fadigas das próprias férias, para ali acamparem durante toda a iniciativa em condições austeras, quando não desconfortáveis.

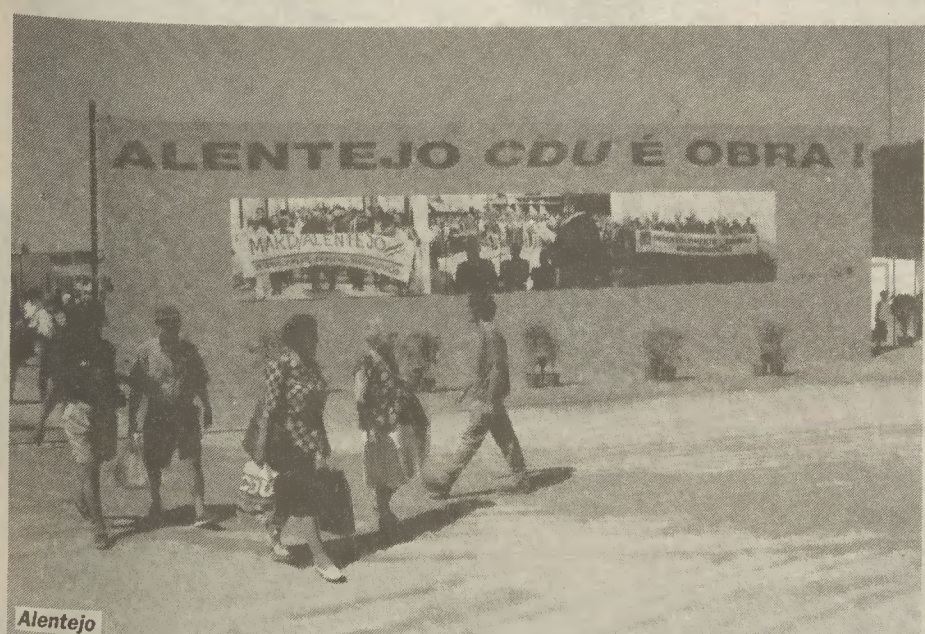
Entretanto, para todos eles, a Festa é essencialmente a do trabalho intenso e desgastante, tendo como único retorno a



Açores



Madeira



Alentejo

satisfação de se ter participado numa realização com estes objectivos e envergadura.

### O País na Festa

Viajemos agora um pouco pelo País que as diversas organizações do Partido trouxeram à Festa.

Descendo a avenida principal, Santarém era a primeira Organização Regional do Partido a oferecer aos visitantes a realidade de ribatejana, este ano sob o

lema «Operário em Construção». Na culinária apurámos que a sopa de pedra atraiu multidões, a Feira de Vinhos do Ribatejo foi um sucesso e a doçaria continuou, firme, a despertar a gula-seima.

Fazendo vizinhança, também ali, com o Ribatejo, o Alentejo apresentava-se com diversificadas ofertas e exposições dos seus três Distritos - Portalegre, Évora e Beja -, com realce para os vinhos e os queijos, a doçaria e o seu artesanato tão original e diversificado.

Neste ponto da avenida, bastava atravessá-la para se estar em Lisboa. A Organização da capital escolheu como tema central as Docas da Cidade, destacando a Zona Ribeirinha que a Expo'98 está a requalificar. No seu vasto espaço e em matéria de petiscos, a dificuldade estava na escolha, quer nos virássemos para o conceituado Café Concerto, quer nos perdéssemos pelas numerosas «tascas», bares e esplanadas que a ORL do PCP ali pôs mais uma vez em funcionamento, a par de exposições fotográficas ilustrando as lutas dos trabalhadores do Distrito.

Setúbal vinha a seguir, neste roteiro pela avenida principal abaixo, onde se destacava, pela imponência e pormenor, a exposição sobre os 20 anos de Poder Local Democrático, neste Distrito exercido com trabalho concreto pela CDU, maioritária em 12 dos seus 13 municípios, com sugestivos painéis e elementos escultóricos. A mistura, evidentemente, com os petiscos de créditos firmados, nomeadamente em matéria de peixe e mariscos.

No final da avenida e frente ao palco principal estava, mais uma vez, o Porto, desta vez



Lisboa



Porto

apresentando, do ponto de vista decorativo, uma espectacular visão do casario da Ribeira e da silhueta inconfundível da Torre dos Clérigos, homenagem à cidade cujo Cenário Histórico foi recentemente declarado Património Mundial. Por trás do painel, uma não menos espectacular esplanada onde espreitavam as delícias culinárias do Norte, fazendo apeteecer ficar logo ali.

Algarve e Braga - duas extremidades no território continental - apresentavam-se lado a lado na Festa. E apresentavam-se muito bem. O primeiro, mostrando uma exposição sobre os problemas regionais e as propostas do PCP, com destaque para as candidaturas às próximas eleições autárquicas, não deixou de trazer a sua inconfundível doçaria. Braga mostrava-se através de arcos típicos de uma romaria minhota, atrás dos quais se podiam encontrar doces propostos: pão-de-ló de Vizela, clarinhas de Fão, toucinho do céu, papos de anjo...

Subia-se um bocadinho outra avenida e lá estava Viana do Castelo de braço dado com Bragança. Viana abria-se em três áreas distintas - um pavilhão de artesanato, outro de doces regionais e produtos do Alto Minho e uma Adega Regional. Uma tentação em triplicado. Bragança não lhe ficava atrás: Ele era o azeite de Vila Flor, o mel da Terra Quente e do Parque Natural de Montesinho, o queijo de ovelha churra, as aguardentes e os moscatéis...

Guarda, Leiria e Madeira estavam um pouco mais abaixo, na mesma encosta das anteriores, mas nem por isso ofereciam menos. Na Guarda, à semelhança de Castelo Branco, imperava a tábua de queijos e a garrafeira, mais os presuntos e os enchidos - tudo de se lhe tirar o chapéu - enquanto em Leiria, a estrela continuou a ser o Forno de Vidro, onde o visitante podia ver ao vivo a manufactura das delicadas peças que, também ali, se podiam adquirir. Quanto à Madeira, voltou a trazer a sua própria equipa para, numa azáfama sem quebras e uma energia assinalável, dar vazão a uma clientela de ano para ano mais seduzida pela doçaria e o artesanato muito peculiares desta Região Autónoma.



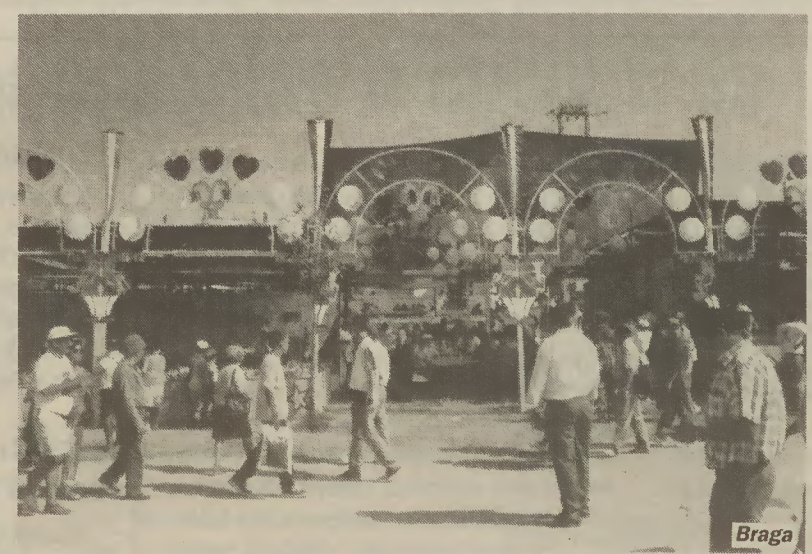
Bragança



Leiria



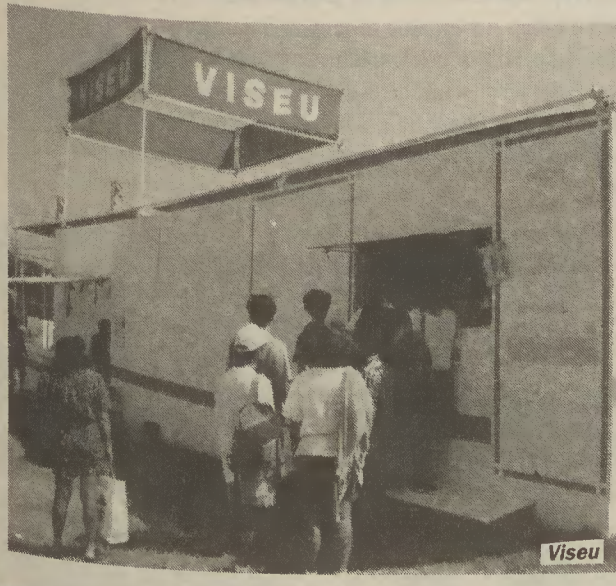
Castelo Branco e Guarda



Braga



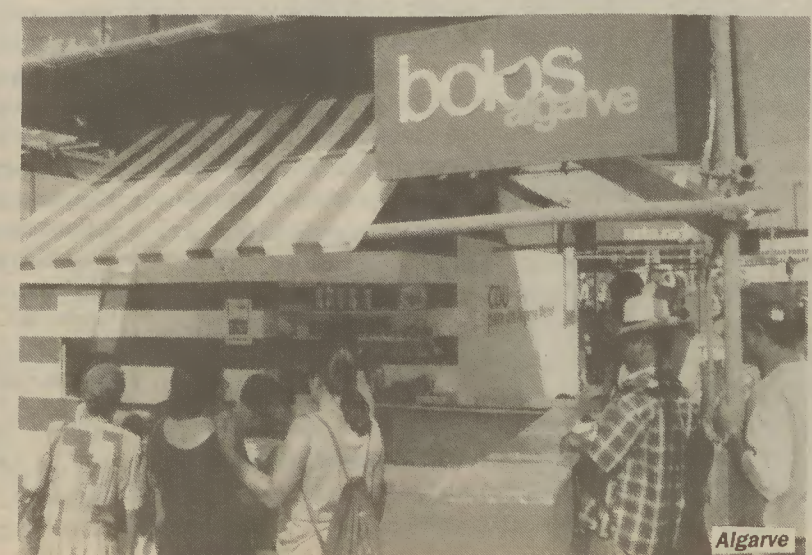
Vila Real



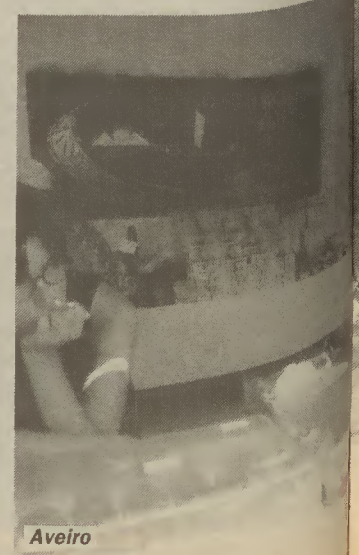
Viseu



Santarém



Algarve



Aveiro



Coimbra



Setúbal



Aveiro, Viseu e Açores partilhavam o topo esquerdo da colina, no sentido de quem sobe. Mas quem podia verdadeiramente partilhar um mundo de coisas ali expostas era o visitante: ovos moles de Aveiro, pão-de-ló de Ovar ou de Arouca, presuntos e vinhos de Viseu, artesanato e licores açorianos, a dificuldade estava na escolha.

No mesmo topo da colina, mas no lado direito, apresentavam-se Coimbra, Vila Real e Castelo Branco. Coimbra animou as noites com o seu Cantinho do Artista. Vila Real trouxe o Vinho Fino do Douro, tratado pelo lavrador e que é, nem mais nem menos, que o vinho do Porto sem misturas, e Castelo Branco, a par de exposições viradas para a batalha autárquica, desafiava o visitante com uma bela tábua de queijos, e uma não menos deslumbrante garrafeira, a par de presuntos e enchidos como só por lá.



## Um espaço de inocência



Com vista para o Tejo, num espaço privilegiado, aliás o mesmo do ano passado, erguia-se o stand dos Pioneiros, cuja decoração estava este ano subordinada ao lema da luta contra o racismo.

Alheias ainda a sentimentos ou preconceitos tão ignóbeis como esse do racismo - para os quais, contudo, como causa

de discriminações, ódios, mortes e guerras em todo o mundo é preciso chamar desde cedo a atenção -, as crianças brincavam no seu espaço as brincadeiras de sempre.

Era ouvir os risos soltos vindos dos escorregas e baloiços. Era ver as alegres caras acabadas de pintar por esmerados artistas pouco mais velhos que os modelos.

Eram as bichas de dois a dois que se formavam para a «gincana» que, num terreiro acima do stand, se desenrolava, à espera cada vencedor de levar um tubo de fazer «bolas de sabão». Era o divertido (e muitas vezes falhado) tiro (leia-se bola) «à lata». Era este ano o jogo de ping-pong preferido dos mais velhos.

Tudo se conjugava para que, também naquele espaço de inocência, acontecessem três dias de alegria e festa.

Que dois quiosques - um de refrescos, outro de gelados - completavam.



## Um voto com força

«Uma vergonha. Trabalha um tipo uma vida inteira como um escravo e, seja lá como for, ajuda a construir o país para quê? Quando chega a velho o que é que lhe dão? Uma esmola! E a culpa não é só do Governo: é também de quem lá o pôs! Todos reclamam, reclamam mas quando chega a altura de votar parece que esquecem tudo e vão na conversa de quem fala mais bonito. Votassem todos e bem a ver se as coisas não mudavam!»

O revoltado discurso, feito por um homem

de idade, baixo, de corpo seco tisonado do sol, era dirigido a três outros idosos que, para descansar do passeio que acabavam de dar pela Festa, se sentavam à volta de uma mesa do Pavilhão dos reformados, onde um pequeno bar fornecia refrescos.

Uma despreziosa exposição fotográfica patente no pavilhão parecia querer dar razão ao comentário que acabava de ser feito. As pensões de reforma de 97, o aumento intercalar e a política do Governo eram algumas das denúncias que apareciam com destaque, a par da informação sobre o papel do PCP em defesa dos interesses dos reformados e da exigência da anulação da legislação que lhes retirou direitos adquiridos.

E a necessidade da intervenção dos reformados nas próximas eleições autárquicas era, de facto, uma outra questão para que a exposição política dos reformados chamava a atenção.



## Para o ano, cá nos encontramos!

Não fora por outras razões, bastaria o ponto de encontro e reencontro que representa, o convívio, a troca de abraços e de opiniões que permite, a possibilidade que dá de matar o que só os portugueses sabem traduzir por palavras - a saudade -, bastaria isto, dizia ao «Avante!» um habitué da Festa, para que a existência do pavilhão da Emigração se justificasse.

Mas há outras razões. Aqui muitos emigrantes se juntam para discutir os problemas que no momento os afectam e traçar orientações para o ano político que se inicia. Este ano, por exemplo, imediatamente no dia a seguir ao encerramento da Festa do «Avante!», vai reunir pela primeira vez na Assembleia da República o Conselho das Comunidades Portuguesas recentemente eleito. Uma ocasião que não deve ser «desperdiçada».

É preciso - diziam alguns emigrantes, em sintonia com um comentário do PCP sobre a reunião -, que ela contribua para «dar a necessária dimensão nacional aos problemas concretos da emigração e para substituir a superficialidade e o espectáculo mediático que caracterizam a actuação do Governo nesta área por um programa coerente de medidas concretas».

Mas nem só emigrantes visitam este pavilhão. Outros visitantes sabem que lá podem encontrar bons petiscos, como sejam as já tradicionais salsichas alemã e francesa que na Festa não têm paralelo. E todos os anos fazem dele ponto de passagem.

## Uma luta necessária

Como habitualmente, também este ano um stand simples marcava a presença dos deficientes comunistas na Festa.

Uma pequena exposição fotográfica lembrava as iniciativas mais recentes ligadas à luta dos deficientes portugueses. Uma luta necessária à defesa dos interesses desta camada da população que, apesar dos seus problemas muito específicos, é quantas vezes esquecida, sofre quantas vezes intoleráveis discriminações.

O 6º Congresso Nacional dos Deficientes, o II Parlamento Nacional dos Deficientes, a Vigília junto à residência do Primeiro-Ministro, o Encontro Nacional de 1997 e a Semana Nacional de Sensibilização e Consciencialização dos Problemas dos Deficientes, foram alguns marcos de

luta com que os comunistas assinalaram este ano na «Festa do Avante!» a exigência dos deficientes portugueses, em relação ao Governo, de medidas concretas de apoio à sua completa inserção na sociedade.





# Uma participação indispensável

■ Margarida Folque

Pavilhão da Mulher - espaço de «cumplicidade», considerava este ano o Programa da Festa. Cumplicidade que acabou, de facto, por estar presente em todas as iniciativas aí levadas a cabo.

Ponto de encontro habitual das comunistas e simpatizantes do PCP empenhadas na luta das mulheres, o pavilhão da Mulher voltou a juntar nos seus espaços envolventes muitas mulheres que, festejando a alegria de novos reencontros, aproveitaram para aí passar agradáveis momentos de descanso e convívio.

O bar, que servia apetitosas sanduíches de carne assada e atum, bolos caseiros e regionais, apresentava, ao lado de algumas caras já conhecidas de anos anteriores, caras novas que ofereciam acespipes aos (às) visitantes com o reconhecido brio que, afinal, deu fama ao bar do pavilhão da Mulher.

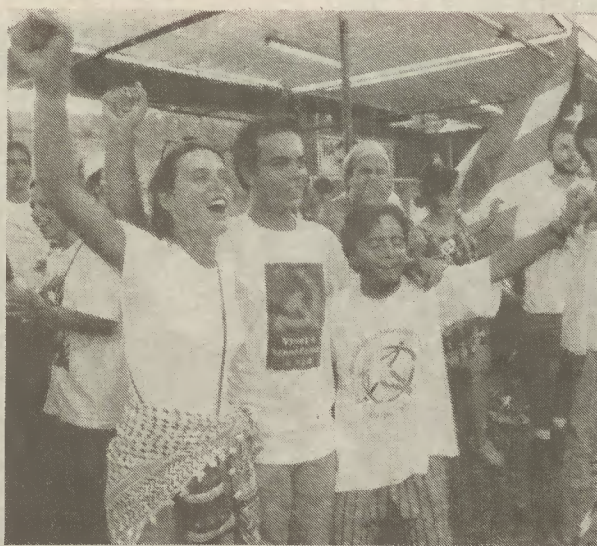
Algumas novidades chamavam este ano a atenção para este pavilhão. Foi o caso da Feira da Ladra, pela primeira vez aí realizada. Uma grande quantidade e variedade de materiais (todos oferecidos e de boa qualidade) primavam, para além do mais, pela forma cuidadosa como estavam expostos. Indicando haver ali... «mão feminina». Por essas ou outras razões, a verdade é que, dizem as organizadoras, a iniciativa se mostrou bastante rentável.

Pela sua importância, é de destacar, contudo, a exposição política. As propostas e iniciativas legislativas do PCP, em 1997, em prol da igualdade

homem/mulher; as iniciativas do movimento feminino, designadamente no 8 de Março; os aspectos mais gravosos da política governamental para as mulheres, foram questões que as mulheres comunistas não quiseram deixar de assinalar na sua exposição.

Entretanto, e como seria de esperar dada a sua proximidade, as eleições autárquicas foram tema a merecer particular destaque. O reforço da presença das mulheres nas listas da CDU, a importância do seu contributo para o projecto autárquico da Coligação e para a qualidade de vida das populações foram outros aspectos da participação feminina que não podiam ser e não foram esquecidos.

Enfim, o pavilhão da Mulher foi mais uma vez «um espaço a chamar a atenção para a importância da participação das mulheres comunistas na vida partidária e das mulheres portuguesas, em geral, na defesa da igualdade de direitos e da plena cidadania», como disse ao «Avante!» uma das promotoras.



## Ser jovem com alegria

Eram milhares, milhares e milhares de jovens. Chegavam de todas as maneiras e de todos os lados para aquela que já é a «sua» festa - a Festa do Avante! Especialmente notada foi a chegada dos mais de 400 jovens que, trazidos no comboio promovido pela Juventude CDU, vinham do Porto, Aveiro, Coimbra e Santarém. Pouco depois, era vê-los, misturados com os outros, à descoberta da Festa.

«Três noites, três histórias, uma luta» era o lema ao qual este ano se subordinavam as iniciativas políticas e a própria decoração do espaço reservado à Juventude.

Um filme alusivo à Revolução de Outubro, imagens sobre Che Guevara e a revolução cubana e o 18º aniversário da JCP foram os três momentos escolhidos pelos jovens comunistas para leva-

música. E várias foram as bandas que tocaram no espaço da juventude, algumas imediatamente a seguir à passagem de audiovisuais, obrigando a Cláudia e o Carlos a verdadeiros malabarismos para rapidamente dali tirarem a tela, dando lugar a outro cenário.

O momento alto das diversões foi, contudo, atingido, com a passagem de modelos. Oito jovens criadores de moda

anos da morte de Che Guevara, cujo conteúdo um monitor ao lado ia mostrando.

Entretanto, brigadas de jovens distribuíam na Festa, junto com uma targeta - «Diferentes na forma / Diferentes no conteúdo» -, o Agit e fichas de adesão à Juventude CDU e à JCP. Centenas de adesões à Juventude CDU e dezenas de adesões à JCP foi o positivo saldo desta iniciativa.

O problema da toxicod dependência não foi esquecido no pavilhão da juventude. Um painel subordinado ao lema «Toxicod dependências - opressoras da liberdade» apontava números terríveis e apresentava as propostas da JCP para combater o flagelo.

Outro painel - «Pinta aqui contra o racismo» - assinalava o Ano Europeu contra o Racismo e a Xenofobia. Entre os jovens, que logo aderiram à iniciativa (na sexta-feira à noite o painel estava completamente pintado), o «Avante!» reparou que, a querer também dar a sua «pincelada», se encontravam Carlos Carvalhas, Secretário-geral do PCP, e Carlos Brito, director do «Avante!». Que, naturalmente, a deram! Convidado a participar foi ainda Manuel Correia, presidente da Frente Anti-racista, que ali se encontrava.

Outro tema que a Juventude Comunista não esqueceu foi o da sexualidade. Abordado sob vários aspectos, o tema foi tratado ainda em milhares de folhetos



rem à Festa do Avante uma luta que não é só deles. Que pertence a novos e menos novos, comunistas e outros democratas, ali e em toda a parte.

Para falar dos 18 anos da JCP - momento político moderado por Paulo Raimundo - foi convidada Amélia Pardal, ex-militante e ex-dirigente da «J», que, com satisfação autêntica, referiu a alegria de ter vivido na JCP momentos de fraternidade inesquecíveis e a importância que essa vivência teve para a sua formação humana.

João Frazão, que a seguir interveio, aludiu ao significado das comemorações do aniversário da JCP - uma festa entre tantas outras que esperam os jovens comunistas (eleições autárquicas, luta contra as propinas, etc.) - e apelou à integração dos jovens no desfile (que daí veio a sair) para o comício de domingo.

Entretanto, a exposição política erigida no pavilhão destacava aspectos da luta contra as propinas, a PGA e o estudante elegível e abordava os problemas dos trabalhadores/estudantes e dos jovens trabalhadores, o XIV Festival da Juventude em Cuba, os 18 anos da JCP.

Mas não seria este um pavilhão de jovens se lá não tivesse acontecido



fizeram desfilar, nas noites de sexta-feira e sábado, raparigas e rapazes, vestidos de forma por vezes extravagante mas sempre criativa e jovem, com modelos onde por vezes dominavam materiais como a corda, a madeira e o metal. A passagem de roupas de renda por rapazes eram verdadeiras pedras atiradas ao charco dos preconceitos.

Para quem quisesse, era ainda possível adquirir no espaço juventude t-shirts da JCP, do Che Guevara, do Lénine. Ou pins e autocolantes. Ou ainda, por 1500\$00, uma disquete dedicada aos 30

tocando problemas tão importantes como o da gravidez precoce. Ao mesmo tempo, era lançado um abaixo-assinado para o alargamento das condições para a legalização da interrupção voluntária da gravidez, que logo recolheu centenas de assinaturas. Entretanto, a juventude CDU oferecia um preservativo numa caixinha onde se podia ler «Sem risco/ com prazer».

Uma página apresentava na Internet o espaço da JCP na Festa. Que os jovens comunistas fazem questão de acompanhar as novas tecnologias.





## Rádio Portugal Livre Uma voz ao serviço do povo

Numa mesa composta por Carlos, Inês, Vidal, Beatriz, Luísa e Helena recordou-se e recreou-se, no espaço do Café Concerto, um dia do Rádio Portugal Livre. Zeferino Coelho, Maria da Piedade Morgadinho, Aurélio Santos, Margarida Tengarrinha, Isaura Vieira e Veríssima de seus nomes verdadeiros davam, assim, corpo a uma iniciativa política que foi talvez das mais interessantes da Festa.

Com início a 12 Março de 1962, a Rádio Portugal Livre (sobre cujo local de emissão muito se especulava - a partir da serra da Estrela?, de um barco ao largo de Sines?) funcionou ininterruptamente, na Roménia, até ao dia 27 de Outubro de 1974, altura em que o PCP considerou estarem asseguradas as liberdades em Portugal, tornando dispensável a emissão da voz do PCP a partir do estrangeiro.

Com algum humor, cada um dos membros da mesa enunciou as tarefas que na Rádio lhe cabiam, contando episódios desconhecidos da maioria do público que os ouvia com manifesto interesse.

Aurélio Santos, o então responsável da Rádio Portugal Livre, fez questão de lembrar que este era o único meio através do qual os portugueses podiam conhecer a verdade dos factos, já que a feroz censura que imperava em Portugal, a não ser muito raras vezes e nas entrelinhas, nada deixava passar sobre qualquer luta ou movimentação dos trabalhadores e do povo português. «E podíamos contar uma greve ou uma luta com um mês de atraso, que era sempre novidade», ironizou Aurélio Santos.

A sessão foi acompanhada da emissão de extractos da gravação de algumas emissões como da proclamação do PCP quando da queda de Salazar, ou das comemorações do 50º aniversário da Revolução de Outubro, da entrevista feita por Margarida Tengarrinha ao responsável do comité dos marinheiros do navio *Aurora*, que mandou disparar sobre o Palácio de Inverno, ou do apelo à libertação de presos políticos, nomeadamente de José Victoriano que naquele momento se encontrava na assistência.

Mas as emissões, que rigorosamente duravam 28 minutos, eram tratadas com cuidado e brio e Maria da Piedade Morgadinho lembrou as canções que as acompanhavam e que iam da música clássica ao bom folclore português e, naturalmente, às canções então proibidas pelo fascismo, sendo os «Vampiros» delas a preferida.

Foi com viva emoção que a assistência ouviu Veríssima e Isaura lembrarem a excitação e expectativa com que todos tomaram conhecimento do 25 de Abril e Zeferino lembrar o «buraco» que ele e todos os outros ainda têm na alma por só de longe terem acompanhado o acontecimento tão marcante nas suas vidas - o 25 de Abril.

Uma voz ao serviço da verdade e do povo, a Rádio Portugal Livre teve, durante os seus doze anos de vigência, um papel notável na divulgação das lutas do povo português e das posições do PCP. Foi por isso particularmente tocante para os presentes ouvir a passagem da gravação com a última emissão da Rádio Portugal Livre, com que esta iniciativa encerrou.



## Espaço Internacional Convívio e solidariedade

Convívio e solidariedade, Che Guevara e a Revolução de Outubro - perspectivas diversas presentes no Espaço Internacional, numa Festa marcada pelo lema de todos diferentes, todos iguais.

“Minha raça sou eu mesmo. A pessoa é uma humanidade individual. Cada homem é uma raça.” Palavras de Mia Couto, num painel na área da Juventude destinado à livre expressão gráfica em torno do tema racismo, mesmo ali, paredes meias com o Espaço Internacional.

Palavras que de alguma forma traduzem o lema anti-racista que percorria a Festa - todos diferentes, todos iguais - e que no Espaço Internacional tem todos os anos muito naturalmente a sua expressão. Pela diversidade de realidades partilhando interesses fundamentais comuns. Pelas expressões de solidariedade que aí têm sempre a sua marca.

Ao longo dos três dias deste fim-de-semana, o movimento de sempre, entre o petisco já esperado, pretexto para convívio entre amigos e até para unir vozes num improvisado coro comum, e a múltipla oferta de artesanato, deixando algumas bancas quase despidas pela tarde de domingo.

Os stands de Cuba - abarcando do restaurante/bar ao artesanato, do apelo contra o bloqueio ao salientar da figura de Che - assumiram aliás particular realce na animação do Espaço Internacional. Nos espaços dos países latino-americanos, como nos de Angola, Moçambique ou Cabo Verde, ressaltava a beleza, muito procurada, das peças de artesanato.

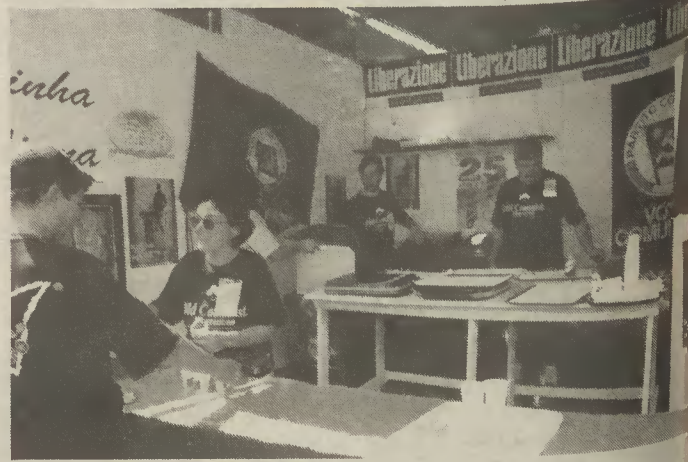
A Revolução de Outubro e a homenagem a Che Guevara, prevista para Outubro próximo, em Cuba, foram algumas das referências marcantes este ano, num desdobrar de painéis alusivos, e que tiveram também o seu momento, no espaço de solidariedade, nos breves encontros/colóquios com representantes de Cuba e de comunistas e outros militantes de esquerda da Rússia.

O apelo e a invocação da solidariedade perpassava todo o Espaço Internacional, quer

sof a forma de apelos directos quer pela amostragem de realidades particularmente difíceis.

Povos a quem, de formas diversas, é contestado, na prática, o direito a uma pátria, como é o caso dos timorenses, dos saharis, dos curdos e do povo palestino. Ou a lembrança do que foi o fascismo no Chile, num momento em que Pinochet dá uma aula de despedida, na Academia Militar de Santiago, defendendo esse mesmo fascismo.

Entre Timor e o Brasil, no espaço reservado aos Sem Terra (MST), apelava-se à solidariedade, de um lado com



postais evocativos de Xanana Gusmão, de outro com um abaixo-assinado por um julgamento imparcial e justo para o líder do MST, José Rainha.

Lutas com diferentes objectivos - o direito à autonomia e a uma pátria, para os timorenses ou a reivindicação e uma Reforma Agrária, para os Sem

Terra do Brasil - no apelo comum ao apoio dos que iam percorrendo os caminhos da Festa.

Festa múltipla em que se entrecruza informação e convívio, a *caipirinha* no grupo de amigos, o esclarecimento, as diversas expressões de solidariedade.



## Quatro momentos de solidariedade A Revolução de Outubro relembrada

Solidariedade e animação cultural alternam todos os anos no Espaço Solidariedade. Um difícil equilíbrio entre *tempos* que se revelam sempre escassos.

Ao longo de sábado e domingo, abarcando também períodos de intenso calor, as actuações de diversos grupos musicais alternaram com **quatro momentos de solidariedade** (com os povos de Angola, Cuba, Palestina e Timor-Leste) e uma breve sessão a assinalar o 80º aniversário da Revolução de Outubro.

Uma nota de optimismo a afirmar-se num quadro de profundos problemas, veio do representante de Angola, Jorge Inocêncio, membro do CC do MPLA, que - numa sessão que contou também com a presença de José Neto, do CC do PCP -

sublinhou a importância de se ter entretanto conseguido avançar na criação de estruturas democráticas, num quadro de guerra. Um testemunho, entre outros, de que mesmo numa situação de profundas dificuldades e insegurança, o povo angolano se bate por encontrar vias para uma vida melhor, pelo seu direito a viver e trabalhar em paz.

A realidade angolana continua entretanto profundamente marcada pela guerra - entre ameaças sempre pendentes e um quotidiano em que a sobrevivência é uma árdua luta. Situação de guerra que se arrasta com a persistência da Unita em ignorar de facto todos os acordos e protocolos, de Bicesse a Lusaca. O acantonamento militar não foi feito nem tão-pouco entregue o grosso do armamento. As áreas diamantíferas do leste do país continuam ocupadas.



## Delegações na Festa

Estiveram presentes na Festa 43 delegações de 34 países.

- . Partido Comunista Alemão / DKP
- . Partido do Socialismo Democrático / PDS (Alemanha)
- . MPLA (Angola)
- . Partido Comunista da Argentina
- . Partido Comunista da Bélgica
- . Partido do Trabalho da Bélgica
- . Partido Comunista do Brasil
- . Partido dos Trabalhadores (Brasil)
- . PAICV (Cabo Verde)
- . Partido Comunista do Chile
- . Partido Comunista da China
- . Partido Comunista Colombiano
- . Partido do Trabalho da Coreia
- . Partido Comunista de Cuba
- . Partido dos Comunistas da Catalunha (Espanha)
- . Partido Comunista de Espanha
- . Esquerda Unida (Espanha)
- . Bloco Nacionalista Galego (Espanha)
- . Partido Comunista Francês
- . L Humanité (França)
- . Partido Comunista da Grécia
- . União Revolucionária Nacionalista Guatemalteca / URNG
- . Partido Comunista Britânico (Grã-Bretanha)
- . Partido Comunista Iraquiano
- . Partido Refundação Comunista (Itália)
- . Partido Comunista Japonês
- . Frente de Libertação Nacional do Kurdistan
- . Partido Popular Revolucionário Lao (Laos)
- . Partido Comunista Libanês
- . Partido da Vanguarda Democrática-Socialista / PADS (Marrocos)
- . União Socialista das Forças Populares (Marrocos)
- . Partido Prelimo (Moçambique)
- . Organização de Libertação da Palestina
- . Partido Comunista Peruano
- . Partido Comunista da Federação Russa
- . Partido Agrário (Rússia)
- . Frente Polisário (Sahara Ocidental)
- . Movimento de Libertação de S. Tomé e Príncipe - MLSTP/PSD
- . Partido Comunista do Sudão
- . Partido da Esquerda (Suécia)
- . Partido dos Trabalhadores (Turquia)
- . FRETILIN (Timor-Leste)
- . Partido Comunista do Vietnam



Nota reforçada de optimismo marcou, por sua vez, o momento de solidariedade com Cuba. O jornalista Miguel Urbano Rodrigues deu o tom do debate realçando a ideia de que a resistência cubana se assume como resistência "à barbárie neoliberal", ao arpejo de um sistema de vida em que "a produção representa menos que o dinheiro".

Emílio González, do CC do PC de Cuba, referiu os êxitos económicos do seu país após o período de crise e, em particular, a defesa das principais conquistas da revolução e do bem-estar da sociedade, como prioridade que se afirma face a "este mundo neoliberal". A militância - que envolve cerca de 10% da população - quer no PC quer na Juventude Comunista - foi outro facto destacado.

A difícil situação que continua a ser imposta ao povo da Palestina foi uma vez mais denunciada, num debate que contou com a presença de Hanan Awad, presidente da Federação das Mulheres Palestinianas e de Domingos Lopes, do CC do PCP.

Solidariedade com Timor-Leste foi tónica no encontro com Roberto Jerónimo, da Comissão Política da FRETILIN, em que participou igualmente António Filipe, membro do CC do PCP e deputado à Assembleia da República.

Na sessão comemorativa do 80º Aniversário da Revolução de Outubro participaram Aurélio Santos, da Comissão Central do Controlo do CC do PCP e os membros da delegação russa, do Partido Comunista da Federação Russa e do Partido Agrário.

As numerosas delegações presentes na Festa foram recebidas, como já é tradição, no domingo de manhã, pelo Secretário-Geral do PCP, Carlos Carvalhas, acompanhado de Virgílio Azevedo, Manuela Bernardino e Carlos Brito, expôs os traços essenciais da situação política. Seguiu-se um convívio entre as delegações e dirigentes do Partido





## Avanteatro



## Do palco para a plateia

O Avanteatro abriu este ano ao público num espaço novo que correspondeu a um conceito diferente do teatro na Festa.

O ruído normal da Festa, onde se cruzam múltiplas fontes sonoras, constituiu ao longo dos anos uma dificuldade para os actores e público, prejudicando, por vezes fatalmente, muitos espectáculos.

Mesmo a mudança de local verificada em 1996, para a zona ribeirinha, aberta nesse ano aos visitantes, revelou-se insuficiente pois não garantiu o desejado silêncio devido à proximidade do Palco 25 de Abril.

Este ano, porém, os organizadores foram mais além. Não se limitaram a procurar uma nova localização e decidiram apostar no teatro de rua, certamente mais adequado às condições da Festa.

Surgiu assim, perto da entrada da Quinta da Princesa, um novo recinto ao ar livre, delimitado por painéis de madeira, que albergava um palco de generosas dimensões com aparelhagem sonora, bem como cadeiras para o público.

Por aqui passaram grupos consagrados como o **Teatro Art'Imagem** e o **Teatro ao Largo** e ainda a Associação Teatral «**O Olho**». Esta última abriu a programação no sábado à tarde, apresentando um espectáculo que combinou música, expressão corporal, cor e movimento. «**O Mundo Morre a Ocidente III**» é uma peça baseada numa história de uma personagem muda que ressuscita três vezes e foi encenada por João Garcia Miguel. A interpretação esteve a cargo de Ana Borralho, José Pedro Garcia, Maria Radic, Miguel Borges, Mónica Samões e Rita Só.

O **Art'Imagem** apresentou à noite a peça «**Deuses Como Nós**», versão livre dos doze trabalhos de Hércules que mistura elementos da antiguidade grega com referências dos nossos dias. Com texto de Ricardo Alves, que integrou a equipa de

encenação com José Leitão e Pedro Carvalho, a interpretação foi de Jorge Pinho, José Leitão, Lúcia Ramos, Marta Mateus, Pedro Carvalho e Vitória Horta, entre outros.

A programação de domingo foi preenchida com duas peças do **Teatro ao Largo**: «**Arlequim**» e «**Salomé**» que fechou a noite.

«**Arlequim**» é uma farsa adaptada de um texto do século XVIII, escrito para ser representado nos mercados e feiras de Paris e arredores por uma trupe de actores viajantes. Comédia divertida, cheia de colorido e acção, cativou crianças e adultos que encheram o Avanteatro na manhã de domingo.

Regressando à noite, praticamente com o mesmo elenco de actores (onde sobressaem Stephen Jonhson, que também dirige a encenação, Pureza Pinto Leite, Luís Santiago, Paulo Oliveira, Vanessa Rigg e Lia Gama), o **Teatro ao Largo** representou a peça «**Salomé**» inspirada na história bíblica de Salomé e João Batista. Estreado no passado mês de Maio, em Vila Nova de Milfontes, este espectáculo recolheu mais uma vez os aplausos do público, encerrando em grande o Avanteatro'97.



Teatro ao Largo: «Arlequim» e «Salomé»



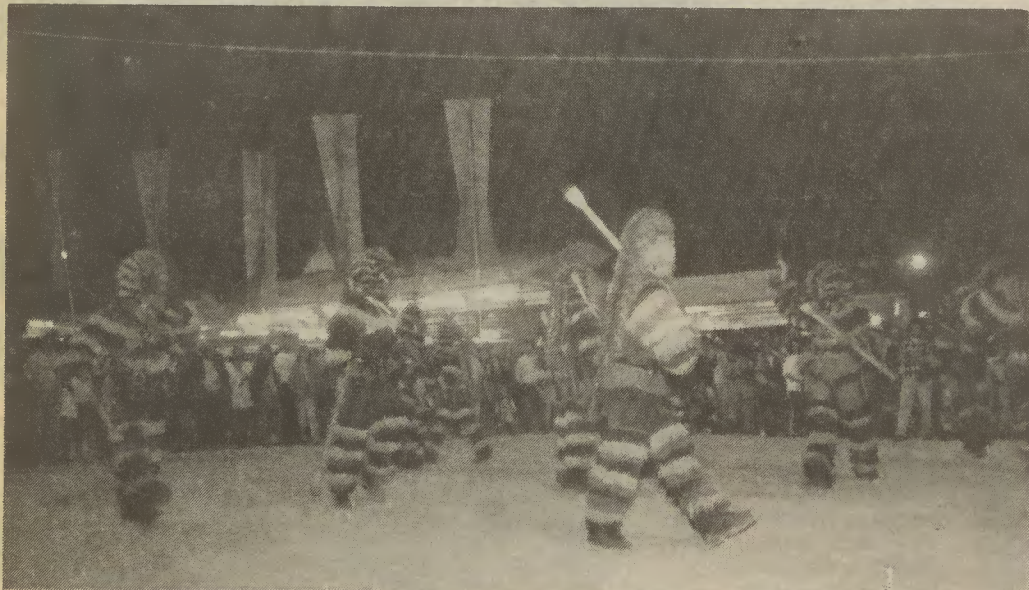
Art'Imagem: «Deuses Como Nós»



O Olho - Associação Teatral: «O Mundo Morre a Ocidente III»

## Ruas animadas

Bombos, ranchos folclóricos, bandas filarmónicas, Caretos, desfilaram pelo recinto da Festa onde também aterraram coloridos pára-quedistas de Loures, pondo toda a gente a olhar para o céu. A animação de rua esteve ainda a cargo dos Estudantes da Escola Bento de Jesus Caraça, e muitos foram os visitantes que mostraram que também são capazes de dar espectáculo.







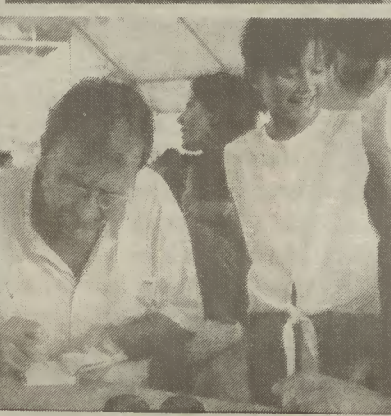
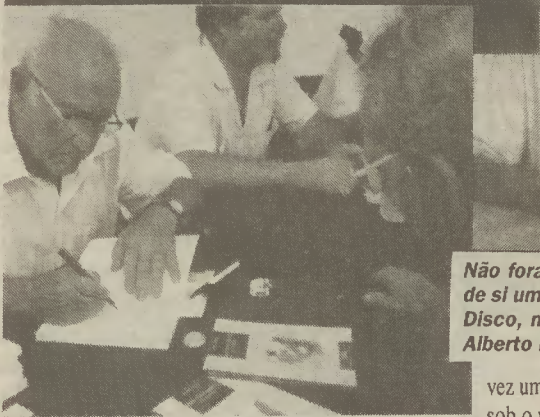
## Os livros da Festa A memória e o que se faz com ela

Mais uma vez, o vasto espaço dedicado aos livros, mesmo nos momentos de maior calor, foi um formigar de gente durante os três dias do passado fim-de-semana. Muitas editoras presentes, com destaque para as Edições «Avante!» e para a «Caminho», propunham não apenas uma escolha variada aos visitantes entre as suas obras já conhecidas, mas também novidades. E saldos tentadores. Muitos autores por lá passaram, autografando livros, convivendo com os seus leitores. No momento em que o repórter visitou o pavilhão, António Dias Lourenço, rodeado de amigos, autografava o seu recente livro «Alentejo, legenda e esperança».

O Pavilhão do Livro foi, entretanto, palco de lançamentos. Quatro livros suscitavam as atenções e muita gente lá foi ao saber disso. As Edições «Avante!», na sua colecção *Cadernos de História do PCP*, publicava *O Caminho para o Derrubamento do Fascismo*, o Informe Político do Comité Central ao IV Congresso, de Álvaro Cunhal, que faz acompanhar a edição de uma introdução escrita 50 anos depois. O mesmo autor, sob o pseudónimo de Manuel Tiago, vê ser lançado um novo romance seu, *A Casa de Eulália*. Em redor destes dois livros, o vivo interesse de muitos leitores. No sábado, duas outras novidades. Jaime Serra participava na sessão de lançamento de *Eles Têm o Direito de Saber*, páginas da luta clandestina que o autor viveu. Por sua vez, Carlos Brito, o director do nosso jornal, lançava novo livro de poesia, desta vez na «Caminho»: *Voz Ocasional*.

### O IV Congresso 50 anos depois

Valioso documento para a compreensão da história do PCP e da luta antifascista, este *Informe Político do Comité Central* ao IV Congresso do Partido Comunista Português, apresentado então pelo camarada Álvaro Cunhal sob o pseudónimo de Duarte. Mais valioso ainda este livro agora lançado, enriquecido por uma extensa introdução do autor que, 50 anos depois, realça a importância e significado desse congresso, realizado em 1946. «Por três razões», salienta: «Por se realizar num momento crucial da história do século XX. Por traduzir um



Não foram apenas os escritores a reunirem junto de si um público atento à sua obra. No pavilhão do Disco, muitos autores passaram. Na foto, Carlos Alberto Moniz ocupado em autógrafos

dos períodos de mais força e influência do PCP na luta contra a ditadura. Pelas múltiplas experiências e lições que resultam das suas análises, orientações e decisões.»

Estas experiências e lições, a sua correspondência e importância para a

época actual, são, ao longo da introdução, salientadas por Álvaro Cunhal. O destacado dirigente comunista chama nomeadamente a atenção para a importância então dada a alguns traços definidores da identidade do Partido, ao valor essencial atribuído à luta de massas, ao papel determinante da organização. Um livro em que a memória é uma arma para a acção.

### A Casa de Eulália

De memória é também feito este outro livro. Do mesmo autor, desta

guerra que se quer ganhar e o futuro que se não quer perder, é isso a própria acção deste romance onde são actores e sofredores três portugueses comunistas que a história surpreende e a guerra apanha entre os seus horrores semeados de alegrias breves. Personagens diferentes apesar do ideal comum que os une, diversas personalidades que se ligam e confrontam. Portugal, ausente e aparentemente tão distante, surge frequentemente em cada uma das consciências destes homens. Onde lutar?, se ali vivem ao rubro um dos momentos altos da his-

lúngua com dois viveres, cada frase articulando um e outro. Um romance, enfim, em que mais uma vez a memória intervém não para que apenas se recorde, mas para que se ganhe em compreensão.

### Eles Têm o Direito de Saber

Este livro - que é mesmo de memórias - também não surge para recordar apenas, mas para alargar o saber do que vai na raiz das nossas lutas. Escri-

O resultado deste recordar para contar como foi, desde a infância e do baptismo de fogo na actividade política, é toda uma história de lutas, de greves, de actividade clandestina, um percurso semeado de prisões e de fugas, de trabalho revolucionário coroado de vitória no 25 de Abril e que continuou e continua.

«Não estou arrependido», disse Jaime Serra no final da apresentação do livro, «do caminho que segui ao longo dos 60 anos de militância no Partido Comunista Português».

### Voz Ocasional

«Trata-se também de uma homenagem aos combatentes clandestinos, aos quadros clandestinos do PCP», disse Carlos Brito no lançamento do seu livro de poesia *Voz Ocasional*, publicado pela Caminho, assinalando que há muitos modos de fazê-lo e que também no poema essa homenagem tem o seu lugar. Acompanhado por Paulo Sucena, por José Manuel Mendes e por Zeferino Coelho (que explicou a ausência de Manuel Alegre que ali pretendia estar - impedido por nesse dia substituir o Presidente da República de viagem ao Brasil), Carlos Brito ouviu do primeiro algumas notas como «introdução à leitura» deste novo livro. Paulo Sucena recordou o primeiro livro do autor para sublinhar que também neste se encontra «o mesmo sobressalto ético e idêntico prazer estético». «Dois livros que se completam», disse, «e que falam sobre os duros trabalhos da esperança». Por sua vez, José Manuel Mendes diria que «há em Carlos Brito uma personalidade de poeta que não poderia conter-se apenas nos textos políticos» e salientou o facto de o autor, coetâneo embora da geração neo-realista, haver conseguido introduzir na sua escrita poética experiências outras, nomeadamente do surrealismo. O escritor leu depois para os presentes - entre os quais se encontravam muitos destacados comunistas - alguns poemas do livro. Carlos Brito, a agradecer no final, e antes dos autógrafos, falou das razões da sua escrita - ainda uma forma de combater. «Combater de todas as maneiras. E também através da cultura, da palavra, na prosa e no verso.»

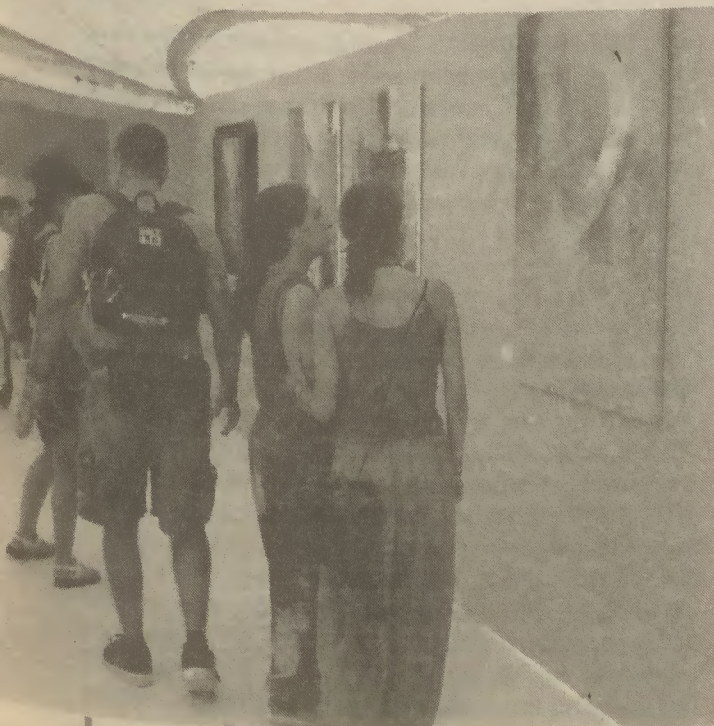
to por Jaime Serra, tem «por objectivo principal», como ele refere na sua *Explicação Necessária* de abertura, «dar resposta às interrogações» sobre a vida e actividade política do autor, sobre «as dúvidas e crenças mais profundas», sobre «as prioridades da vida», sobre «a opção por um ideal».

Tal opção, como Jaime Serra deixa escrito e na sessão de lançamento recordou, condicionou a sua própria vida familiar, a da sua companheira Laura, a dos seus filhos. Foi aliás por solicitação do seu filho José Serra, que vimos a acompanhar o pai à mesa da sessão, apresentada por Francisco Melo e perante muitos amigos e camaradas, que o autor tomou a decisão de escrever. *Os que têm o direito de saber* são, em primeiro lugar, como disse Jaime Serra, os filhos e familiares. Mas também a juventude dos nossos dias que muito ignora das lutas persistentes, pacientes e generosas, cheias de perigos e privações, dos militantes clandestinos do Partido Comunista Português.

tória? Falam uma língua híbrida, metade português, metade castelhano, e em cada fala as personagens se identificam, num apurado artifício original. Porque não se trata, como recentemente afirmou um crítico, de uma versão de *portunhol*, nem do falar degradado do português no convívio com uma língua estranha, mas de uma

vez um romance, sob o pseudónimo de Manuel Tiago. A guerra de Espanha não é um cenário em que a acção - extremamente viva e impressionante - se desenrola. A defesa da República contra o ataque dos militares fascistas, enquanto uma revolução está em curso, as contradições entre a

## Bienal



Às vezes o repórter hesita, ao abordar a Bienal de Artes Plásticas. Vê-la primeiro em percurso corrido, ou logo demoradamente? Olhar primeiro os objectos de arte que ali se propõem ou lançar a sua curiosidade sobre a curiosidade dos visitantes e sobre o verdadeiro diálogo que ali se estabelece?

O calor era muito na primeira visita e o passo acelerou-se. Mas logo se tropeça no diálogo, uma conversa em movimento em que a obra de arte mudamente fala e o visitante a interroga e se interroga. Não há outra exposição como esta, em que tanta gente, quantas vezes arredada das manifestações culturais deste tipo - que se não apresentam fáceis - consegue conversar com a arte, em demanda de explicações dentro de si ou nos companheiros de viagem pelos corredores semeados de momentos de luz e sombra, de formas e cores que se abrem e propõem ao entendimento.

Abrindo - ou fechando - com a homenagem ao pintor Rogério Amaral, que nos deixou essa vasta obra a falar por si, a X Bienal, com uma qualidade geral que nos atrevemos a salientar e a participação de nomes destacados na actual produção plástica portuguesa, foi um dos momentos altos da Festa.







## Fortalecidos e enriquecidos

Intervenção de **Carlos Brito**, membro do Comité Central e Director do «Avante!»

Camaradas e amigos

Esta magnífica Festa, esta bela cidade de cor e som, de alegria fraterna e de ideais progressistas, tudo que fruimos nestes três dias só foi possível graças ao trabalho voluntário militante, de horas sem conta, que assegurou a sua construção, organização e funcionamento.

Ao intervirmos neste grande comício, em nome do jornal «Avante!», queremos começar precisamente por saudar esse esforço dos construtores da 21ª edição da nossa Festa, os organizadores e intérpretes dos espectáculos musicais, os intervenientes em todas as demais iniciativas culturais, artísticas e políticas, os participantes nas diversas provas desportivas e todos, sem excepção, que tomaram a seu cargo as tarefas complexas que permitiram o êxito evidente, que já podemos assinalar.

A realização da Festa beneficiou também de múltiplos apoios, gestos de boa vontade ou simples compreensão que recebemos da parte de autarquias, federações e associações desportivas e recreativas, departamentos oficiais, forças de segurança, empresas públicas e privadas. O nosso obrigado para todos.

Dirigimos um obrigado especial para os vizinhos mais próximos: a Câmara do Seixal, a Junta de Freguesia da Amora e o Amora Futebol Clube.

A Festa é feita para os visitantes e regozijamo-nos, por isso mesmo, com a espantosa multidão que em certos momentos, como agora acontece, submergiu literalmente as amplas alamedas e ruas da Atalaia. Este é um inequívoco testemunho do êxito da 21ª edição da Festa.

Queremos, então, saudar-vos fraternalmente, a todos vós, participantes neste grande comício e por vosso intermédio todos aqueles que estiveram connosco ao longo destes três dias e onde se destaca a presença crescente da ala da juventude, alegre, ruidosa e irreverente, que já passou a ser uma das marcas distintivas da Festa do «Avante!» - a que com toda a propriedade podemos chamar de Festa da Juventude - o que é seguramente uma das garantias do seu futuro.

Não nos contentamos porém com o número de visitantes por mais impressionante que seja. O nosso voto mais veemente é o de que todos que vieram partam mais amigos da Festa e mais fortalecidos e enriquecidos pelos diversificados aspectos da sua mensagem que convergem nos ideais da justiça, da liberdade e do socialismo e do comunismo.

Mais fortalecidos e enriquecidos pela alta qualidade dos espectáculos musicais, pelo valor estético de um acontecimento artístico tão relevante como a X Bienal de Artes Plásticas, pela multiplicidade de outras manifestações culturais, desportivas e recreativas.

Mais fortalecidos e enriquecidos por este ambiente único de festa popular, de convívio fraternal, de saudável confraternização e de alegria combativa.

Mais fortalecidos e enriquecidos pelas intervenções, colóquios, debates e exposições políticas que veiculam as posições do PCP e as dos seus amigos, no plano nacional e internacional, sobre os grandes problemas do nosso país e do mundo.

A Festa vai impulsionar a nossa luta nos planos social, institucional e eleitoral.

Um grande destaque foi conferido nesta Festa às eleições autárquicas do próximo mês de Dezembro.

Não temos dúvida de que o esclarecimento produzido na Festa vai contribuir para dinamizar a campanha autárquica da CDU, para que novas energias se juntem a ela e para que a Campanha de Fundos, com vários pontos de recolha aqui Festa, esteja a ser significativamente fortalecida.

A 21ª edição da nossa Festa também dedicou uma especial atenção à passagem do 80º aniversário da Revolução de Outubro. Na exposição e no colóquio que lhe foram dedicados ficou bem claro que para o PCP ela constitui um acontecimento histórico de toda a humanidade, indissociável dos progressos alcançados pela sociedade humana no século XX e, mantém plena actualidade, pois continua a compreender a questão central do nosso tempo - a indispensabilidade da superação do capitalismo intrinsecamente injusto e a efectiva alternativa que é o socialismo.

As preocupações internacionalistas do PCP estão em grande evidência por toda a Festa. Regozijamo-nos de ter connosco 43 delegações convidadas estrangeiras representando partidos comunistas e outros partidos e organizações progressistas e democráticas.

Saudamos muito efusivamente os nossos amigos convidados vindos dos seguintes países: Alemanha, Angola, Argentina, Bélgica, Brasil, Cabo Verde, Chile, China, Colômbia, Coreia do Norte, Cuba, Espanha, França, Grécia, Guatemala, Grã-Bre-

tanha, Iraque, Itália, Japão, Kurdistan, Laos, Líbano, Marrocos, Moçambique, Palestina, Peru, Rússia, Sahara Ocidental, São Tomé e Príncipe, Sudão, Suécia, Turquia, Timor Leste, Vietname.

Falando na Festa que tem por patrono o nosso jornal «Avante!», permitam-me que volte a insistir no papel insubstituível da imprensa democrática como esteio da democracia e dos seus desenvolvimentos no sentido do progresso e da justiça social. Temos melhorado a promoção do «Avante!» e do «Militante» no decorrer da Festa. Mas há muito muito a fazer a partir dela nas organizações e entre os amigos do Partido para promover a difusão da imprensa partidária.

Fazemos votos para que, no impulso lutador que esta atmosfera combativa da Festa desperta e incentiva em cada um de nós, seja reservado também um cantinho para a preocupação de ajudar a difundir e vender o «Avante!». Com isto, desejamos a todos um bom regresso às vossas casas e às tarefas de todos os dias, fortalecidos e enriquecidos pela nossa Festa.

Viva a Festa do «Avante!»!  
Viva o Partido Comunista Português!

## A alternativa

Intervenção de **Carlos Carvalho**  
secretário-geral do PCP

Camaradas

Nestes três dias da Festa do «Avante!» - obra dos comunistas, Festa do PCP, grande festa que a juventude fez sua, festa aberta a todos, que a todos acolhe e respeita e em que todos podem encontrar algo que os enriqueça - voltaram a brilhar, de forma sempre renovada, as grandes componentes da sua singular identidade e do seu merecido êxito: o lugar destacado da arte e da cultura e do seu amplo encontro com o povo; o ambiente caloroso, tolerante e fraterno; o valor do trabalho humano e do papel dos trabalhadores, da solidariedade e do esforço colectivo; a informação e o debate sobre as grandes questões do nosso país, do nosso mundo e do nosso tempo; a participação massiva da juventude afirmando a sua própria maneira de ser, de estar e de viver; os ideais, o património histórico e o projecto de futuro que os comunistas portugueses empunham e que têm o seu símbolo maior na sempre insubmissa bandeira vermelha que ondula no ponto mais alto da Atalaia.

Quem quiser olhar a nossa Festa sem preconceitos, quem quiser reflectir sobre a sua rica dimensão humana e sobre os valores profundos que a explicam e inspiram, quem quiser empreender a viagem da emoção e da razão pelas mil facetas deste incomparável acontecimento, quem quiser presentir e entender os ideais, as convicções, a generosidade e os compromissos de vida e de luta que unem todos aqueles que sentem justamente a Festa do «Avante!» como uma obra e um património seu, só poderá honestamente concluir que esta Festa é ao mesmo tempo o mais impressionante desmentido de velhas prolongadas calúnias e falsificações sobre o PCP e um símbolo incontornável do que verdadeiramente são, do que verdadeiramente querem e daquilo por que verdadeiramente lutam os comunistas portugueses e o seu Partido.

A poucas horas do termo desta sua 21ª edição, a Festa do «Avante!» a todos pode transmitir uma certeza maior, uma certeza que vai contar e pesar na evolução próxima e futura da vida política nacional.

A certeza de que o Partido Comunista Português não se conformou ontem, não se conforma hoje e não se conformará amanhã com essa burla monumental pretendida pelos que queriam que os trabalhadores e o povo aceitassem agora como boa, só porque feita pelo Governo do PS, a mesma política que acharam péssima feita pelos governos do PSD e que por isso condenaram nas urnas há dois anos.

A certeza de que o Partido Comunista Português tudo continuará a fazer para derrotar essa suprema mistificação que seria responsabilizar a esquerda pelas gravosas consequências e pelos fracassos que são filhos da continuação pelo PS da política de direita.

A certeza de que, enquanto outros rasgam e enterram bandeiras, valores e projectos de esquerda assim desrespeitando e ofendendo as aspirações e os sentimentos dos que neles confiaram, acreditaram e votaram, o Partido Comunista Português, voltado para o futuro e com confiança para as lutas imediatas, voltado para todos os portugueses e portuguesas que não aceitam que a única e eterna opção seja entre a política de direita feita pelo PS e a política de direita feita pelo PSD, dará novo impulso à exigência de uma nova política e à luta por uma alternativa de esquerda que respeite quem trabalha, responda aos problemas reais do povo e do país, assegure um desenvolvimento ao serviço de todos, o fortalecimento da democracia, a justiça social, a soberania e a independência nacional, um futuro mais confiante e promissor para o Portugal democrático.

### A luta é o caminho

Camaradas

Falando da situação política nacional, queremos dizer que o que é mais urgente e mais indispensável é falar daquilo de que os outros partidos praticamente não querem que se fale, ou seja os reais problemas dos trabalhadores, do povo e do país, ou seja de tudo aquilo que a propaganda governamental quer fazer esquecer e de que a fingida oposição dos partidos de direita quer desviar as atenções.

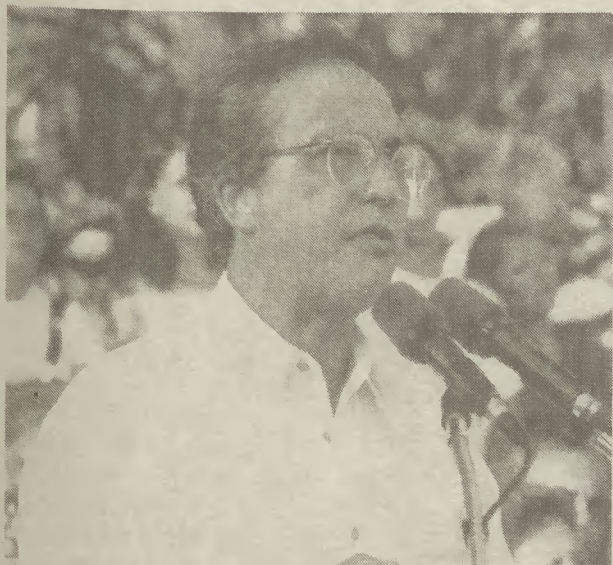
E queremos reafirmar desta tribuna que em relação aos problemas dos trabalhadores e aos problemas sociais mais vivos e prementes não nos limitaremos à sua denúncia e a olhar para as suas consequências. Iremos às causas e exigiremos responsabilidades. Apresentaremos propostas, mas simultaneamente mobilizaremos para a luta todos aqueles que se confrontam e sofrem os efeitos da política de direita do PS.

Numa posição solidária mas também combativa estaremos com os trabalhadores e trabalhadoras ameaçados pelo despedimento, pela precariedade, pelos que sentem os efeitos da discriminação salarial e profissional e os horários de trabalho desregulamentados.

Não regatearemos esforços para que se abram perspectivas para a juventude combatendo as hipocrisias das paixões com a educação ou as tretas de que no futuro e em nome da modernidade, os jovens trabalhadores só podem aspirar a um trabalho com vínculo precário.



# é possível e necessária



os trabalhadores da Torralta, da Gás Portugal, da Administração Local, do movimento sindical unitário, com o destaque do papel da CGTP-IN.

## A economia virtual e as engenharias estatísticas

Camaradas

A propaganda governamental continua a mistificar a realidade da situação económica e social do país.

Repetindo imagens do cavaquismo de que o país «está no bom caminho», o Governo vangloria-se de cumprir os défices, isto é, de cumprir as ordens de Bruxelas e os critérios de Maastricht, como um menino obediente e bem comportado.

No «bom caminho» estará para os senhores da alta finança e das



Quando se denunciam casos de chocantes injustiças, quando se chama a atenção para a grave situação de tantas famílias portuguesas, a resposta dos membros do governo é invariavelmente a mesma: «Nós bem gostaríamos — dizem eles seraficamente — de responder a esses casos mas não há dinheiro!»

Para o governo não há dinheiro para melhorar os salários reais dos trabalhadores da Administração Pública central e local, não há dinheiro para aumentar as reformas e pensões, nomeadamente as mais degradadas, mas há dinheiro para inscrever no Orçamento de Estado 190 milhões de contos de benefícios fiscais cuja parte de leão vai para o capital financeiro e para a Banca que em 1996 teve em lucros declarados a módica quantia de 180 milhões de contos!

Não há dinheiro para se acabar com os *numerus clausus* no ensino superior, nem com as propinas, nem para se estabelecer uma rede nacional de pré-escolar gratuito, mas há dinheiro, por exemplo, para se perdoar aos Mellos no caso da Lisnave, a «pequena» quantia de 12 milhões de contos de dívidas ao fisco e

Não regatearemos esforços para que a luta das mulheres pela sua intervenção em igualdade nas mais diversas esferas da sociedade tenha tradução prática e efectiva.

Não regatearemos esforços para denunciar e impedir que sejam os salários dos trabalhadores a pagar, mais uma vez, a factura mais pesada dos custos da cega caminhada para a moeda única, para denunciar e impedir o bloqueio da negociação de contratação colectiva.

E, por isso, aqui queremos deixar bem claro que tudo faremos para que sejam derrotados os insignificantes aumentos nominais dos salários, que o Governo quer impor e para que os trabalhadores conquistem aumentos de salários significativos, como se impõe por razões de justiça social e por razões de dinamização da procura e do mercado interno.

Continuaremos, com os trabalhadores, a bater-nos com determinação para que direitos históricos como a greve e o horário de trabalho, que o PS e o PSD, pela via da revisão constitucional e pela abusiva interpretação da lei, querem condicionar e mutilar.

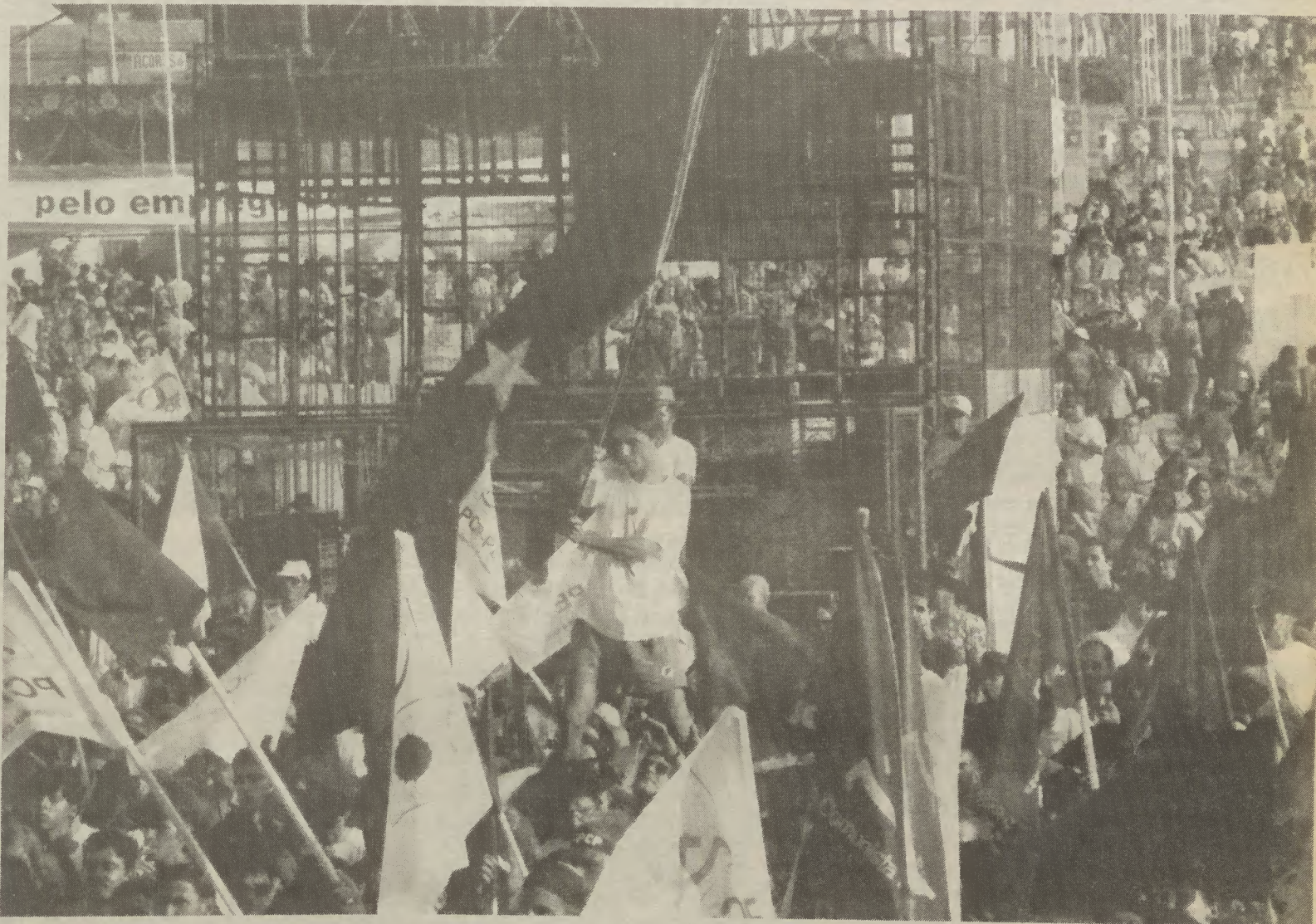
E chamamos a atenção para que nos próximos meses é necessário enfrentar combativamente a perigosa ofensiva que o Governo, passo a passo, há muito vem a preparar contra o sistema público de segurança social, cujas linhas essenciais estão já definidas nas orientações propostas pela maioria da Comissão do Livro Branco e que, em vez de contribuir para a reforma democrática da segurança social que efectivamente faz falta, pretendem atentar contra direitos essenciais dos trabalhadores e favorecendo os interesses das seguradoras.

Apresentaremos propostas mas simultaneamente faremos o apelo à luta para dar combate ao ressurgimento dos salários em atraso e ao aumento da sinistralidade no trabalho.

E mesmo sendo o único grande Partido a dar combate à destruição e à privatização do património público empresarial e às funções sociais do Estado podem os trabalhadores, sejam da Administração Central, Regional e Local, da Brisa, dos Caminhos-de-Ferro, da TAP ou da ANA, da Quimigal, da Portucel ou da EDP e da TELECOM — que o Governo escandalosamente quer privatizar em Outubro e simultaneamente aumentar as tarifas telefónicas —, terem a garantia que na sua luta não estarão sozinhos, que podem contar com o PCP para a defesa dos seus direitos, para defender os interesses das populações, a soberania e economia nacionais.

Apontamos o caminho da luta como alternativa ao conformismo e aos que querem fazer crer aos trabalhadores que não vale a pena lutar.

Mesmo com a consciência de que quando se luta nem sempre se ganha, a vida demonstrou e demonstra que quando não se luta perde-se sempre, que vale a pena prosseguir e fazer frente à ofensiva como fizeram e estão fazendo vários estratos sociais, professores, alunos, guardas florestais, polícias, trabalhadores da saúde, dos têxteis, cuja luta persistente e heróica pelas 40 horas daqui saudamos especialmente, os mineiros de Aljustrel,



transnacionais e para a meia dúzia de famílias que se vai assenhoreando do poder económico e do poder político.

O «país não está no bom caminho» quando vê a sua produção a ser substituída crescentemente pela produção estrangeira, quando liquida boa parte da sua frota de pesca e cria condições cada vez mais difíceis para os pescadores e armadores, quando tem uma agricultura cada vez mais abandonada e arruinada e assiste ao escândalo do lançamento de milhares de toneladas de fruta para o lixo, quando ela não chega a tantos lares portugueses.

O país não está no bom caminho quando o crescimento económico assenta no essencial em quatro ou cinco grandes obras públicas e quando os seus resultados não se repercutem na melhoria do nível e na qualidade de vida da generalidade dos seus habitantes, mas apenas na acumulação de fortunas nas mãos de um punhado de grandes senhores.

O país não está no bom caminho quando o seu aparelho produtivo está cada vez mais subcontratado e vulnerável, quando o trabalho precário atinge quase 50% da população activa e quando cresce o desemprego mesmo mascarado pelo desemprego oculto, atingindo sobretudo as mulheres e os jovens.

O país de facto não está no bom caminho quando os anunciados resultados da sua economia são no essencial virtuais.

Veja-se o desemprego, em que o Primeiro-Ministro confessa lá fora o que nega cá dentro, ou atente-se mesmo na inflação em que as engenharias estatísticas afirmam estar sempre a descer, mas os cidadãos não o sentem na carteira. Aos portugueses que nos ouvem fazemos apenas duas perguntas singelas. O vosso rendimento familiar real aumentou este ano, como diz o Governo? O aumento de preços não foi maior do que o aumento dos vossos salários e reformas ao contrário do que diz o Eng. Guterres?

Por tudo isto nós dizemos não a este rumo e batemo-nos com energia, empenho e determinação para que Portugal tenha uma outra política.

à Segurança Social e mais 10 milhões de contos de empréstimos obrigatorios.

Não há dinheiro — respondeu também o Governo —, quando a respeito das novas prestações familiares, dissemos que era um escândalo que famílias com um rendimento mensal de 85 contos ou mesmo com o rendimento de apenas dois salários mínimos fossem consideradas como «classe média», fossem excluídas de um significativo aumento do abono de família e apenas tivessem tido direito a um ridículo aumento mensal de 80 escudos!

Não há dinheiro também, para se ir em socorro dos agricultores que viram as suas culturas liquidadas com o mau tempo, mas houve 60 milhões de contos do Orçamento de Estado para indemnizar os latifundiários e há dinheiro para se «comprar» o Autódromo do Estoril, um elefante branco como lhe chamou, aliás, um membro do Governo, assim como há dinheiro para o governo aceitar um acordo lesivo do interesse público, como é o caso da Torralta! E na agricultura, como oportunamente denunciámos, há empresas e proprietários agrícolas que recebem autênticas rendas fundiárias de mais de 100 mil contos/ano.

Nós daqui reiteramos a exigência ao governo de medidas excepcionais para apoiar todos os agricultores portugueses que sofreram graves prejuízos por motivos climatéricos.

Não há dinheiro, diz o governo, para a saúde, para a habitação social, ou para um combate eficaz ao flagelo da droga, mas há recursos no Estado para se vender riquíssimo património público a baixo do valor real empresas públicas rentáveis e estratégicas, como foi o caso da EDP (menos de 233 milhões de contos), da TELECOM (menos 324 milhões de contos) e de Bancos, alguns dos quais só em lucros já ultrapassaram o preço da sua venda! É um escândalo. Com o dinheiro pago pelos contribuintes que no essencial são os traba-



lhadores por conta de outrem, entregam-se em privatizações de empresas e serviços públicos e em negociatas e benefícios fiscais, autênticas fortunas a meia dúzia de famílias que, com o crescente poderio económico, cada vez dominam mais o poder político.

Por isso, não é de estranhar que o patrão da CIP tenha considerado Guterres na economia ainda mais neoliberal do que Cavaco e que o Presidente da A.L. Portuguesa tenha afirmado que é com os governos socialistas que os grandes empresários ganham mais dinheiro...

O «moderníssimo» socialismo de Guterres é assim: **aperto do cinto para os trabalhadores e produtores, migalhas do Orçamento para os pobres e enchimento das carteiras para os senhores do capital financeiro.**

Certamente que estais de acordo que independentemente do rótulo do Governo, o PCP dê firme e claro combate a todas as medidas de delapidação do património público, de acentuação das desigualdades, de penalização dos rendimentos do «trabalho» na distribuição do Rendimento Nacional.

Na Assembleia da República e fora dela continuaremos a lutar pelo emprego com direitos e por melhores salários e reformas, para que o Estado cumpra as suas funções sociais e para que haja um aumento intercalar de 3.000\$00 para as pensões mais degradadas.

Defendemos também que o salário mínimo tenha um aumento que o dignifique e não seja uma vergonha nacional e europeia. No mesmo sentido, isto é, no sentido de aumentar o poder de compra e melhorar o nível de vida dos portugueses, entendemos que as tarifas eléctricas devam baixar tal como, aliás, o defendem alguns técnicos da EDP, acabando com um autêntico imposto que os portugueses estão a pagar em nome das privatizações! São medidas pontuais que dariam resposta a graves situações e que aliviariam os orçamentos de muitas famílias agora altamente sobrecarregadas com as compras de novo material escolar, que representam estes meses uma elevada percentagem dos seus rendimentos.

## O velho «estilo» do Governo PS

Camaradas

Depois da formação do Governo PS e durante algum tempo, não faltaram comentários que, reconhecendo embora que nas políticas essenciais poucas diferenças existiam entre o PS e PSD, entretanto valorizavam muito a diferença de estilo e de atitudes entre o novo Governo do PS e os Governos de Cavaco Silva.

Nós sempre adiantámos que era insultar as aspirações da maioria dos portugueses pensar que em 1 de Outubro de 1995 tinham apenas votado para uma mudança de caras e de estilo.

Passados dois anos, não será caso para dizer que, em tudo, o estilo do Governo PS seja idêntico aos governos do PSD.

Mas é caso para dizer que com o passar do tempo também aí o Governo do PS imita cada vez mais os seus antecessores.

De facto, a verdade é que tal, como o PSD e Cavaco Silva, aí temos na boca do Governo do PS o mesmo discurso vazio e chantagista sobre a estabilidade, que ignora toda a desestabilização que a política governamental causa na vida de quem trabalha e produz. A mesma gulosa ocupação e instrumentalização do aparelho de Estado a favor de *boys* e clientelas e para benefício eleitoral do partido do Governo. A mesma ideia de que a oposição só sabe dizer mal e que só eles, os do governo, é que têm o monopólio de dedicação aos interesses nacionais. A mesma eterna propaganda das centenas de milhões de contos de investimento, que são os mesmos, mas são desdobrados em sucessivos anúncios e notícias ora por cada ano, ora por vários anos, ora globalmente, ora por cada sector. O mesmo deslumbramento bacoco com os números de certas estatísticas e indicadores e a mesma insensibilidade com a situação real dos portugueses, que o Primeiro-Ministro dantes dizia serem pessoas e não números. As mesmas habilidades e truques com os números, como aconteceu quando, no início deste ano, para ocultar uma subida de 10% nos telefones, o Primeiro-Ministro inventou uma média estatística em que misturou a baixa das chamadas internacionais (que a maioria dos portugueses não faz) com a subida das chamadas locais (que a maioria faz). A mesma indigna tradição que leva a que, estranhamente, os cheques de donativos concedidos a colectividades e associações diversas, em vésperas de eleições, tenham sempre de viajar no bolso de governadores civis ou secretários de Estado para abrilhantar as suas visitas. E também a escandalosa série de anúncios na televisão pagos com o dinheiro do Estado para propagandear aspectos da política governamental sendo por de mais significativo que, passados 4 meses, o Governo se continue a recusar a divulgar quanto custaram ao erário público essas campanhas publicitárias — que são pura propaganda a favor do PS!

## A vergonha da revisão constitucional

Camaradas

Como sabeis, com a aprovação final e global da revisão constitucional imposta pela aliança PS-PSD, consumou-se na passada 4ª feira um processo que bem podemos considerar de vergonhoso, até porque muitos socialistas, perante ele, se sentem completamente envergonhados.

A votação conjunta do PS e do PSD de uma revisão constitucional que é um retrocesso para a democracia portuguesa é uma vitória da direita, mas também é uma vitória, dos que no PS, ao mais alto nível, estão comprometidos com a política de direita e só não é uma vitória mas um motivo de tristeza e indignação para todos os socialistas que se recusam a trair e vender as suas convicções progressistas.

A aprovação desta revisão não é um episódio para esquecer rapidamente. Antes é um acontecimento que precisará de ser muitas vezes lembrado e que comporta muitas lições úteis.

A aprovação pelo PS e PSD da revisão da Constituição mostrou que não é apenas — e já seria mau de mais — nas privatizações e nas benesses ao grande capital, na ofensiva contra os direitos dos trabalhadores e na política de liquidação de direitos sociais; na marcha forçada para a moeda única e para uma integração europeia cada vez mais federalista e expropriadora da soberania nacional — que o PS e o PSD estão de acordo.

Ficou agora provado que também estão de acordo e partilham dos mesmos projectos nefastos em relação à adulteração da própria democracia política e do regime democrático.

A aprovação pelo PS e PSD da revisão da Constituição comprovou também que estes dois partidos podem fazer discursos inflamados um contra o outro, podem disparar e trocar insultos e frases assassinas, podem montar espectáculos mediáticos de irredutível oposição e imensa agressividade, mas tudo isso é sempre o intervalo que antecede mais um acordo, mais um negócio, mais um novo entendimento entre o PS e PSD.

No quadro da crítica devastadora que a revisão constitucional acordada entre o PS e o PSD sofreu da parte de destacadas personalidades e amplos sectores democráticos, apareceram vozes de constitucionais e de deputados opinando que aspectos desta revisão seriam inconstitucionais.

Pois bem. Face a tais opiniões, queremos aqui anunciar que o Grupo Parlamentar do PCP e os seus 13 deputados estão prontos a juntarem-se a mais 10 deputados designadamente dos Verdes e do PS, para requererem ao Tribunal Constitucional a fiscalização sucessiva da constitucionalidade desta revisão da Constituição.

E, neste sentido, para não dificultar, complicar ou inviabilizar esta iniciativa, adiantamos a ideia de que não seria necessário que os 23 subscritores (número mínimo exigido pela Constituição) chegassem a acordo sobre todas as questões concretas a levantar junto do Tribunal Constitucional. Bastaria assentar que este requerimento acolheria em pé de igualdade quer todas as questões que os outros 10 deputados, por seu lado, considerassem pertinente apresentar.

Esta é uma proposta que marca claramente a nossa disposição de levar tão longe quanto possível a luta contra esta revisão no plano das instituições.

Mas é evidente que não é numa eventual, e sempre muito demorada, apreciação da constitucionalidade desta revisão pelo Tribunal Constitucional que pode residir a esperança de travar e derrotar algumas das principais malfetorias e os principais perigos criados por esta revisão.

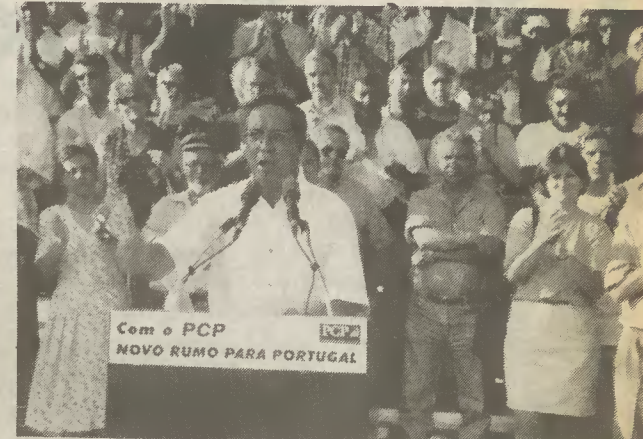
Não. Essa esperança só pode ser construída por uma vasta mobilização da opinião pública e por uma vasta luta democrática, que impeçam o PS e o PSD de passarem, como cão por vinha vindimada, pelas portas que a revisão constitucional, em má hora, abriu para sérias ameaças a aspectos essenciais do regime democrático.

E, neste sentido, é crucial uma grande vigilância e uma fortíssima intervenção popular para impedir que o PS e o PSD, explorando as possibilidades que esta revisão lhes deu, concretizem em lei ordinária quer a redução do número de deputados, quer as nefastas e antidemocráticas alterações às leis eleitorais, seja para as autarquias locais seja para a Assembleia da República; umas e outras deliberadamente concebidas e suficientemente disfarçadas do ponto de vista aritmético, para fortalecer administrativamente a bipolarização entre os partidos-gémeos. Umas e outras deliberadamente apostadas em afectar de forma directa ou indirecta o princípio da proporcionalidade, umas e outras deliberadamente desejadas para preju-

FESTA  
Avante!



FESTA  
Avante!



dicar eleitoralmente o PCP e a CDU e enfraquecer administrativamente a sua influência.

E, neste aspecto, é preciso que ninguém se deixe enganar com a intensificação da propaganda falsa, mentirosa e hipócrita que o PS repete desde há três anos: quando proclama a grande vantagem de haver círculos eleitorais em que só se elege um deputado pois assim é que se garantiria a «aproximação entre os deputados e os eleitores» e assim é que «cada eleitor passaria a saber quem é o deputado que o representa».

Desmascarando o sofisma da aproximação entre os deputados e os eleitores com o estabelecimento dos círculos uninominais, há três anos que fazemos uma simples mas arrasadora pergunta ao PS: de uma vez por todas, digam-nos lá qual seria a «aproximação» que passaria haver entre o único candidato eleito e os eleitores (provavelmente a maioria) que não tivessem votado nele, que até detestassem o Partido que ele representa e que, naturalmente e como é seu direito, tivessem votado nos candidatos dos outros partidos que não conseguiram ser eleitos?

A verdade é que nem antontem, nem ontem, nem hoje, o PS nunca foi capaz de responder a esta pergunta.

Por uma simples e evidente razão: é que o PS sabe muito bem que com os círculos de eleição de um único candidato o que se dá não é uma maior «aproximação» mas uma imensa distância da maioria dos eleitores em relação ao candidato eleito desse círculo porque vêem ser eleito aquele em quem não confiam e não vêem eleitos aqueles a quem confiaram os seus votos; é que o PS sabe muito bem que em círculos em que só se elege um só deputado, a maioria dos eleitores o que fica a saber, não é quem o representa, mas quem claramente não o representa.

É que o PS sabe muito bem que a sua conversa sobre a «modernização do sistema político» é pura treta para enganar incautos, como bem se comprova pelo facto de querer fazer essa «modernização» através de círculos uninominais que, na história eleitoral portuguesa, são uma velharia imprestável do fim do século passado e do início deste século.

É que um partido como o PS, que juntamente com o PSD e em completa desvalorização dos candidatos a deputados, transformou as eleições para a Assembleia da República em eleições para Primeiro-Ministro, não está nada ralado com nenhuma «aproximação» entre deputados e eleitores, está sim apostado em criar uma espécie de funil eleitoral (os círculos uninominais) que imponha e force uma dinâmica de voto em torno apenas do PS e do PSD.

Camaradas

Na sequência de sucessivas negociatas e cedências do PS ao PSD e ao PP, a revisão constitucional aprovada impõe um processo perverso referendário da regionalização que promete uma monumental trapalhada e que pode causar sérias dificuldades à sua concretização e avanço.

Dissemos muitas vezes que era um absurdo que o avanço da regionalização, que há 21 anos está consagrada na Constituição e que constava explicitamente dos Programas Eleitorais do PCP e do PS, ficasse condicionado à realização de dois referendos.

Lembrámos muitas vezes que era um absurdo que, no sistema constitucional português, todas as matérias pudessem ser decididas

pelo Governo ou pela Assembleia da República sem referendo, e só a regionalização tivesse obrigatoriamente de ser sujeita a referendo, sob pena de ficar paralisada, adiada ou morta.

Dissemos muitas vezes, e voltámos a lembrá-lo na passada 4ª feira, na Assembleia da República, que era na votação da revisão constitucional que se definiam as responsabilidades pela eventual inviabilização futura da regionalização e não quando se votarem mais tarde as leis do referendo e a proposta de perguntas que a revisão impôs.

O PS não quis ouvir. Mas pode estar certo que é isso que lhe repetiremos de cada vez que,



# A alternativa é possível e necessária

nos próximos tempos, o PS se sentir, como nós bem avisámos, prisioneiro das novas chantagens e dificuldades criadas pelo PSD e PP.

O PCP continua a ser o mais firme e consequente defensor do reforço do Poder Local e de uma regionalização democrática do Continente e continuará a dar firme combate à desonestidade, ao terrorismo verbal e às falsificações do PSD e do PP contra a regionalização e a denunciar a hipocrisia de dois partidos que, na Madeira, são cúmplices de atitudes, iniciativas e projectos de recorte separatista e ofensivos da unidade do Estado e, no Continente, acusam falsamente a regionalização de «retalhar» o país e quebrar a unidade nacional.

Mas o PCP não será cúmplice nem bóia de salvação do PS e por isso denuncia e denunciará com firmeza as negociações que este acertou com o PSD e com o PP.

E, sobretudo, continuamos a advertir de que, muito provavelmente, o PS falará muito de regionalização até às eleições autárquicas, mas, depois delas, talvez a sua grande preocupação venha a ser sacudir para outros as responsabilidades de inviabilização da regionalização que, de facto, só a ele pertencem.

Camaradas

Falando ainda de revisão constitucional, não podemos deixar de levantar a nossa voz de protesto contra o facto de o PS e PSD, em coerência com o que já tinha feito na revisão em 1992, terem fechado a sete chaves as portas à realização do referendo que seria mais urgente, mais justificado e mais necessário dada a gravidade e consequências que a matéria em causa tem para o nosso presente e futuro enquanto nação independente e soberana: o referendo sobre a ratificação do novo Tratado da UE que virá a ser aprovado e sobre a participação de Portugal na moeda única.

Se já era verdade que toda essa «construção europeia» comandada pelos interesses do grande capital e pelos países mais poderosos expropria crescentemente Portugal de componentes essenciais da soberania nacional, é também agora evidente que a teimosa recusa do PS e do PSD em ouvir o povo português sobre questões vitais como são estas se traduz numa intolerável expropriação da soberania popular.

Para disfarçar esta sua atitude autoritária que se destina a proteger uma política de factos consumados e traduz o seu medo de dar a palavra ao povo português, PS e PSD têm vindo e vão continuar a querer confundir os espíritos, afirmando que a revisão da Constituição permite um «referendo» sobre questões de integração europeia que venham a constar do novo Tratado. É entretanto certo que esse famoso «referendo europeu» continua envolto nas brumas do maior mistério e sendo legítima a suspeita de que, como as perguntas há tempos sugeridas pelo líder do PSD indicavam, quando muito o PS e PSD devem estar a congeminar uma fantochada de referendo, através do qual os portugueses só possam responder o que o PS e PSD querem.

Alguns «ingénuos» vão dizendo que não é bem assim e que tudo depende das perguntas que se fizerem.

Pois bem. Se assim é, se querem realmente ouvir a opinião dos portugueses sobre coisas importantes, o PCP propõe então que, em referendo, o povo português seja consultado sobre se está ou não de acordo com os avanços da integração europeia significando maiores transferências da soberania nacional, a supressão do escudo como moeda nacional, e a existência de um Pacto de Estabilidade com pesadas multas para os países que não cumpram os critérios de convergência de Maastricht.

## Com confiança rumo às autárquicas

Camaradas

Como vimos, são muitas as tarefas e responsabilidades que a situação política nacional nos coloca de imediato.

Mas, de entre todas, não pode haver dúvidas de que a partir de agora será necessário e indispensável, dar uma forte prioridade, conferir um ritmo crescente à exigente preparação da batalha das eleições autárquicas de Dezembro deste ano, tendo em vista alcançar um grande resultado para a CDU, um grande resultado que só terá vantagens para as populações e para o Poder Local democrático e um grande resultado que muito ajudará a continuação da nossa luta no próximo ano.

Em defesa da real democraticidade do processo eleitoral, a nossa intervenção na pré-campanha das autárquicas terá de integrar também uma continuada e firme denúncia da instrumentalização do aparelho de Estado pelo PS para benefício das suas candidaturas que, pelo menos, é tão escandalosa e despuorada como as praticadas no passado pelo PSD.

Definitivamente, não olham a meios nem têm ponta de escrúpulos. Desde os programas de inaugurações às políticas de dois pesos e duas medidas em relação às câmaras CDU e câmaras PS (é só comparar o que fizeram com a Câmara da Amadora e com

a Câmara de Almodôvar), desde o envolvimento de ministros e secretários de Estado em iniciativas de candidaturas do PS até à estranha circunstância de vários candidatos do PS terem sido anunciados na mesma altura em que foram nomeados para cargos públicos — vai todo um corrupio frenético que é uma real ofensa às regras e aos princípios democráticos.

Há sólidas razões para encarmos com confiança esta batalha.

A CDU tem uma obra imensa realizada no Poder Local, os seus eleitos conquistaram merecidamente um reconhecido prestígio fundamentado no seu trabalho, honestidade e competência, desempenham em todo o país, nas mais diversas situações, um papel na gestão, na fiscalização, na intervenção construtiva que ninguém mais pode ocupar, apresenta programas baseados num profundo conhecimento das situações e problemas locais, protagoniza um projecto autárquico de grande valor, que terá a partir de agora consagração no novo lema da nossa campanha: «CDU — para fazer o que é preciso».

Sim. «CDU — para fazer o que é preciso», ou seja:

- para promover um decidido empenho na humanização das condições de vida nas grandes cidades e áreas metropolitanas;
- para lutar contra a desertificação e pelo desenvolvimento do interior do país;
- para defender com firmeza e coerência a regionalização;
- para promover novos avanços na promoção da integração social e das actividades socioculturais;
- para garantir uma resposta mais rápida dos serviços municipais e um melhor atendimento dos cidadãos;
- para a defesa do ambiente e do património como grande ponto de honra para hoje e amanhã.

As eleições autárquicas são uma batalha de todo o Partido, são uma batalha que reclama o mais dedicado trabalho e empenhamento de todos os activistas e apoiantes da CDU, são uma batalha que tem de ser travada palmo a palmo, em todo o território nacional, são uma batalha em que nos está proibido qualquer excesso de confiança, são uma batalha que só pode ser ganha pelo esforço e pelo espírito de sacrifício de todos nós e pelo dinamismo, pela energia e pelo entusiasmo que soubermos imprimir à nossa intervenção eleitoral, por um amplo e directo contacto com as populações, pela nossa firme determinação de alcançar um resultado que mostre a CDU como uma força que cresce e avança no panorama político nacional.

## A alternativa é possível e necessária

Camaradas

É uma realidade inegável para quem acompanha a nossa intervenção com atenção e rigor que um dos traços mais salientes da nossa acção e uma das mais essenciais características do PCP é, aos mais diversos níveis, o nosso profundo empenho construtivo na resolução dos problemas do povo e do país.

Ele é testemunhado no rico património partidário de reflexão sobre as grandes reformas necessárias e sobre as grandes questões da sociedade portuguesa; no generoso esforço e militância dado pelos seus membros para o fortalecimento e dinamização das organizações sociais; na importante obra realizada no Poder Local democrático, aliás reconhecido muito para além das fronteiras da CDU; na empenhada, qualificada e construtiva intervenção no Parlamento Europeu e na Assembleia da República, onde quase sempre nos distinguimos, apesar do reduzido número de deputados, por sermos o Grupo Parlamentar que mais projectos de lei apresenta procurando dar resposta aos problemas e anseios dos portugueses.

E é pelo nosso empenho construtivo, pela entrega e pelo trabalho deste generoso colectivo, pela intransigência com que defendemos os interesses do povo e do país, pelo reconhecimento de sermos na verdade uma força que honra os seus compromissos, que não mete na gaveta nem os valores da esquerda, nem o socialismo, que há cada vez mais vozes, mesmo dentro dos simpatizantes do Partido Socialista, que afirmam que o PCP faz falta no governo para que o país tenha outra política.

De facto, camaradas, se o Partido Socialista não tivesse ficado tão perto da maioria absoluta, se a correlação de forças fosse outra, o governo PS não teria a possibilidade de no essencial continuar e até intensificar a política cavaquista, a política que o povo quis ver derrotada. Outra teria sido a política em relação à agricultura e às pescas, às benesses dadas aos grandes senhores



do dinheiro, às privatizações, à interrupção voluntária da gravidez, às 40 horas, à regionalização e à revisão constitucional!

Por isso aos que se encontram frustrados e desencantados, ou se sentem enganados pela prática deste Governo daqui lhes dizemos, não acreditem na mistificação de que os Partidos são todos iguais. Não são. Nem aceitem a resignação ou o conformismo.

Há alternativas. Reforcem o PCP e a CDU, dêem-nos força para darmos mais força às vossas aspirações de mudança.

A todos os que afirmam não estarem a ver neste momento alternativa, nós daqui lhes dizemos que a alternativa de facto, não está em ao PS seguir-se o PSD num rotativismo em que o essencial da política se mantém sempre ao serviço dos grandes interesses, mas sim na decisão de cada um e de todos os que querem uma verdadeira mudança, em reforçarem o PCP e a CDU.

A sociedade portuguesa dispõe de condições, recursos materiais e humanos e de potencialidades para a solução dos grandes problemas nacionais e para se perspectivar um futuro diferente e melhor para o país. Esta política não é uma fatalidade.

É possível a materialização de um outro projecto, de um projecto de esquerda para Portugal. Mas uma real alternativa que não seja uma mera alternância para que tudo o que é fundamental fique na mesma, necessita da participação desta grande força, necessita da participação do PCP.

O reforço do PCP depende do apoio dos que querem uma outra política, mas também depende do reforço da nossa intervenção, da mobilização dos movimentos sociais e de massas e da nossa capacidade de diálogo, de discutir, de convencer, de aprender com os outros, de nos virarmos cada vez mais decididamente para fora. Depende de um mais forte, dinâmico e acutilante relacionamento com a sociedade. Com os jovens, as mulheres, os trabalhadores, os pequenos e os médios empresários e com a intelectualidade que o actual situacionismo gostaria de transformar numa camada ao serviço do neoliberalismo.

Com a nossa identidade que não muda ao sabor de modas ou de cálculos eleitoralistas, e exigentes para connosco queremos na nossa acção quotidiana e no respeito pela identidade e autonomia dos seus participantes, dinamizar um amplo movimento de debate, reflexão e diálogo com correntes e sectores democráticos, com as organizações e movimentos sociais, com todos os cidadãos que independentemente de não estarem de acordo connosco sobre esta ou aquela questão reconheçam ser indispensável a construção na sociedade portuguesa de uma alternativa à política de direita.

## Reforçar a solidariedade, a cooperação e as lutas comuns ou convergentes

Camaradas

A todos os nossos amigos das numerosas delegações estrangeiras que vieram à nossa Festa queremos apresentar as nossas saudações e os nossos agradecimentos.

E, perante a sua presença, queremos também aqui reafirmar a solidariedade dos comunistas portugueses para com os partidos comunistas, as forças de esquerda e ecologistas, revolucionárias e progressistas; para com o movimento operário; para com os trabalhadores e os povos de todos os países.

Vivemos numa época em que é cada vez mais necessário estreitar e reforçar a nossa solidariedade e cooperação, multiplicar as iniciativas e as lutas comuns ou convergentes, tendo em conta naturalmente as particularidades do quadro concreto em que cada força intervém. Foi nesse sentido e com este espírito que, no quadro da União Europeia, estivemos no comício de Paris, que se realizou o comício de Lisboa, e o comício de Madrid e que, de formas diversas, tiveram lugar outras iniciativas em Amesterdão e Berlim.

Iniciativas comuns, mas também reflexão comum face à complexidade dos problemas que temos pela frente e à luta ideológica contra a alienação do pensamento das classes dominantes erigido hoje em «pensamento único».



Procurando semear a resignação e o conformismo e mascarar as insolúveis contradições do capitalismo, alguns escribas e apologistas do neoliberalismo afirmam que não há outra via, que vivemos numa nova época económica «New Age», com o mundo convertido ao capitalismo, sem «ciclos económicos» nem aumentos de preços, com os salários controlados, chegando mesmo a prognosticar o fim dos «crashes bolsistas!». Tomam os desejos pela realidade, difundindo velhas e novas mistificações.

As soluções do capitalismo, do neoliberalismo e as consequências dos seus dogmas aí estão, visíveis em toda a parte. Nas favelas do Rio de Janeiro, nos bairros miseráveis de qualquer cidade dos E.U.A., nas ruas ou no metropolitano de qualquer cidade europeia, no desemprego massivo, nos milhões de jovens sem perspectivas de futuro, nas máfias e na degradação social dos países do Leste, o flagelo da droga a traduzir-se num dos negócios mais lucrativos do planeta, e mesmo nas medidas de «socorro», ou nos instrumentos de contenção das explosões sociais, como sejam os rendimentos de subsistência, ou a revitalização medieval das sopas dos pobres, das misericórdias e dos bancos contra a pobreza! E tudo isto à beira do terceiro milénio, lado a lado, com o fausto, a ostentação, o luxo mais supérfluo e a riqueza cada vez mais concentrada.

**O neoliberalismo não é inelutável ou insuperável.**

Nós, comunistas portugueses, homens, mulheres e jovens do século XX à beira do século XXI, sabemos que vale a pena lutar e que as sociedades se podem organizar sem terem como critérios a lei da selva, a acumulação e os interesses egoístas de uma mino-



ria, a exploração desenfreada, o homem como lobo do próprio homem.

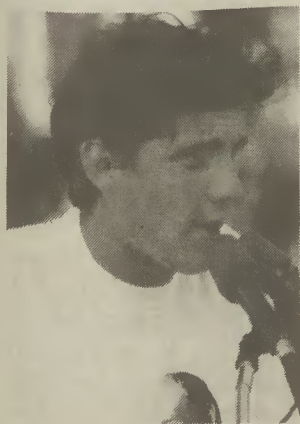
**Nenhum humanista sincero, nenhum lutador pela transformação social, nenhum revolucionário pode aceitar que se continue a acentuar o fosso entre as imensas possibilidades oferecidas pelo desenvolvimento científico e técnico e as regressões sociais a que vamos assistindo.**

Nós rejeitamos como elemento civilizacional ou como ordem estabelecida ou pretensamente imutável o quadro actual em que um terço da humanidade vive com menos de 1 dólar por dia, em que milhões de seres humanos não têm o suficiente para comer e em que ano após ano se acentua a diferença entre os 20% dos mais ricos face aos 20% dos mais pobres, a polarização dos mais ricos face aos mais pobres.

**Nós não aceitamos que os mercados financeiros — leia-se Banca e Bolsas —, que não têm certidão de eleitor, decidam pelos povos e lutamos por uma efectiva segurança e cooperação europeia, opondo-nos ao reforço e alargamento geográfico da NATO, braço armado da «Nova Ordem».**

## Convicções e obra ímpar

Intervenção de **Paulo Raimundo**, membro da Comissão Política da JCP



A Festa do «Avante!» é uma festa jovem. Festa feita com muitos e muitos jovens que se empenharam durante longas semanas na construção deste magnífico espaço.

Festa para a juventude, porque os jovens participam nas suas actividades, participam no seu funcionamento.

Festa com a juventude, porque é com a juventude que construiremos, tal como a nossa

Festa, um projecto novo, progressista, um projecto humano, solidário: o socialismo e o comunismo.

Esta alegria, este empenhamento, esta combatividade e determinação, caracterizam a juventude na Festa, uma juventude inconformada, transformadora, revolucionária, que sabe que o sistema onde hoje vivemos, o capitalismo, não é o fim da História.

É esta a diferença entre nós e os outros. Nós temos convicções, não as pomos na gaveta, lutamos e acreditamos num sistema social,

que tenha em conta o ser Humano e o seu bem-estar. Os outros, aqueles que não cumprem com o que prometem, só têm que contar com a contestação da juventude.

A juventude portuguesa não aceita que se regresse ao sistema «só quem tem dinheiro é que estuda», do regresso das propinas, do dar a privados um bem público que é a Educação.

A juventude não compreende como é que se criam barreiras e mais barreiras aos estudantes, não resolvendo os principais problemas do acesso e frequência ao ensino superior, agora agravado com a novidade do «estudante elegível».

A juventude não entende como se pode apregoar maravilhosos números sobre o emprego para jovens, quando na realidade aumenta o desemprego entre trabalhadores com menos de 25 anos são os jovens trabalhadores os mais explorados e os que trabalham mais precariamente.

A juventude não compreende como se promete um combate à toxicoddependência, quando existem dezenas de milhar de toxicodpendentes em Portugal e somente 60 camas de tratamento e reabilitação públicas.

A juventude não percebe como se continua a fechar os olhos e ignorar o flagelo do aborto clandestino, quando continua a ser a pri-

Nós não nos resignamos a uma «ordem social» que, tanto nos países mais desenvolvidos como nos países em desenvolvimento, continua a discriminar a mulher e que se evidencia nas taxas de analfabetismo, nos salários, no emprego, no acesso à terra, ao crédito, aos cargos de direcção. Isto é, nós não aceitamos como imutável o facto de, como já foi afirmado, «nenhuma sociedade tratar tão bem as suas mulheres quanto os seus homens».

Nós consideramos ser uma vergonha para qualquer europeu que a opulenta União Europeia tenha no seu seio dezenas de milhões de pobres e dezenas de milhões de desempregados e consideramos inaceitável que a Comissão e o Conselho continuem a preconizar, em nome dos interesses do grande capital, o «modelo americano» ou seja, cada vez mais flexibilidade nas relações laborais, mais desregulamentações, privatizações e medidas neoliberais.

Por isso, na União Europeia, juntamente com outras forças comunistas e progressistas e em Portugal, prosseguimos com confiança a luta pelo desenvolvimento, pelo emprego com direitos, pela redução do horário de trabalho, a luta pela transformação social, a luta pela concretização dos valores da esquerda e do 25 de Abril, tendo por horizonte o socialismo e o comunismo.

Não somos uma força que vira as costas às dificuldades.

Somos um grande, animado, confiante e coeso colectivo que tem soluções, propostas e um valioso projecto para Portugal, um grande e generoso colectivo que também se espelha neste entusiástico e combativo comício. Partimos para as próximas batalhas e nomeadamente, para a batalha das autárquicas com grande determinação e com grande confiança, porque o PCP e a CDU são a esquerda necessária para uma nova política, porque o PCP é o grande Partido da esperança, da liberdade, da democracia e da justiça social, o grande Partido da esquerda, o Partido que empenha todas as suas capacidades e energias ao serviço do povo e de Portugal, o Partido Comunista Português!

Viva a 21ª Festa do «Avante!»

Viva a CDU!

Viva a JCP!

Viva o Partido Comunista Português!

meira causa de infertilidade feminina, quando morrem mulheres devido a abortos em condições desumanas.

A juventude está atenta e mobilizada. Não tolera atitudes demagógicas, e continuará a lutar e a desmarcar os verdadeiros objectivos do governo e do PS, continuará a lutar por uma educação pública, gratuita e de qualidade, pelo emprego estável e com direitos, pelos direitos dos trabalhadores-estudantes, pelo combate efectivo à toxicoddependência, pela despenalização do aborto, contra o racismo, pela igualdade e pela Paz, por um Portugal soberano e independente integrado numa outra Europa e num outro Mundo que queremos, lutar por uma política que vá ao encontro das suas reais aspirações e anseios.

A juventude portuguesa não está só nesta luta por uma nova política. Prova disso é o sucesso que constituiu o XIV Festival Mundial da Juventude e dos Estudantes, realizado este Verão em Cuba. Trinta anos após a morte de Che Guevara, jovens de todo o mundo afirmaram a sua determinação de lutar contra a agressão imperialista e de avançar em busca da transformação da sociedade.

Uma nova política está ao nosso alcance. Está ao nosso alcance uma grande vitória das populações e da juventude e dos seus direitos nas próximas eleições autárquicas.

Consideramos as autárquicas uma batalha difícil mas contamos com uma vantagem que mais nenhuma força conta: uma obra ímpar ao serviço das populações, provas dadas de honestidade e competência, de uma gestão autárquica virada para a juventude e de participação juvenil.

Juventude CDU, diferentes na forma e no conteúdo. Somos diferentes na forma de estar e de trabalhar. Somos diferentes no conteúdo, porque as propostas da CDU são construídas com e para a juventude.

O trabalho, o convívio e a alegria com que estamos na Festa reforçam a nossa determinação e confiança. Vamos com certeza reforçar e alargar as posições da CDU, contribuir para uma campanha jovem, dinâmica, viva, para uma equipa autárquica rejuvenescida, contribuir para continuar uma obra de progresso, inigualável, uma obra que só a CDU dá e pode dar à juventude.

A 21ª edição da Festa do «Avante!» tem para nós um significado especial: foi nela que iniciamos as comemorações dos 18 anos da Juventude Comunista Portuguesa, 18 anos de luta junto dos jovens e pelos seus direitos, 18 anos de trabalho e de participação.

Não serão só 18. Serão muitos mais, na luta e na afirmação das nossas propostas, na transmissão do nosso jornal, no **Viver a Transformar a Vida**, no contribuir para o caminho do Socialismo e do Comunismo.

Viva a Juventude Comunista Portuguesa!

Viva o Partido Comunista Português!





## Músicas Diferentes, Homens Iguais

Apenas para aqueles visitantes da Festa deste ano «que, cotados, só querem ouvir música» (sic), um articulista do jornal «Público» que, entre outras opiniões mais ou menos sensatas e acertadas, se tem mostrado (em algumas crónicas de anos anteriores) aparentemente avesso ao pó, às multidões, ao barulho e porventura ao cheiro das bifanas - «incómodos» que naturalmente são difíceis e complicados de evitar num acontecimento de massas como é a Festa do «Avante!» - escreveu recentemente algumas linhas sobre os «artistas internacionais e nacionais de nomeada» que a organização tinha para oferecer aos espectadores, prosa à qual não resistimos a referir-nos.

Foi numa peça de destaque do suplemento *Artes* da passada sexta-feira, na qual, a certa altura, falava dos autores do repertório do concerto dessa noite no Palco 25 de Abril, referindo-se em particular às «Três Peças para Blues Band e Orquestra Sinfónica».

Repare-se, aliás, que não está aqui em causa qualquer alergia em relação à maior ou menor capacidade de ironia com que pode e deve escrever-se (se se conseguir ter piada!) sobre os mais variados assuntos, mesmo os mais sérios, mas sobretudo a estranha cons-

tenas de alarves. E não é uma clara inversão de tom, aliada a uma muito mais interessante objectividade e sentido de observação, afinal bem resumidos na admissão de que, afinal, «a Festa do «Avante!» é uma coisa assim, difícil de explicar» - com que o mesmo jornalista termina três dias depois uma outra crónica naquele jornal - que chega para iludir o total despropósito da referência que inicialmente citámos. Mas adiante.

Que as coisas não são, de facto, fáceis de explicar - mesmo para os muitos que são capazes de se libertar de ideias-feitas - prova-o o verdadeiro entusiasmo com que, mais uma vez, foi acolhido por todos os tipos de públicos, classes e gerações, ali em entusiasmada comunhão, o concerto de abertura dos espectáculos da Festa deste ano no Palco 25 de Abril. Coincidindo com a comemoração do Ano Europeu Contra o Racismo - lema que ficou associado a este concerto e que fomos

urbanas cuja origem cultural encontramos associada às imensas «minorias» rácias das grandes metrópoles norte-americanas. Também a mais conhecida «Rapsódia em Blue», de George Gershwin, não deixa de ser uma estilização possível (para a formação de orquestra sinfónica com piano-solo) dos blues afro-americanos, não tanto em termos de estrita fidelidade musical e formal mas muito mais enquanto apropriação, assimilação e interpretação da ideia, não isenta de certo «exotismo», de um ambiente psicológico específico, traduzido musicalmente. Já a estreia portuguesa e europeia de «Três Peças para Blues Band e Orquestra Sinfónica», de William (Bill) Russo, constitui a tentativa assumida de integração concreta da linguagem popular mais explícita daquela forma musical na chamada música erudita, estando o conjunto solista a cargo de uma banda de blues em permanente diálogo musical com a grande formação instrumental que é a orquestra sinfónica - no fundo, como se de um concerto grosso se tratasse.

Surpreendendo mais do que poderiam esperar aqueles que (normalmente com justificado cepticismo) sempre receiam assistir à compreensível dificuldade de convívio dos músicos clássicos com expressões das formas musicais mais fortemente personalizadas da chamada «música popular» - o que foi inteiramente desmentido pela demonstração de perfeita assimilação desse espírito por parte dos naipes de metais e da percussão, na versão apresentada da difícil partitura de Bernstein - também na obra de Gershwin e na estreia das peças de Russo a Orquestra Metropolitana de Lisboa ultrapassou as expectativas, em particular pelo adequado vigor, musicalidade e convecção transmitidos à direcção por Miguel Graça Moura. Mas, sem esquecer ainda a complexa e perfeitíssima captação de som em condições tão particulares, não podem ficar sem referência o brilhantismo da participação do grande pianista que é Jorge Moyano na parte solística da «Rapsó-



A Orquestra Metropolitana de Lisboa, sob a direcção de Miguel Graça Moura, brilhou mais uma vez no concerto inicial da Festa do «Avante!», desta vez com a participação excepcional do pianista Jorge Moyano e da Siegel-Schwall Blues Band

composição de Bill Russo, que o crítico Fernando Magalhães resolveu acrescentar num parêntese (e citamos) «a organização não brinca, até na escolha criteriosa dos apelidos...», assim esbanjando num tom de chacota mais a condizer com a secção *Público & Notório* do mesmo jornal um tipo de linguagem que se julgaria menos própria de um suplemento com a (supõe-se!) procurada dignidade do *Artes*.

Dir-se-á que se trata de um pomenor sem importância, mas a referência não deixa de ser sintomática de indistigável preconceito.

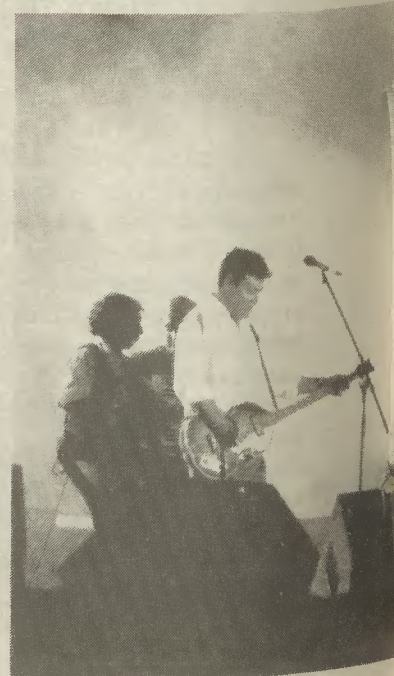
tatação de que, não apenas correndo aquele crítico justamente conceituado o risco de confundir-se com a vulgata superficial que hoje em dia grassa em grande parte da comunicação social, ainda parece ser mais preocupante a sua própria indiferença perante a possibilidade (real) de passar aos olhos de milhares de leitores de um jornal com o prestígio do «Público» por um corriqueiro «cronista mundano e social» de uma qualquer publicação destas «especialidades» e de este tipo de «piadas» à margem apenas virem a ser acolhidas com risos primários por algumas cen-

buscar para título desta resensão - este espectáculo tinha uma íntima ligação a essa comemoração na medida em que, de uma ou outra forma, todas as peças ali tocadas apresentavam na sua génese inspiradora elementos oriundos de uma profunda mescla e participação entre culturas musicais muito diversas.

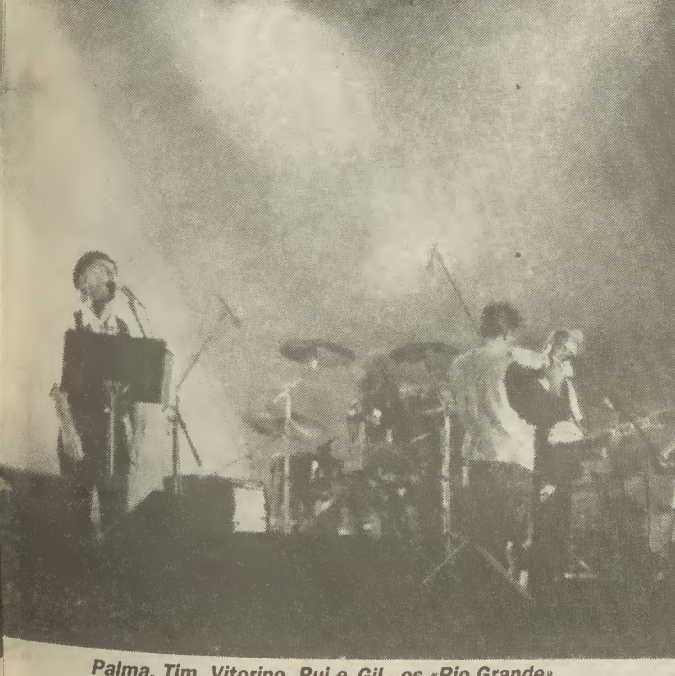
Por exemplo, em «Danças Sinfónicas de «West Side Story»», de Leonard Bernstein - um «musical» com um «libreto» já de si inspirado no drama «Romeu e Julieta», de Shakespeare - o compositor é influenciado musicalmente pela multiplicidade das músicas

«dia», não apenas na vertente técnica como no campo expressivo e interpretativo, e a entusiasmante prestação da Siegel-Schwall Blues Band na última obra da noite, em particular o seu líder e solista em harmónica Corky Siegal, contagiando tudo e todos, a começar pelos próprios músicos da orquestra, como podia ver-se nos bastidores do palco, pelos «abandar de cabeça» e «bater de pés»...

Enfim - e, mais uma vez, a exemplo do que aqui se perguntava no número especial dedicado à Festa do ano passado - «que é que vamos inventar para o ano que vem?».



Palma, Tim, Vitorino, Rui e Gil - os «Rio Grande»



O grupo brasileiro «Timbalada»

### Francisco Costa

Como já vem sendo hábito nas Festas anteriores, a programação do Palco 25 de Abril procurou visivelmente mais uma vez atender aos gostos musicais dos muitos tipos de público que frequentam aos milhares o grande recinto, também para ouvir a sua música e artistas preferidos.

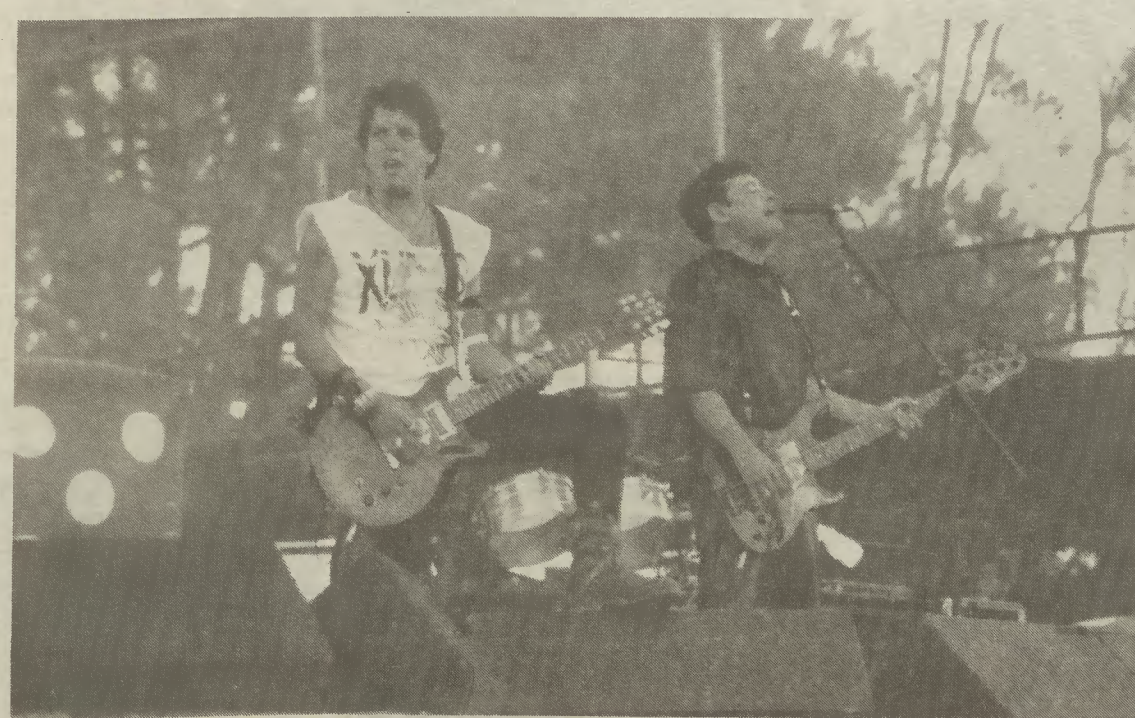
Melhor do que prolongadas considerações que aqui pudésemos alinhar sobre as prestações musicais dos vários grupos e solistas, responde sem dúvida o êxito que, regra geral, se traduziu pela presença de fortes contingentes de público nas tardes e noites de sábado e domingo, independentemente dos géneros ali apresentados. Mas seria injusto e despropósito não destacar, aqui, aquilo que mais pareceu tocar esses diferentes públicos.

Começemos pelas agradáveis surpresas e confirmações. E logo para dizer que o primeiro grupo em acção - «Iris», do Algarve - ultrapassou com segurança aquele que é sempre um dos maiores desafios: abrir as actuações na tarde de sábado, à torreira do sol! Às primeiras notas, logo o largo espaço circundante se foi enchendo e aderindo ao projecto assumido pelo grupo: a irreverente simbiose de uma instrumentação eléctrica-acústica a um tempo urbana e rural, com um repertório feito de originais e sobretudo «clássicos» da música popular de todos os quadrantes, como *Atrairte ao mar*, *O Passarinho da Ribeira*, *o Corridinho*, etc., etc. Revelando uma «tarimba de estrada» assinalável, coesão instrumental e som cheio e poderoso, o Iris foi uma estreia auspiciosa no palco principal da Festa. Também a abrir os espectáculos de domingo, esteve a nível idêntico o grupo «Navegantes», de mais forte e tradicional componente popular portuguesa, ao qual veio juntar-se como convidado o brilhante grupo de percussão «O Ó Que Som Tem», dirigido por um Rui Júnior em forma excepcional.

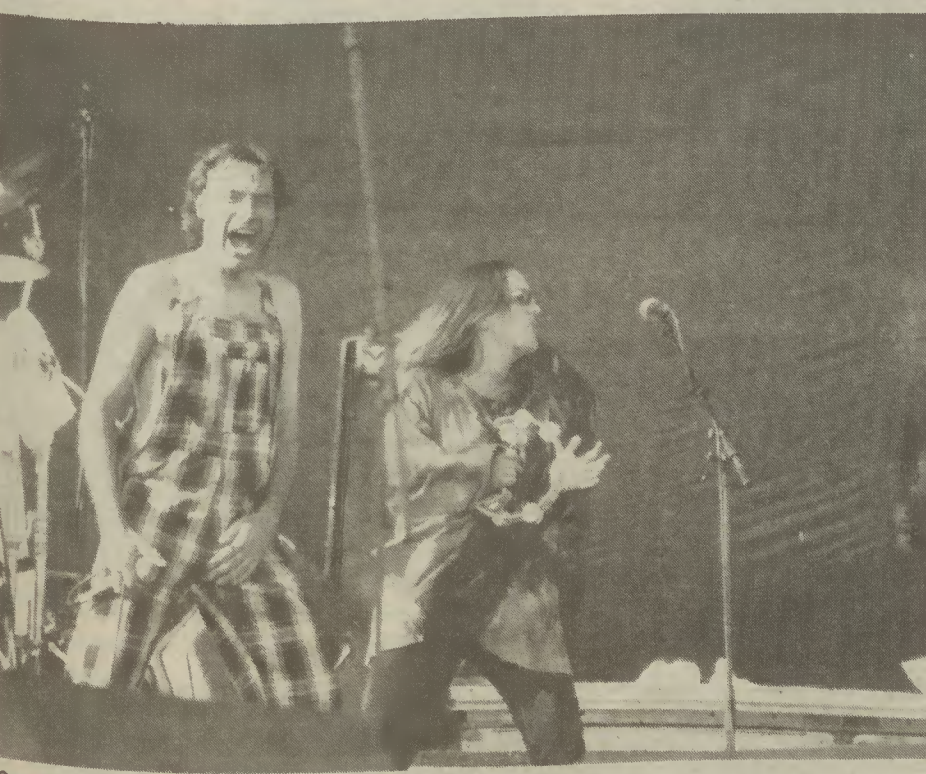
## Para todos os gostos

O já consagrado Tito Paris preparou cuidadosamente uma actuação polivalente em que, para além do grupo-base alargado do ponto de vista instrumental, participaram como convidados, entre outros, Maria Alice, André Cabaço, Filipe Mukemba, Guto Pires e Juca. O repertório correspondeu à expectativa: uma multifacetada e sempre excitante panorâmica pelas músicas e ritmos de Cabo Verde, Moçambique, Angola, Guiné-Bissau ou São Tomé e Príncipe.

Numa derivação do estilo musical e preparando um contraste com o grupo de música popular brasileira que se lhe sucederia, destacou-se, ainda no sábado, um grupo famoso entre os famosos - daqueles que nem a coincidência do relato televisivo do decisivo Alemanha-Portu-



O rock nacional dos «Xutos & Pontapés»



O grupo algarvio «Iris»



A música africana de Tito Paris

gal de qualificação para o Mundial de futebol (o qual, diga-se de passagem, poderia ser seguido em ecrãs de várias dimensões em diversos pontos da Festa) fez arredar pé aos inúmeros fãs (e não só) que superlotavam o recinto. Já perceberam que o grupo em questão, por curiosa coincidência, se chamava nada mais nada menos do que... *Xutos & Pontapés!* E foi vê-los e ouvi-los, seguros de uma consistência construída ao longo dos anos, brindar-nos com canções de êxito segu-

ro, sublinhadas frequentemente em coro. Se um destaque nos parece justo, ele vai direitinho para João Cabaço na guitarra. Assim se preparava a ponta final dos espectáculos de sábado: primeiro com os ritmos intensos e as melopeias de sabor bem popular da enorme trupe brasileira da «Timbalada», que nos chegou carregada de energia de São Salvador da Baía, e que nos proporcionou um espectáculo de grande intensidade sonora

e fortíssimo êxito de público, evocando claramente as raízes africanas de uma música de premente componente tropicalista. Foi, assim, a muito custo que a encerrar a noite o palco deu lugar a um dos melhores espectáculos de sempre de Sérgio Godinho nas várias Festas em que participou. Na realidade, não se sabe que mais destacar: se a componente musical e instrumental, conjugando harmoniosa e inteligentemente as componentes acústica e electróni-

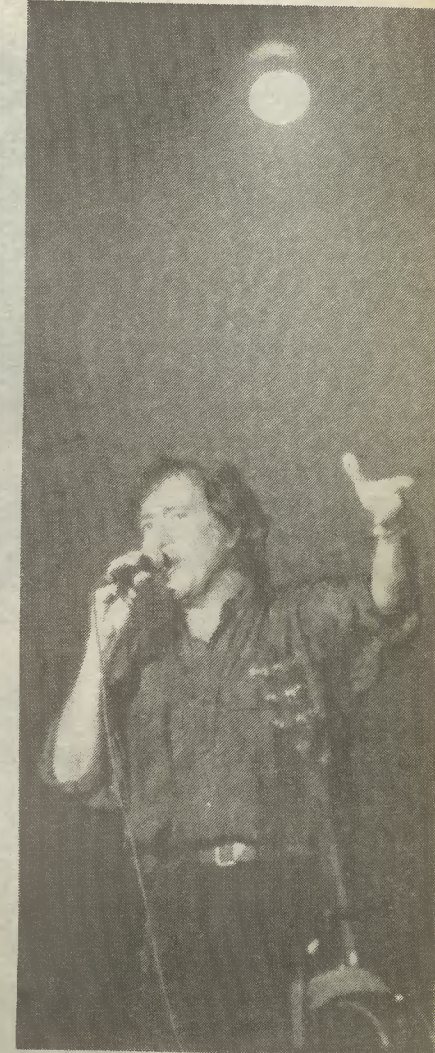
ca, se a alta qualidade dos músicos envolvidos (entre os quais numerosos convidados de que não parece injusto destacar, para além do excelente grupo-base, Manuel Faria, Kalu ou Nuno Rafael), se a tão especial e adequada sabelo-ria de estar em palco e erguer, nos crescendo e diminuendo, um espectáculo com cabeça, tronco e membros, a que não é alheia a qualidade da voz, do repertório e inclusive a experiência teatral de Sérgio Godinho. As novas e

velhas versões de clássicos como *Lisboa Que Amanhece*, *Com um Brilhoso no Olhos* ou *Terça-Feira*, aliadas às muitas e novas composições do novo álbum «Domingo no Mundo», para já não falar da esmagadora surpresa de uma *Eielvina* revisitada - configuraram um espectáculo a todos os títulos memorável.

Mas a Festa viria ainda a aplaudir, até ao delírio, um outro concerto que a encerraria em beleza: o concerto congeminado pelo grupo

e melodias à multidão que se apanhava em uníssono frente ao palco. Por isso, *Fui às Sortes e Saí-me*, *Menina Estás à Janela*, *Conta-me Histórias*, *Saudade*, *Queda do Império*, *Senta-te Ai*, *Porto Sentido*, *Deixa-me Ir* ou *O Homem do Leme* foram momentos de excepção naquela noite invulgarmente cáida e repousante de inícios de Setembro.

Agora, passada a diversão, vamos ao trabalho! Para já, para alcançar mais «obra feita»!



Sérgio Godinho e convidados

«Rio Grande», esse ovo-de-Colombo que constitui a união de disparidades afinal tão harmonizáveis como são as fortes personalidades de Jorge Palma, Tim, Vitorino, Rui Veloso e João Gil (que é como se «lia» o palco, da esquerda baixa para a direita alta) a que é indispensável juntar o sempre discreto João Monge. Fazendo render paulatinamente o «achado» que é, em geral, colocar os vários intervenientes a cantar os grandes «clássicos» dos parceiros do lado, estes estenderam-se no decorar das letras





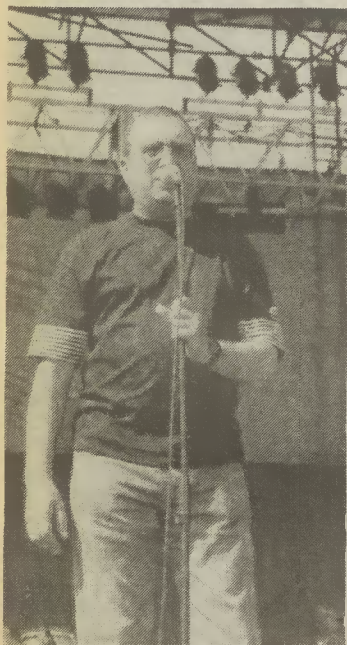
Quem entrou no Auditório 1.º de Maio na sexta-feira à noite podia ficar confuso: estava numa taberna tipicamente lisboeta ou na Festa do Avante!?

Mas, apesar das mesas ornamentadas com toalhas aos quadradinhos e jarros de barro onde os oito fadistas que actuaram naquela noite estavam sentados, os aplausos não deixavam lugar para dúvidas. Provinham de tantas pessoas, que só podiam estar reunidas num local do tamanho do auditório.

Durante as actuações sentia-se o peso do silêncio, o peso do respeito pelas vozes que



As percussões de «O Ó Que Som Tem», de Rui Júnior



Cândido Mota foi o habitual animador do Palco 25 de Abril



O grupo «Navegantes»

## Auditório 1.º de Maio

■ Isabel Araújo Branco

actuavam no palco, o peso dos sentimentos que depois de dar força aos artistas passava para o público. É disso que se trata, de sentimento. Não de desgraça, mas sim daquilo que o Homem é feito: dor, saudade, amor, tristeza, alegria, sonho.

Sonho é uma das componentes da vida do jovem João Pedro, fadista profissional já galardoado com vários prémios. Com 14 anos, este (ainda) menino mostrou que as vocações e os talentos se revelam em qualquer idade. Mesmo no fado.

Talento demonstrou também o consagrado Vasco Rafael, acompanhado por Manuel Mendes à guitarra e Jaime Martins à viola.

Mas para ter vocação para o fado não é preciso ser profissional. A prová-lo estiveram Judite Pinto, Amélia Vieira, Fernanda Proença, Álvaro Rodrigues, João d'Alter e Sebastião Rodrigues, acompanhados por António Pedro (viola) e Luís Gonçalves (guitarra).

Num grande espectáculo apresentado por aquele que é considerado o melhor apresentador de fados, Sebastião de Jesus, a primeira noite da Festa juntou no auditório várias gerações de intérpretes, várias formas de cantar e vários tipos de público.

Os Unfaced Minds abriram a tarde de sábado sob a influência do rock e do reggae. Demonstrando em palco o lema da Festa deste ano («Músicas Diferentes, Homens Iguais»), este grupo composto por dois portugueses, um guineense, uma cabo-verdeana e dois angolanos tocaram canções em português, inglês, francês e crioulo.

Sublinhe-se a consciência social da banda, bem patente nas suas preocupações em áreas tão diversas como a ecologia, a desigualdade entre sexos e raças, a liberdade e a educação.

Essa mesma educação foi apontada como uma das saídas para o fim do racismo por Gémiuh, um dos membros fundadores do Unfaced Minds, numa conversa com o Avante! depois do espectáculo. «Este é o século do combate ao racismo», afirmou, acrescentando que acredita nas gerações futuras para operarem uma mudança na mentalidade da humanidade.

Por volta das seis horas, Angola mudou-se para o palco do auditório. O som dos «ngomas», «dikanzas», «bate-bates» e «puitas» tocados pelos Jovens do Hungu (ou seja, os tambores, os reco-recos, as canas de bambu percuchadas e as cuicas) invadiram os ouvidos dos espectadores que, durante a breve actuação do grupo, mostrou o quanto valia na dança dos ritmos africanos.

Daniel Kientzy, juntamente com Vítor Rua e Jorge Lima Barreto dos Telectu, marcou presença numa homenagem ao compositor português Jorge Peixinho. A sua música de vanguarda encantou os admiradores do estilo, tendo sobressaído a mestria de Kientzy nos vários tipos de saxofone utilizados. De referir os elementos cénicos multimédia da responsabilidade de Reina Portuondo.

Depois do rock de Pedro e os Apóstolos, o fado voltou a tomar conta do auditório, agora através da inconfundível voz de Mísia. Esta grande intérprete do novo fado português mais uma vez encheu com a sua voz a alma das inúmeras pessoas que ali acorreram especialmente para a ouvir.

As emoções estavam à flor da pele. Ali não havia lugar para as conversas triviais, as indelicadezas do indivíduo, as vontades do momento. O auditório tornou-se intemporal e elevou-se sobre horas, compromissos, obrigações. Só a voz de Mísia existia. E perdurou durante toda a noite...

O dia de domingo começou em grande com a guitarra flamenca de Pedro Jóia, acompanhado pelos Ciganos de Ouro. O ritmo gitano sabiamente interpretado provou, mais uma vez, que todos os sons cabem na Festa... e com sucesso.

O público ia crescendo, vibrando com a música, dançando. De tal maneira que o palco foi invadido por um espectador mais entusiasmado que queria mostrar a sua arte na dança cigana.

Apesar da concorrência dos pára-quedistas que à mesma hora saltaram para o terreno da Festa, Jóia e os seus convidados agarraram o público numa brilhante actuação de cor, voz, calor e alegria.

O grupo de Mário Gramacho, que actuou à noite após o comício, merecia as estrelas que brilhavam no céu. Os corpos deixaram de se ver, os olhos fechavam-se, a imaginação voava. Só os merecidos aplausos despertavam para a realidade.

Passando do Jazz para os Blues e de Lisboa para Chica-

## Palco Arraial

A música tradicional portuguesa tem, como já é hábito, um lugar de destaque na Festa. O Palco Arraial leva até ao público grupos de todas as zonas do país, com a sua história, hábitos, costumes, roupas e, claro, sons.

O país muda-se para a Atalaia e faz dançar todos os que passam por aquele palco, desde o início da noite de sexta-feira até ao fim de domingo.

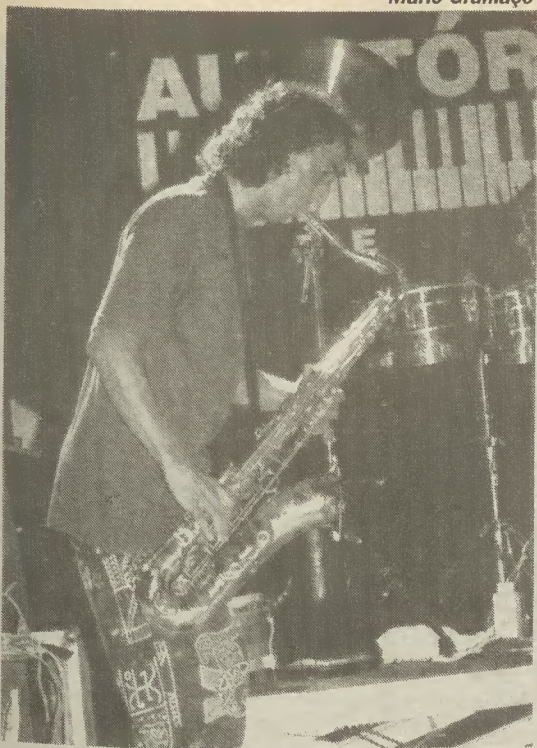
Este ano de destacar o Grupo Coral Feminino de Aljustrel, o Grupo Típico de Danças de Afonsoeiro e o Grupo Coral Unidos do Alentejo.

Outro tipo de música, a de baile, teve igualmente lugar na Festa, na noite de sábado com o grupo «Pró Sat».





Mário Gramaço



Misia

Siegel-Swall Blues Band



go, os Siegel-Swall Blues Band apenas deram um cheirinho do que valem. As três músicas que tocaram entusiasmaram o público que lotou o auditório e decepcionou-o quando verificou que o espectáculo ficava por ali. O cumprimento dos horários é algo que deverá ser tido em conta nas próximas edições.

A Festa do Avante! de 1997 terminou. Na noite de domingo já se ouviam alguns desabafos de saudade. Mas, não há nada a fazer. Até para o ano!



Unfaced Minds



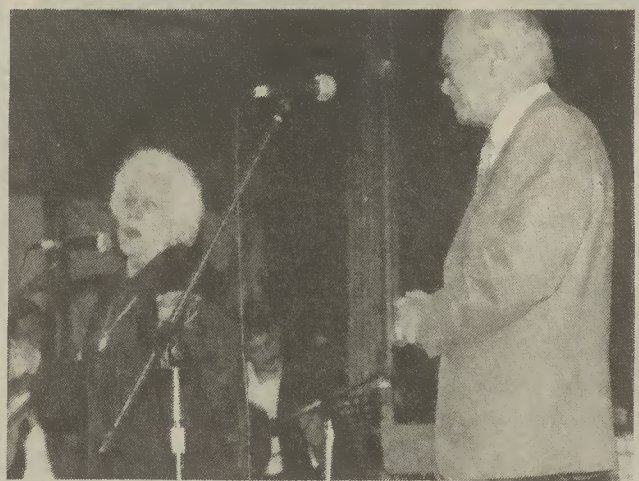
Pedro Jóia e Ciganos de Ouro



Telectu com Daniel Kientzy



Noite do Fado



## Palco Liberdade



O Palco Liberdade é paradigmático da realidade musical portuguesa. Se, por um lado, actuaram bandas de grande qualidade como os «Jarojupe» ou os «Estrada de Santiago», por outro assistimos a alguns espectáculos brejeiros, como foi o caso das «Endyabradas» e do grupo «Sinal».

Num ponto não há dúvida: a qualidade do palco dos «Novos Valores» aumentou substancialmente em relação à sua primeira edição, no ano passado. A escolha dos grupos foi feita por um conjunto de pessoas ligadas de diversas formas à música, que procuraram trazer à Festa bandas de todo o país e representantes de inúmeros estilos musicais.

O rock, o pop, o heavy metal, a música de intervenção e até o «pimba» tiveram lugar neste palco.

«Liberdade» de escolha, de expressão e de reacção. Ao longo dos três dias notou-se a fidelização do público, vibrando com a música, dançando, cantando, acompanhando os espectáculos.

Naturalmente, as músicas denominadas genericamente por «pimba» também contaram com muitos espectadores. Para alguém, como eu, que só conhece os «clássicos» desta tendência, é impressionante a falta de qualidade das letras, a brejeirice das canções, os termos utilizados e os trocadilhos de mau gosto que a maioria das canções ostentam repetidamente.

Mas o saldo é, sem dúvida, positivo. Grupos como os «X-Posed», os «LSD», os «União de Loucos» ou os «Canto Moço» mostraram as potencialidades dos jovens portugueses e a vontade deingar na música. Avante com eles!





# Três dias de desporto Competir, praticar, conviver

O desporto é uma componente forte da Festa, que envolve milhares de atletas em dezenas de modalidades de competição e demonstração.

## Polidesportivo

As actividades no polidesportivo da Atalaia começaram sexta-feira com jogos de basquetebol de cadeira de rodas com equipas da Associação Portuguesa de Deficientes

No sábado, a manhã infantil contou com jogos de salto em altura, barreiras, futebol, jogos tradicionais e basquetebol 3x3

À tarde foi a vez do futebol entre as equipas de seniores femininos Palmeiras Lisboa Clube e Bairro da Conceição (Beja). Jogaram ainda em iniciados masculinos o CCR Coruche e Palmeiras Lisboa Clube; em seniores femininos a Académica da Ajuda e uma selecção dos concelhos do Seixal e Moita; e em seniores masculinos a CM Zona Azul (Moita) e o Café do Tó (Manteigas). Em infantis masculinos, defrontaram-se as equipas do Barroquense e a selecção Seixal-Moita.

Para a noite estava reservado um Sarau de Ginástica, uma demonstração de artes marciais, em que participaram seis clubes e cerca de 80 atletas. Por fim, os visitantes foram chamados a participar numa aula de Aeróbica e o ringue encheu-se com cerca de 300 pessoas.

el Dias (Algés); 6º António Rosa (Almada); 7º José Serra (Seixal); 8º Fernando Grelha (Almada); 9º Joaquim dos Santos (Almada); 10º Jacinto Modesto (Matosinhos).

## Xadrez

Na sexta-feira decorreu o Torneio de Xadrez (semi-rápidas de 15) que teve 22

## Triatlo

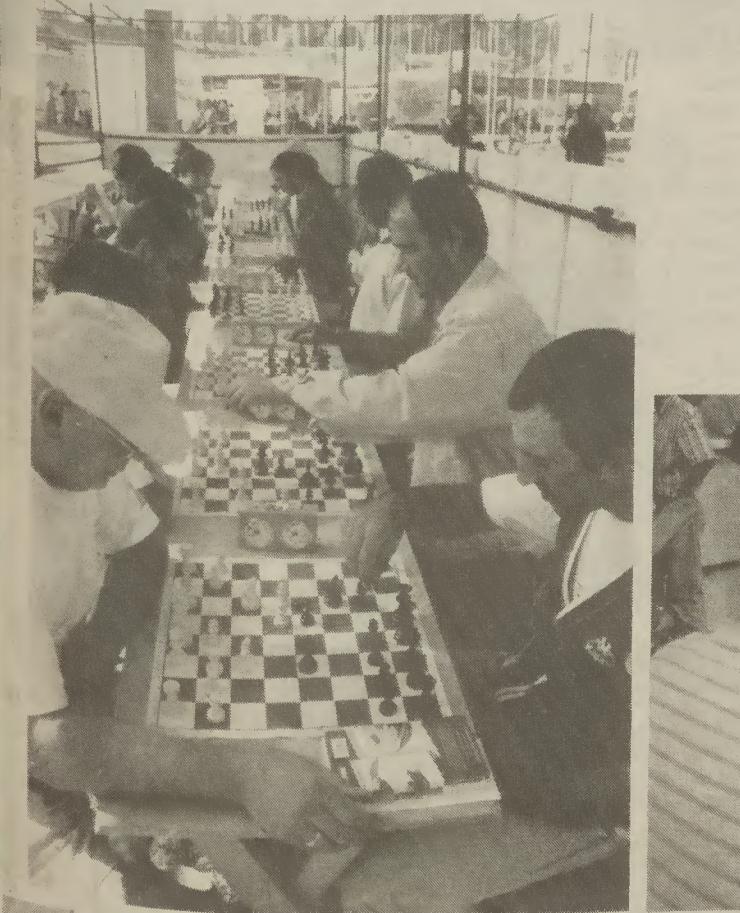
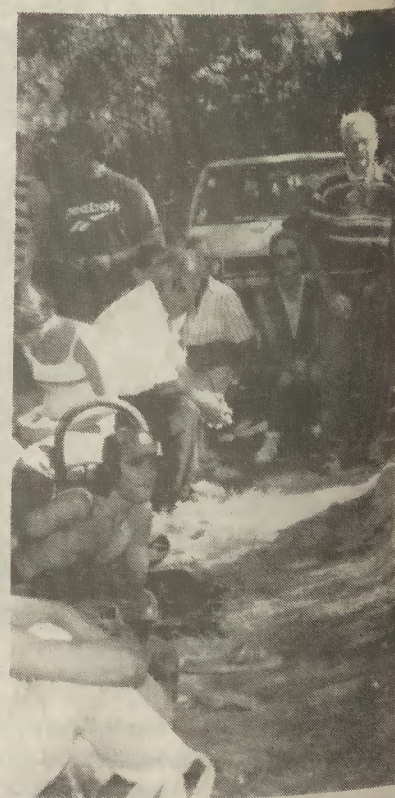
O triatlo que compreende provas de xadrez, escalada e tiro, decorreu no domingo com oito atletas.

No final classificaram-se nos três primeiros lugares José Candeias com 104 pontos; Sílvia Soares, com 98 pontos e António Carmo com 91 pontos.

3º Cooperativa Força de Todos (Setúbal); 4º Gâmbia (Setúbal); 5º Anunciada (Setúbal).

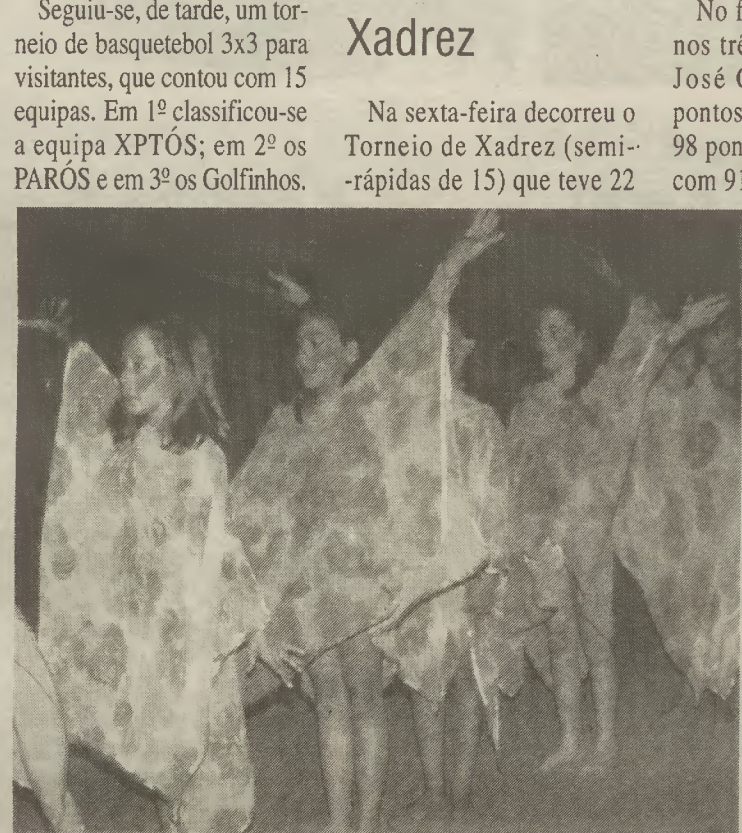
Na Malha Corrida o vencedor foi Joaquim Barloiro, da Anunciada. Na entrega dos prémios estiveram, entre outros, o presidente da Junta de Freguesia do Sado e Luís Custódio, candidato da CDU à freguesia de Pontes, Gâmbia e Alto da Gâmbia.

No torneio de Malha



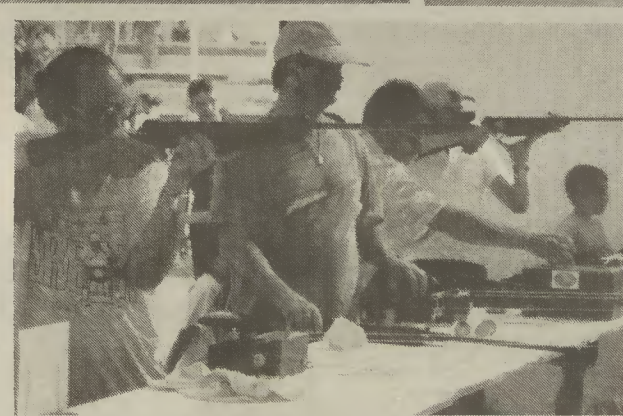
Pequena participaram cerca de 70 atletas de sete equipas. Venceu a equipa de «A Vontade do Povo» (Moita), seguindo-se, em segundo, «1º de Janeiro» (Barreiro); 3º Arrotiense (Alhos Vedros); 4º Banheirense (Baixa da Banheira); 5º Alhos Vedros; 6º Sempre Fixe (Barreiro); e 7º Bairro Fernando Pires (Alhos Vedros).

Realizou-se ainda um torneio de Chinquillo - malha corrida - com 12 participantes. Nos três primeiros lugares classificaram-se António Candeias, José Ramos e Vitorino Faustino.



## Damas

O torneio de Damas, realizado na tarde de sábado, registou a presença de 22 praticantes. Os primeiros dez lugares ficaram assim ordenados: 1º Júlio Nunes (Faro); 2º José Pereira (Almada) 3º Daniel Machado (Serpa); 4º Helder Cláudio (Moscavide); 5º Manu-

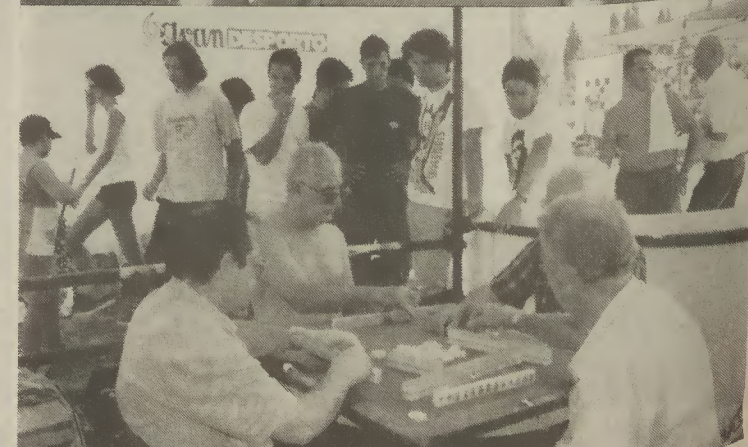


inscrições. No final foram apurados os seguintes vencedores: 1º Benjamim - Ricardo Jorge (Sintra); 1º iniciado - Gonçalo Bruno (Leiria); 1º júnior - Henrique Ribeiro (Espinho); 1º sénior - António Rodrigues (Porto); 1º veterano - Sílvia Soares (Seixal).

Esta modalidade contou ainda com um simultânea realizada na noite de domingo, em que participaram 32 xadrezistas.

## Chinquillo

No torneio de Malha Grande participaram equipas de Lisboa, Setúbal e Seixal envolvendo meia centena de atletas sempre rodeados de centenas de visitantes. A classificação final foi a seguinte: 1º Alto Estanqueiro (Montijo); 2º Vale Milhaços (Seixal);



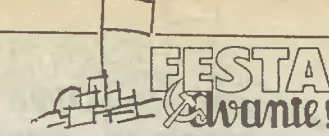
## Mah-Jong

Pela primeira vez na Festa teve lugar um torneio de Mah-Jong que registou a adesão de oito jogadores que se classificaram do seguinte modo: 1º Henrique de Jesus; 2º Pedro Sequeira; 3º António Salvação; 4º Luis Gonçalves; 5º Fernando Ferreira; 6º José de Sousa; 7º Luis Broncas; 8º Manuel Valente. No domingo, os visitantes puderam assistir a uma sessão de demonstração deste jogo.



## Tiro ao Alvo

Na sexta-feira, teve lugar uma demonstração da modalidade nas vertentes olímpicas (carabina e pistola de ar comprimido). A variante de Carabina de Recreio, igualmente em demonstração, foi aberta aos visitantes, que tiveram o acompanhamento de atiradores e treinadores da Federação de Tiro.







# Correr é uma grande festa

Com perto de 1700 atletas inscritos e 118 equipas, a Corrida da festa foi mais uma vez uma grandiosa manifestação do desporto de massas.

O tiro de partida foi dado pelas 9,30 horas de domingo por Alfredo Monteiro, vereador da CM do Seixal e candidato da CDU à presidência da autarquia.

entrega dos prémios em que estiveram presentes várias individualidades ligadas ao desporto. Na ocasião, foi prestada uma pequena homenagem à atleta Carla Sacramento, que por se encontrar no estrangeiro esteve representada pela mãe América Sacramento. Entre os presentes, estiveram António Vilela, assessor do pelouro do Desporto da CM de Lisboa; António



Ao longo de um percurso de 14 quilómetros, muitos populares aguardavam nas ruas a passagem do pelotão de atletas, do qual cedo se destacou José Silva, do Sport União Caparica, que seria o primeiro a cortar a meta.

À chegada a organização contou 928 atletas. No escalão de seniores femininos, venceu a atleta Rosa Oliveira, nome famoso do atletismo nacional, que voltou a participar na Corrida da Festa.

Refira-se que José Silva vai estar presente na Corrida do L'Humanité, no próximo fim-de-semana, prémio que Rosa Oliveira ofereceu à segunda classificada do seu escalão, a atleta Luísa Monteiro.

Outro nome conhecido, Armando Aldegalega, obteve também a vitória no seu escalão - veteranos 5 - terminando em 142º lugar. Os lugares cimeiros nos restantes escalões foram ocupados por Joaquim Pereira, em veteranos 1; José Monteiro, em

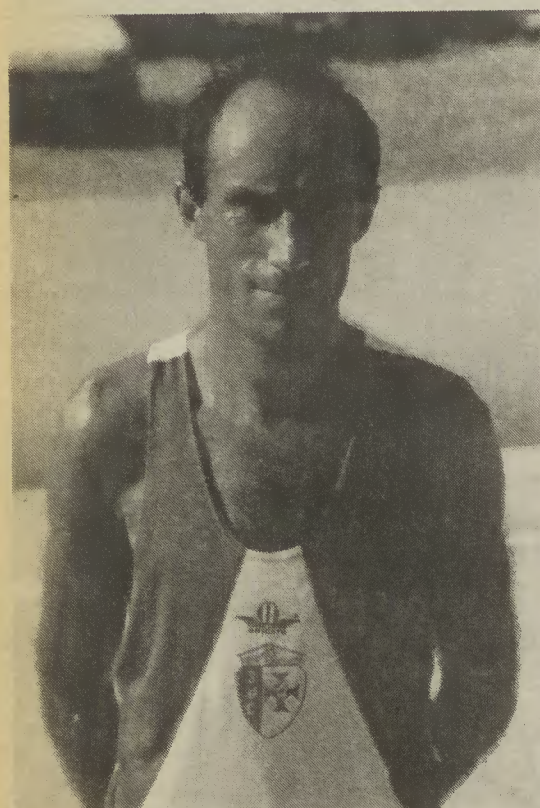
Sousa Santos, chefe de Divisão do Departamento do Desporto da CML; Amâncio Pinheiro, presidente da Junta de Freguesia da Amora; Fernando Fernandes, 1º Director da Corrida da Festa; Fernando Tavares, técnico desportivo na CM do Seixal, José Esteves, director do departamento do Desporto da CM de Lisboa, Vítor Reis, do Caparica CB.

Representantes do Amora Futebol Clube, da Associação de Atletismo de Setúbal e da Casa dos Atletas.

Um motivo de última hora impediu Jorge Salcedo, Secretário-geral da Federação Portuguesa de Atletismo, de estar presente, facto que comunicou oportunamente à organização.

Na cerimónia Carlos Rabaçal, do Comité Central do PCP, proferiu uma pequena intervenção em

que abordou aspectos gerais do desporto em Portugal, enquanto Carlos Marques, membro da Comissão da Corrida da Festa fez os agradecimentos públicos a todas as entidades que colaboraram na realização da prova tornando-a possível.



José Silva venceu a corrida



Rosa Oliveira foi a primeira das mulheres

veteranos 2; Manuel Carrudo, em veteranos 3; Carlos Silva em veteranos 4; e Anabela Pereira em veteranas. Com 94 pontos, a GDR da Reboleira venceu por equipas. Ainda durante a manhã, realizou-se no campo relvado do Amora a cerimónia da

## Os 10 primeiros

### Classificação geral

Nome	Esc.	Equipa	Geral
José Silva	SN	Sport União Caparica	1
Humberto Alves	SN	Individuais	2
José Parabela	SN	Maratona C. Portugal	3
Delfim Pimentel	SN	GDR da Reboleira	4
João Monteiro	SN	CA Vale Figueira	5
Carlos Freitas	SN	GD V Covo e Carrascais	6
Luís Martins	SN	GD V Covo e Carrascais	7
Carlos Almeida	SN	União Rec do Dafundo	8
Bento Ribeiro	SN	União Rec do Dafundo	10
<b>Seniores femininos</b>			
Rosa Oliveira	SF	Individuais	906
Luísa Monteiro	SF	Juventude OP M Abraão	1065
Undina Avion	SF	Juventude OP M Abraão	1064
Manuela Dias	SF	GD Os Bons Dias	1014
Maria Madalena	SF	Academia R da Ajuda	836
Filomena Silva	SF	GAmigos Vale Silêncio	985
Susana Adelino	SF	CCCM Loures-Desportivo	235
Carolina Ganhão	SF	CA Vale Figueira	1652
Ana Matos	SF	Individuais	903
Carmen Henriques	SF	Independente FC Torren	726
<b>Veteranos 1</b>			
Joaquim Pereira	V1	Sport União Caparica	1
Silvestre Gomes	V1	Individuais	2
Óscar Santos	V1	Maratona C. Portugal	3
Francisco Gravito	V1	GDR da Reboleira	4
Joaquim Palma	V1	CA Vale Figueira	5
José Fernandes	V1	GD V Covo e Carrascais	6
José Caleca	V1	GD V Covo e Carrascais	7
Armindo Santos	V1	União Rec do Dafundo	8
Ana Matos	V1	União Rec do Dafundo	10
António Santos	V1	GDC Trab Borealis	69
<b>Veteranos 2</b>			
José Monteiro	V2	GDC de Galamares	26
José Santos	V2	SFUAP	29
António Lourenço	V2	Juventude OP M Abraão	33
José Maria Amigo	V2	ACD da Cotovia	44
Júlio Alves	V2	CR da Cruz de Pau	59
Manuel Félix	V2	ARC Desp Fetais	64
Rui Silva	V2	SFUAP	71
Vitor Pedro	V2	Os Tretas	74
Silvio Paiva	V2	GD Macedo Oculista	97
Joaquim Vicente	V2	Grafodinâmica	99
<b>Veteranos 3</b>			
Manuel Carrudo	V3	Solido	57
Manuel Samarro	V3	Amigos da Matinha	62
José Neves	V3	AMAL	65
Orlando Lopes	V3	SRC Povo - Equipa A	72
Francisco Farroupas	V3	CR da Cruz de Pau	95
José oliveira	V3	G. Desp Roche	98
Fernando Guerreiro	V3	ARC União Desportivo Fetais	115
António Lopes	V3	GD Estrela Negra	131
David Manuel Costa Rosa	V3	Individuais	132
António Fernandes	V3	GD Rio Mouro R. Mercês	139
<b>Veteranos 4</b>			
Carlos Silva	V4	União Rec do Dafundo	37
Adriano Cotrim	V4	Liberdade Fut. Clube	91
João de Freitas Ferreira	V4	Individuais	121
José Silvério	V4	Mem Martins Sport Clube	135
João Guita	V4	CR da Cruz de Pau	178
João Brito	V4	CCD Município de Cascais	206
José Silva	V4	Os Kagados	260
Silvio Bravo	V4	G ATL da Pontinha	261
Fernando Ferreira	V4	Mem Martins Sport Clube	292
José Bento	V4	GD Portucel	330
<b>Veteranos 5</b>			
Armando Aldegalega	V5	Sporting Clube Portugal	35
João P. Batista	V5	GD Banco de Portugal	215
José Agostinho	V5	G ATL da Pontinha	262
Mário Fresco	V5	Amal	290
Manuel Picante	V5	CR da Cruz de Pau	321
Asdrúbal Patinha	V5	CDR Águias Unidas	327
Francisco Faro	V5	Sargentos da Armada	433
Humberto Pinheiro	V5	Beira Mar AC Almada	458
António Veiga	V5	Veteranos Queluz	466
Carlos Pereira	V5	CCM Loures-Desportivo	483
<b>Veteranas</b>			
Anabela Pereira	VF	CR da Cruz de Pau	257
Umbelina Nunes	VF	GD Os Bons Dias	480
Isaura Pereira	VF	CRD Miratejo	520
Deolinda António	VF	GD Patucos Vialonga	622
Maria Dias	VF	GD do Cavadas	777
Anabela Pincia	VF	CCD Município Cascais	803
Joaquina Sousa	VF	GA Super Estrelas - L	804
Maria Oliveira	VF	Clube Natureza Alvito	822
Idalina Alves	VF	Linda-a-Pastora SC	823
Maria Lurdes Henriques	VF	Independente FC Torren	834

### Equipas

1º - GDR da Reboleira	6º - Câmara Lisboa Clube
2º - União Rec do Dafundo	7º - SRC Povo - Equipa B
3º - CDR Águias Unidas	8º - CR da Cruz de Pau
4º - SRC Povo - Equipa A	9º - G ATL Valejas
5º - Manuel Simões e Filhos	10º - Amal

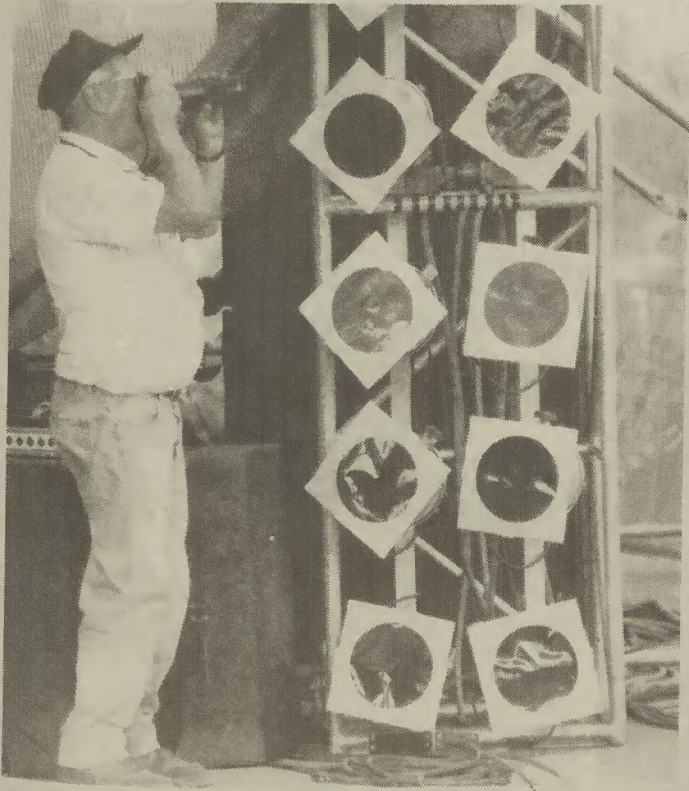
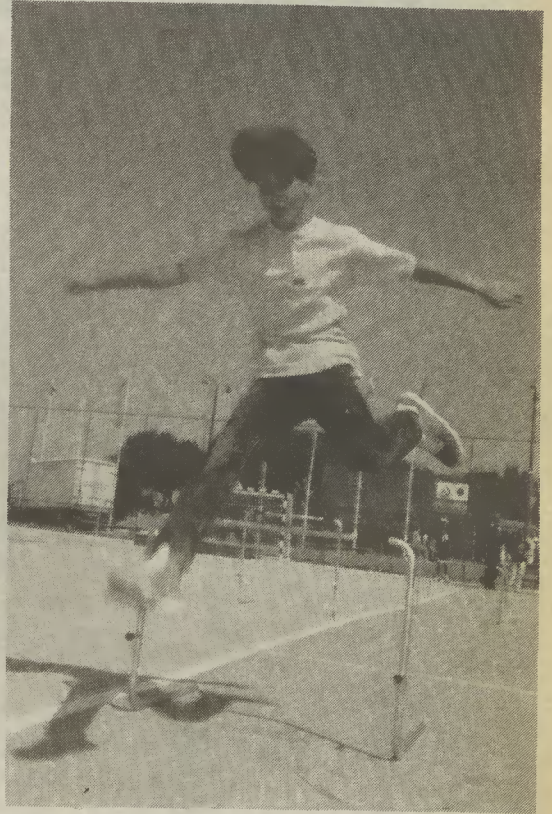


# Fotos da Festa...

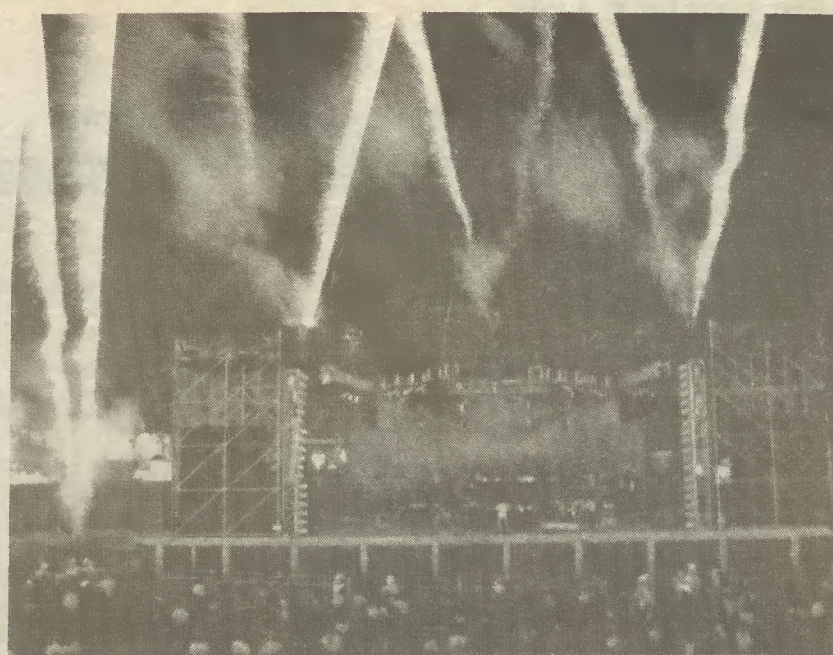
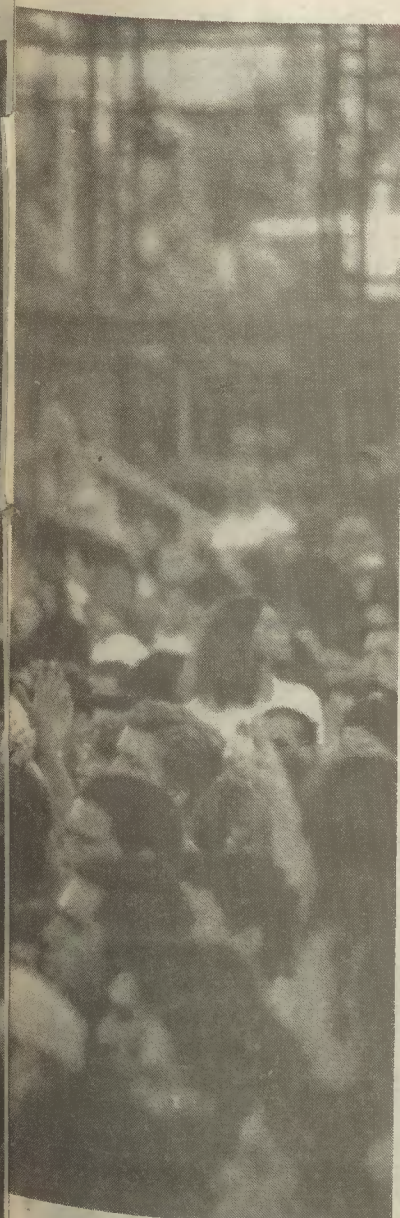
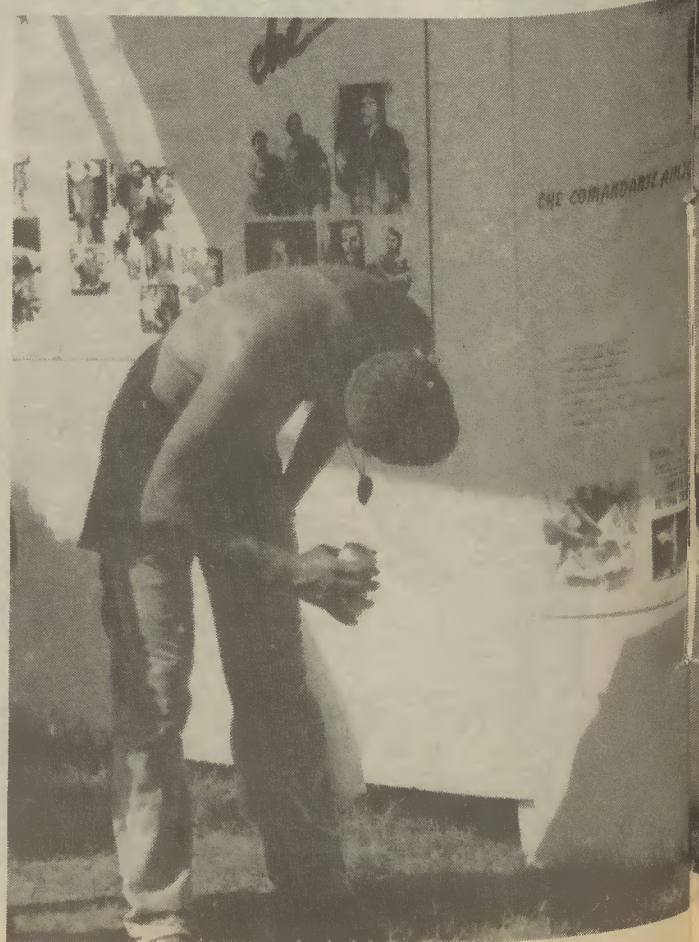
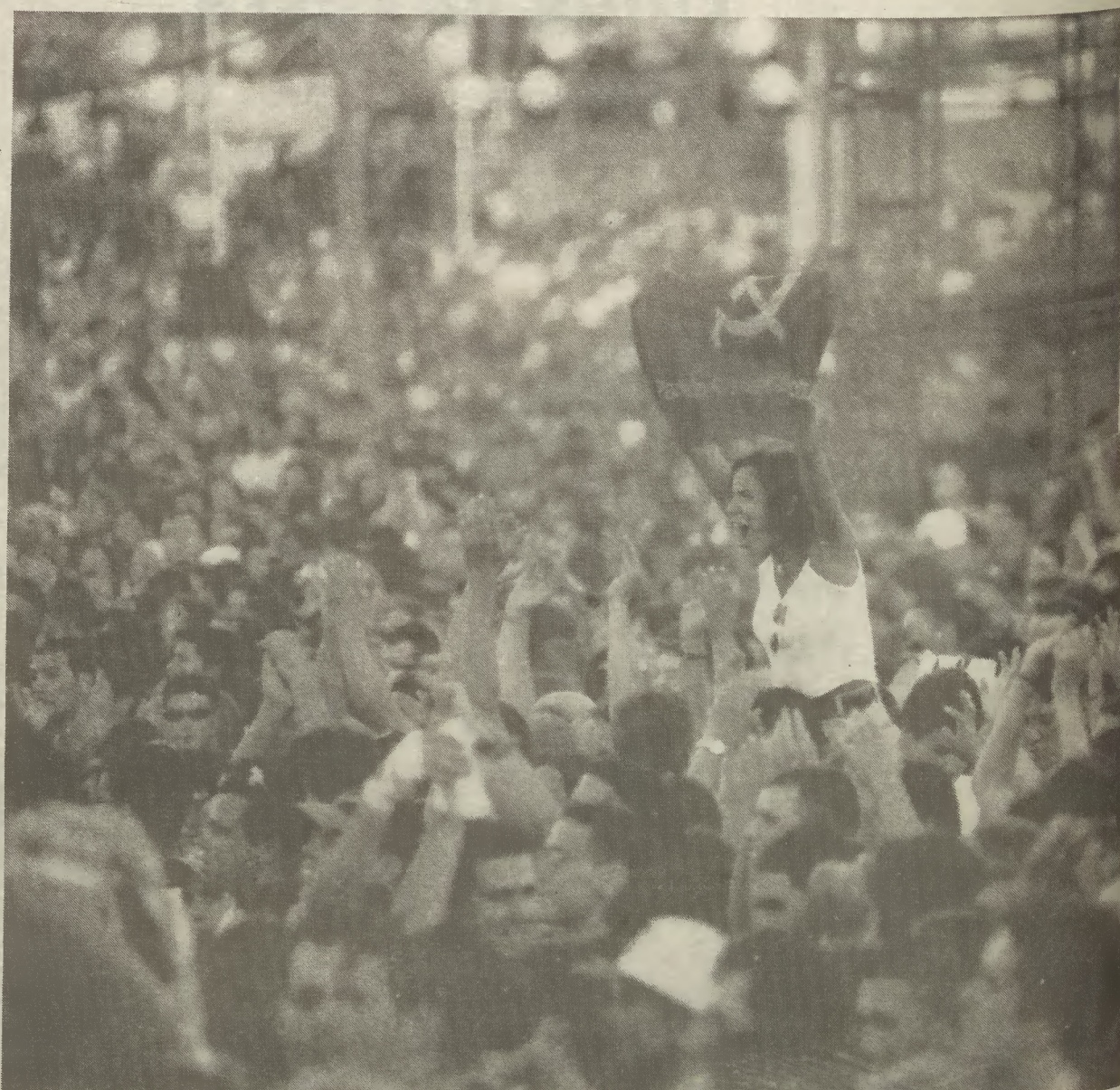


... pelas objectivas de:

Ana Miguel, Carlos Nabais, Gonçalo Pereira, Januário Trigo, João Garcêz, Jorge Cabral, Jorge Caria, José Frade, Júlio Dinis, Pedro Custódio, Sérgio Morais e Vítor Castro.









## TELEVISÃO

## Quinta, 11

## RTP 1

08.00 Um, Dó, Li, Tá  
10.30 Uma Estranha Dama  
11.30 Praça da Alegria  
12.10 Culinária  
13.00 Jornal da Tarde  
13.45 Força de Mulher  
14.40 Nós, os Ricos  
15.15 86-60-86  
16.10 Carmen  
17.30 Alta Voltagem  
18.00 Na Paz dos Anjos  
19.00 País País  
19.45 País Regiões  
20.00 Telejornal  
20.55 As Lições do Tonecas  
21.30 TV Verdade  
22.00 Filhos do Vento  
23.00 Royal Variety Performance  
00.10 24 Horas  
01.10 Motores  
01.50 A Morte de David  
(de Marisa Silver, EUA/1988, com Keann Reeves, Alan Boyce, Michelle Mayrink, Jennifer Rubin. Ver Destaque)

## RTP 2

14.00 Volta a Espanha em Bicicleta  
16.00 Informação Gestual  
17.00 O Polvo  
18.00 Imagens Vivas  
18.50 Um, Dó, Li, Tá  
20.10 Euronews  
21.00 Acontece  
21.15 Remate  
21.25 Amigos por Acaso  
22.00 Jornal 2  
22.35 Jean de Florette  
(de Claude Berri, Fr.1986, com Yves Montand, Gérard Dépardieu, Daniel Auteuil, Elisabeth Depardieu, Ernestine Mazurouwa. Ver Destaque)  
00.35 Magacine  
01.05 Heróis da Esquadilha

## SIC

09.10 Buêrére  
11.00 Receitas do Dia  
11.30 Tocaia Grande  
12.30 Imagens Reais  
13.00 Primeiro Jornal  
13.40 O Juiz Decide  
14.40 Dra. Quinn  
15.45 Buêrére  
17.30 Mulheres de Areia  
19.00 O Amor Está no Ar  
20.00 Jornal da Noite  
21.00 Malucos do Riso  
21.30 A Indomada  
22.30 Paródia Nacional  
24.00 Último Jornal  
00.25 O Cliente  
01.45 Vibrações

## Sexta, 12

## RTP 1

08.00 Um, Dó, Li, Tá  
10.40 Uma Estranha Dama  
11.35 Praça da Alegria  
12.10 Culinária  
13.00 Jornal da Tarde  
13.45 Olho Clínico  
14.45 Força de Mulher  
15.40 100% Natural  
16.55 Carmen  
17.30 Reformado e Mal Pago  
18.00 Na Paz dos Anjos  
19.00 País País  
19.45 País Regiões  
20.00 Telejornal  
21.00 Futebol  
23.00 Filhos do Vento  
24.00 24 Horas  
01.05 Songs & Visions (Parte II)  
02.10 Águia de Ferro III  
(de John Glen, EUA/1992, com Louis Gossett, Jr., Horst Buchholz, Rachel McLish, Paul Freeman. Acção)

## RTP 2

14.00 Volta a Espanha em Bicicleta  
16.00 Informação Gestual  
17.00 O Polvo  
18.00 Imagens Vivas  
18.50 Um, Dó, Li, Tá  
20.10 Euronews  
21.00 Acontece  
21.15 Remate  
21.25 Sonhos Perdidos  
22.00 Jornal 2  
22.35 Manon das Nascentes  
(de Claude Berri, Fr.1986, com Yves Montand, Daniel Auteuil, Emmanuelle Béart. Ver Destaque)  
00.25 Campos de Batalha

## SIC

09.10 Buêrére  
11.00 Receitas do Dia  
11.30 Tocaia Grande  
12.30 Imagens Reais  
13.00 Primeiro Jornal  
13.40 O Juiz Decide  
14.40 Dra. Quinn  
15.45 Buêrére  
17.30 Mulheres de Areia  
19.00 O Amor Está no Ar  
20.00 Jornal da Noite  
21.00 Srs. Doutores  
21.30 A Indomada  
22.30 All You Need Is Love  
23.40 Os Donos da Bola  
02.30 Último Jornal  
02.55 Os Astronautas  
04.15 Vibrações

## TVI

10.05 Animação  
11.30 Vamos ao Circo  
12.40 Cassandra

## Sábado, 13

## RTP 1

08.00 Sempre a Abrir  
11.45 Último Nível  
12.20 Confissões de Adolescentes  
13.00 Jornal da Tarde  
13.40 Top +  
14.55 Alta Voltagem  
15.30 Amores e Rebelião  
16.30 Os Andrades  
17.20 Super Bébés  
18.00 Jet 7  
18.30 Hóquei em Patins: Portugal-Alemanha  
20.15 Telejornal  
21.00 Há Horas Felizes  
21.30 Futebol  
23.30 O Caminho das Estrelas  
00.30 24 Horas  
01.25 A Farsa do Assassino  
(de Brian Grant, EUA/1994, com Eric Roberts, Kari Wusher, Ron Perlman, Ed Begley, Jr. «Thriller»)  
03.15 O Último Argumento  
(de Erik Anjou, EUA/1992, com Robert Patrick, Teri Hatcher, Matt McCoy, Ian Buchanan. «Thriller»)

## RTP 2

09.00 Universidade Aberta  
12.05 Vida por Vida  
12.20 Maravilhas do Mundo Moderno  
13.00 Ellen III  
13.30 Desporto 2  
18.00 Sinais do Tempo  
19.00 Foyer - «Lendas de Hollywood - Marlene Dietrich»  
20.00 Tourada  
21.00 Semana ao Sábado  
22.00 Onda Curta  
(Trinta e Cinco para Cada Lado: Curta-Metragens de Damien O'Donnell, Ir.1995, com James Mahon, Maria Hayden. Comédia)  
22.30 O Lugar da História  
23.25 Conto de Inverno  
(de Eric Rohmer, Fr.1992, com Charlotte Vey, Frédéric Van Den Drissche, Hervé Furic. Ver Destaque)  
01.20 O Guia do Sexo  
01.25 Música Maestro - Pavarotti no Festival de Llangollen

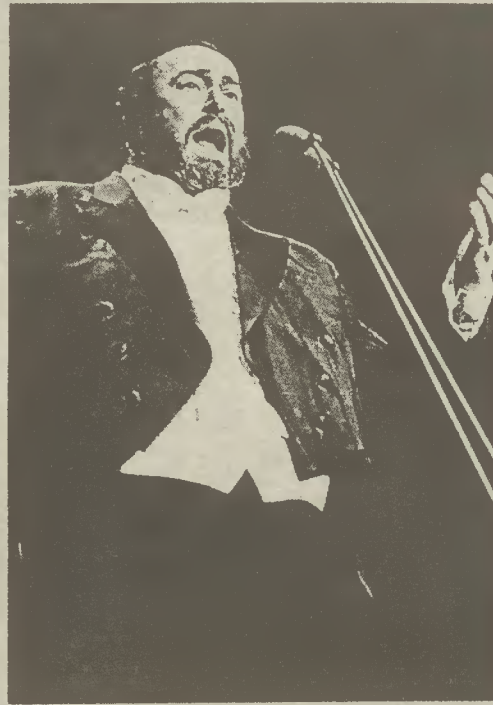
## SIC

08.00 Buêrére  
11.55 O Nosso Mundo  
13.00 Primeiro Jornal  
13.40 Dragon Ball Z  
14.50 A Sentinela  
16.00 Marshall  
17.00 O Comando dos Tigres Negros  
(Filme de Ted Post, EUA/1977, com Chuck Norris, Arne Archer, James Franciscus. Acção)  
19.00 Sonho Meu  
20.00 Jornal da Noite

## Domingo, 14

## RTP 1

08.00 Sempre a Abrir  
11.45 Sem Limites  
12.20 Confissões de Adolescentes  
13.00 Jornal da Tarde  
13.40 Made in Portugal  
14.50 Os Andrades  
15.15 Amores e Rebelião  
16.15 Nós Somos Anjos (Longa-metragem)  
18.00 Casa Cheia  
18.30 Hóquei em Patins: Portugal-EUA



Mais um concerto de Pavarotti: sábado à noite

-Colômbia  
20.00 Telejornal  
20.50 Casa de Artistas  
22.10 Filhos do Vento  
23.10 Domingo Desportivo  
01.10 24 Horas  
01.50 Polícias em Acção

## RTP 2

09.00 Caminhos  
09.30 Novos Horizontes  
10.00 70 x 7  
10.30 Missa  
11.20 Documentário  
12.05 Máquinas  
12.35 Matt '97  
13.25 Jornal d'África  
14.00 Desporto 2  
18.00 Sangue  
(de Pedro Costa, Port.1989, com Pedro Hestnes, Nuno Ferreira, Inês Medeiros, Luís Miguel Cintra, Canto e Castro, Isabel de Castro. Ver Destaque)  
19.35 Bom Bordo  
20.10 Artes e Letras - «Grandes Escritores do Séc. XX - James Baldwin»  
21.05 Philippe Marlowe, O Detetive  
22.15 Horizontes da Memória  
22.40 Bailado: Glórias do Kirov  
01.15 «The Siege at Ruby Ridge»

## SIC

08.30 Buêrére  
11.55 BBC - Vida Selvagem  
13.00 Primeiro Jornal  
13.40 Dragon Ball Z  
14.40 Hércules  
16.00 Cidade Escaldante  
17.00 Um Homem Chamado Babe  
(de Arthur Hiller, EUA/1992, com John Goodman, Kelly McGillis, Trini Alvarado. Drama / Biográfico)  
19.00 Sonho Meu  
20.00 Jornal da Noite  
20.45 Salsa e Merengue  
21.45 Agora ou Nunca  
22.45 007, Aventura no Espaço  
(de Lewis Gilbert, Gr.Br., com Roger Moore, Lois Chiles, Michael Lonsdale, Richard Kiel. Ver Destaque)  
00.45 Último Jornal  
01.15 Jô Soares

## TVI

09.30 Animação  
10.00 Vamos ao Circo  
11.00 Angelus  
11.10 Missa  
12.30 Portugal Portugues  
13.30 Voleibol de Praia  
15.45 Ernesto Ataca de Novo  
(Filme de John Cherry, EUA/1993, com Ron K. James, Duke Ernsberger, Jeffrey Pillards. Comédia)  
17.15 1 West Waikiki  
18.00 Voleibol de Praia  
19.10 Desafios  
19.30 Futebol (Liga Espanhola)  
21.25 Telejornal  
22.00 Edição Especial  
23.00 Futebol (Campeonato Italiano)  
00.40 Volei de Praia

## Segunda, 15

## RTP 1

08.00 Um, Dó, Li, Tá  
10.40 Uma Estranha Dama  
11.35 Praça da Alegria  
12.10 Culinária  
13.00 Jornal da Tarde  
13.45 Força de Mulher  
14.40 Nico d'Obra  
15.15 Carmen  
16.45 Jogos Sem Fronteiras  
18.30 Hóquei em Patins: Portugal-EUA

## RTP 2

15.00 Informação Gestual  
16.00 Falatório  
17.05 O Polvo  
18.00 Imagens Vivas  
18.45 Um, Dó, Li, Tá  
20.15 Rotações  
21.00 Acontece  
21.15 Remate  
21.25 A Grande Barraca  
22.00 Jornal 2  
22.35 Farinelli  
(de Gérard Corbiau, Bélgica/1994, com Stefano Dionisi, Enrico Lo Verso, Ela Syberstein, Caroline Sellier. Ver Destaque)  
00.35 Falatório

20.00 Telejornal  
21.00 TV Verdade  
21.30 Concurso 1, 2, 3  
23.35 24 Horas  
00.35 Raízes  
(de Kevin Hook, EUA/1988, com Louis Gossett, Jr., LeVar Burton, Michael Learned, Avery Brooks. Telefilme)

## RTP 2

15.00 Informação Gestual  
15.40 Ellen III  
16.00 Falatório  
17.00 O Polvo  
18.00 Imagens Vivas  
18.35 O Homem e a Cidade  
19.05 Universidade Aberta  
19.35 Um, Dó, Li, Tá  
20.15 Universidade Aberta  
21.00 Acontece  
21.15 Remate  
21.25 Murphy Brown  
22.00 Jornal 2  
22.40 Ópera de Três Vinténs  
(de G. W. Pabst, Alem.1931, com Rudolph Foster, Lotte Lenya, Carola Neher, Reinhold Schunzel. Ver Destaque)  
00.25 Falatório

## SIC

09.10 Buêrére  
11.00 As Receitas do Dia  
11.30 Tocaia Grande  
12.30 Imagens Reais  
13.00 Primeiro Jornal  
13.40 O Juiz Decide  
14.40 Dra. Quinn  
15.45 Buêrére  
17.30 Mulheres de Areia  
19.00 O Amor Está no Ar  
20.00 Jornal da Noite  
20.50 A Indomada  
21.50 Ponto de Encontro  
22.50 Gémeos  
(de Ivan Reitman, EUA/1988, com Arnold Schwarzenegger, Danny De Vito, Kelly Preston, Chloe Webb. Ver Destaque)  
01.00 Último Jornal  
01.25 Conversas Secretas  
02.55 Vibrações

## TVI

10.10 Animação  
11.30 Vamos ao Circo  
12.40 Cassandra  
13.30 TVI Jornal  
14.20 Laços de Amor  
14.50 Caprichos  
15.45 Éramos Seis  
16.30 O Barco do Amor  
17.30 O Xerife do Espaço  
18.00 Voltron  
18.20 Em Nome da Justiça  
19.15 Primeira Mão  
20.00 Xica da Silva  
21.00 TVI Jornal  
22.00 Um Homem sem Passado  
23.00 PSI Factor  
23.30 Linha de Fundo  
00.40 Doido por Ti  
01.05 Notícias  
01.15 A Balada de Hill Street

## Terça, 16

## RTP 1

08.00 Um, Dó, Li, Tá  
10.40 Uma Estranha Dama  
11.35 Praça da Alegria  
12.10 Culinária  
13.00 Jornal da Tarde  
13.40 Força de Mulher  
14.45 Lições do Tonecas  
15.15 Carmen  
16.10 Made in Portugal  
17.30 Na Paz dos Anjos  
18.30 Hóquei em Patins: Portugal-Suíça  
20.00 Telejornal  
20.55 TV Verdade  
21.15 Riso, Mentiras e Vídeo  
22.15 Antenas no Ar  
23.40 86-60-86  
00.15 24 Horas  
01.15 A Primavera Virá  
(de Dominique Derudder, Bélgica/Fr.1989, com Burt Young, Renata Vanni, Joe Mantegna. Drama)

## RTP 2

15.00 Informação Gestual  
16.00 Falatório  
17.05 O Polvo  
18.00 Imagens Vivas  
18.45 Um, Dó, Li, Tá  
20.15 Rotações  
21.00 Acontece  
21.15 Remate  
21.25 Os Simpsons  
22.00 Jornal 2  
22.35 Farinelli  
(de Gérard Corbiau, Bélgica/1994, com Stefano Dionisi, Enrico Lo Verso, Ela Syberstein, Caroline Sellier. Ver Destaque)  
00.35 Falatório

20.00 Telejornal  
21.00 TV Verdade  
21.30 Concurso 1, 2, 3  
23.35 24 Horas  
00.35 Raízes  
(de Kevin Hook, EUA/1988, com Louis Gossett, Jr., LeVar Burton, Michael Learned, Avery Brooks. Telefilme)

## RTP 2

15.00 Informação Gestual  
15.40 Ellen III  
16.00 Falatório  
17.00 O Polvo  
18.00 Imagens Vivas  
18.35 O Homem e a Cidade  
19.05 Universidade Aberta  
19.35 Um, Dó, Li, Tá  
20.15 Universidade Aberta  
21.00 Acontece  
21.15 Remate  
21.25 Murphy Brown  
22.00 Jornal 2  
22.40 Ópera de Três Vinténs  
(de G. W. Pabst, Alem.1931, com Rudolph Foster, Lotte Lenya, Carola Neher, Reinhold Schunzel. Ver Destaque)  
00.25 Falatório

## SIC

09.10 Buêrére  
11.00 As Receitas do Dia  
11.30 Tocaia Grande  
12.30 Imagens Reais  
13.00 Primeiro Jornal  
13.40 O Juiz Decide  
14.40 Dra. Quinn  
15.45 Buêrére  
17.30 Mulheres de Areia  
19.00 O Amor Está no Ar  
20.00 Jornal da Noite  
20.50 Imagens Reais  
21.20 A Indomada  
22.30 Grande Reportagem  
23.30 O Cliente  
00.30 Último Jornal  
01.00 Escrita em Dia  
02.20 Vibrações

## TVI

10.10 Animação  
11.30 Vamos ao Circo  
12.40 Cassandra  
13.30 TVI Jornal  
14.20 Laços de Amor  
14.50 Caprichos  
15.45 Éramos Seis  
16.30 O Barco do Amor  
17.30 O Xerife do Espaço  
18.00 Voltron  
18.20 Em Nome da Justiça  
19.15 Primeira Mão  
20.00 Xica da Silva  
21.00 TVI Jornal  
22.00 Savannah  
22.55 Na Sombra do Medo  
(de Bradford May, EUA/1995, com Marilu Henner, Doug Davani, Peri Gilpin. Drama)  
00.45 Doido por Ti  
01.10 TVI Jornal  
01.40 A Balada de Hill Street

## Quarta, 17

## RTP 1

08.00 Um, Dó, Li, Tá  
10.40 Uma Estranha Dama  
11.35 Praça da Alegria  
12.10 Culinária  
13.00 Jornal da Tarde  
13.45 Força de Mulher  
14.40 Isto Só Vídeo  
15.15 Carmen  
16.45 Casa de Artistas  
17.30 Hóquei em Patins: Portugal-Brasil  
19.00 País País  
19.25 Vamos Jogar no Totobola  
19.35 Futebol  
21.45 Telejornal  
22.30 TV Verdade  
23.00 Especial Julho Iglesias  
00.30 24 Horas  
01.15 Herança Perigosa  
(com Eric Idle, Robert Wuhl, Lauren Hutton.)

## RTP 2

15.00 Informação Gestual  
16.00 Falatório  
17.05 O Polvo  
18.00 Imagens Vivas  
18.45 Um, Dó, Li, Tá  
20.15 Rotações  
21.00 Acontece  
21.15 Remate  
21.25 Os Simpsons  
22.00 Jornal 2  
22.40 Todas as Manhãs do Mundo  
(Filme de Alain Corneau, Fr.1990, com Gérard Dépardieu, Jean-Pierre Marielle. Ver Destaque)  
00.10 Vidas do Século

20.00 Telejornal  
21.00 TV Verdade  
21.30 Concurso 1, 2, 3  
23.35 24 Horas  
00.35 Raízes  
(de Kevin Hook, EUA/1988, com Louis Gossett, Jr., LeVar Burton, Michael Learned, Avery Brooks. Telefilme)

## RTP 2

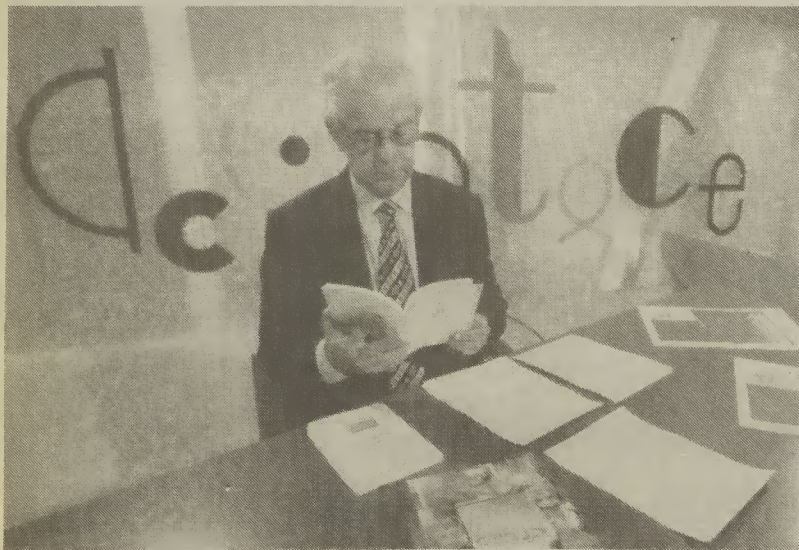
15.00 Informação Gestual  
15.40 Ellen III  
16.00 Falatório  
17.00 O Polvo  
18.00 Imagens Vivas  
18.35 O Homem e a Cidade  
19.05 Universidade Aberta  
19.35 Um, Dó, Li, Tá  
20.15 Universidade Aberta  
21.00 Acontece  
21.15 Remate  
21.25 Murphy Brown  
22.00 Jornal 2  
22.40 Ópera de Três Vinténs  
(de G. W. Pabst, Alem.1931, com Rudolph Foster, Lotte Lenya, Carola Neher, Reinhold Schunzel. Ver Destaque)  
00.25 Falatório

## SIC

09.10 Buêrére  
11.00 As Receitas do Dia  
11.30 Tocaia Grande  
12.30 Imagens Reais  
13.00 Primeiro Jornal  
13.40 O Juiz Decide  
14.40 Dra. Quinn  
15.45 Buêrére  
17.30 Mulheres de Areia  
19.00 O Amor Está no Ar  
20.00 Jornal da Noite  
20.50 Fantasma  
21.20 A Indomada  
22.20 A Vingança  
(Filme de Michael Switzer, EUA/1992, com Jack Scalia, Melissa Gilbert. Drama)  
00.10 Toda a Verdade  
01.10 Último Jornal  
01.45 A Besta  
03.00 Vibrações

## TVI

10.10 Animação  
11.30 Vamos ao Circo  
12.40 Cassandra  
13.30 TVI Jornal  
14.20 Laços de Amor  
14.50 Caprichos  
15.45 Éramos Seis  
16.30 O Barco do Amor  
17.30 O Xerife do Espaço  
18.00 Voltron  
18.20 Em Nome da Justiça  
19.15 Primeira Mão  
20.00 Xica da Silva  
21.00 TVI Jornal  
22.00 A Rainha Margot  
(de Richard Benjamin, EUA/1988, com Dan Akyroyd, Kim Basinger, Jon Lovitz. Comédia / Ficção Científica)  
00.50 Doido por Ti  
01.20 Notícias  
01.30 Desporto  
02.20 A Balada de Hill Street



«Acontece» já está de regresso à RTP2

## TVI

10.05 Animação  
11.30 Vamos ao Circo  
12.40 Cassandra  
13.30 TVI Jornal  
14.20 Laços de Amor  
14.50 Caprichos  
15.45 Éramos Seis  
16.50 O Barco do Amor  
17.40 Em Nome da Justiça  
18.30 Models  
20.00 Xica da Silva  
21.00 TVI Jornal  
22.00 Um Amor Irresistível  
(de Anthony Minghella, EUA/1993, com Matt Dillon, Annabella Sciorra, Mary-Louise Parker. Comédia Dramática)  
23.50 Lanterna Mágica  
00.20 TVI Jornal  
00.40 Fora de Jogo  
01.00 A Balada de Hill Street

13.30 TVI Jornal  
14.20 Laços de Amor  
14.50 Caprichos  
15.45 Éramos Seis  
16.50 O Barco do Amor  
17.40 Em Nome da Justiça  
18.30 Models  
20.00 Xica da Silva  
21.00 TVI Jornal  
22.00 FX: Efeitos Mortais  
23.00 VR5 - Realidade Virtual  
23.50 A Esmeralda e o Crime  
(de Jeannot Szwarc, EUA/1992, com Michael Brandon, Marisa Berenson, Guy Marchand. Policial)  
01.40 Doido por Ti  
02.10 TVI Jornal  
02.40 A Balada de Hill Street

20.50 Mundo VIP  
21.50 Salsa e Merengue  
22.45 Big Show Sic  
01.40 Último Jornal  
02.00 Americanos de Segunda  
(de Edward James Olmos, EUA/1992, com Edward James Olmos, William Forsythe, Pepe Serna. Drama)

## TVI

09.30 Animação  
13.00 Caloiros  
13.30 Contra-Ataque  
14.45 Voleibol de Praia  
16.35 Invader - O Confronto  
18.30 1 West Waikiki  
19.30 Futebol (Liga Espanhola)  
21.20 Telejornal  
22.00 Savannah  
22.50 Picket Fences  
24.00 Na Linha da Vingança  
(de Stephen Lieb, EUA/1994, com Carl Vanmeter, Cheryl Kalanoc, Rod Kei. Artes Marciais)



## TELEVISÃO

## Por isto e por aquilo...

**Jean de Florette**

(Quinta, 22.35, RTP2)

**Manon das Nascentes**

(Sexta, 22.35, RTP2)

Agrupamos aqui as duas referências a estes dois filmes de Claude Berri, que a RTP2 (e muito ajustadamente) transmite em duas noites seguidas, já que se trata das duas partes de uma mesma obra cinematográfica. Naquela que é a primeira parte (*Jean de Florette*), o lavrador Ugolin procura adquirir uma propriedade por saber nela existir uma nascente de água, importante para a criação de cravos. Mas é a um cidadão (*Jean de Florette*) que lhe cabe em herança essa propriedade, embora nunca viesse a descobrir essa nascente. Depois de vários encaminhamentos da história, e falecido Jean, Ugolin adquire a propriedade a baixo preço. Na segunda parte, dez anos passados, Ugolin que havia feito fortuna com a cultura dos cravos, já que encontrara a nascente, apaixonou-se por Manon, órfã de Jean, que não apenas o rejeita como o acusa publicamente de ter sido o causador da morte do pai. Ugolin mata-se e a propriedade acaba por chegar às mãos de Manon. Adaptação de um romance de Marcel Pagnol, o filme não passa de uma ilustração aplicada do espírito do original, muito inferior à própria adaptação que este fizera ao cinema há mais de três décadas (1952). O indispensável destaque vai para a interpretação de Daniel Auteuil.

**A Morte de David**

(Quinta, 01.50, RTP1)

Ao contrário do que é habitual a esta alta hora da madrugada, a RTP1 programa para hoje um filme que é o invés do «lixo» que ali costuma verter. É assim provável que muitos espectadores fiquem privados de um filme intenso e sensível, realizado por Marisa Silver, acerca de um estranho suicídio de um jovem. Keanu Reeves é o principal intérprete.

**Conto de Inverno**

(Sábado, 23.25, RTP2)

Segundo conto do ciclo realizado por Eric Rohmer sob o tema «Contos das Quatro Estações», a história deste filme vem na continuidade das histórias que constituem leitmotive nas temáticas que são a sua obsessão: os encontros e desencontros amorosos entre seres que nunca conseguem atingir e manter a plenitude da sua paixão.

**O Sangue**

(Domingo, 18.00, RTP2)

Primeiro filme realizado por Pedro Costa, um cineasta já na época promissor, *O Sangue* é rodado no magnífico preto-e-branco criado pelo director de fotografia alemão Martin Schaffer. Uma fotografia nostálgica que se adequa admiravelmente a esta história de amizade e cumplicidade situada nas memórias da infância. Com Pedro Hestnes e Inês de Medeiros, nos principais papéis.

**007, Aventura no Espaço**

(Domingo, 22.45, SIC)

Sistemática e criminosamente assassinada pelos cortes no formato original provocados pelo pan & scan (embora o abuso e abuso deste processo seja ainda mais gravoso quando se trata de obras-primas do cinema) prossegue aqui a exibição das miseráveis cópias compradas pela SIC dos principais filmes da série *James Bond*. Hoje, a história



Elizabeth e Gérard Dépardieu, em «Jean de Florette», de Claude Berri

transporta-nos até ao espaço e a um criminoso que pretende destruir o planeta. Realizado sem a sua habitual espectacularidade por Lewis Gilbert (muito longe, de resto, da destreza do filme imediatamente anterior da série) o filme contenta-se em exibir o charme de Roger Moore que, embora não fazendo esquecer Sean Connery, não deixa de aqui se movimentar como peixe na água.

**Mediterrâneo**

(Domingo, 00.30, TVI)

Durante a II Grande Guerra, um grupo de soldados italianos é desta-



Daniel Auteuil e Yves Montand, em «Manon das Nascentes», também de Claude Berri

cado para uma ilha grega em missão especial que, entretanto, dada a total desorganização do pelotão, acaba por sair frustrada - e todos acabam isolados e esquecidos, vivendo uma vida regalada em muitos e variados aspectos, até porque todos os mancebos da localidade haviam partido para a guerra... Um certo «marialvismo» de relativo mau gosto justifica porventura que as referências sejam contraditórias e em muitos casos reticentes quanto aos méritos do filme. Já esteve previsto para a semana passada.

**A Ópera dos Três Vinténs**

(Segunda, 22.35, RTP2)

Este primeiro filme do novo ciclo da RTP 2 que tem por pano de fundo as relações do cinema com a música, é um clássico do

cinema alemão, obra de não apenas um realizador emérito (Georg Wilhelm Pabst) mas de todo um conjunto de criadores que passam por Fritz Arno Wagner (director de uma sumptuosa fotografia), Andrei Andreiv (autor dos cenários) e naturalmente Bertolt Brecht (autor da sumptuosa história e textos cantados) e Kurt Weill (seu celebrado compositor). Se bem que o tom satírico da peça de Brecht fosse mais virulento no palco do que nesta adaptação cinematográfica, não é menos verdade que estamos, com a maior das justiças, perante uma obra-prima.

**Gêmeos**

(Segunda, 22.50, SIC)

De Danny DeVito, já se sabia do seu talento para a arte de representar e não só (quando não levado a extremos de mau gosto, que também o tentaram). Mas de Schwarzenegger, apenas se lhe conheciam a óbvia fortaleza dos músculos e a aparente fraqueza da meninge. Eis senão quando surge esta insólita comédia que tem, pelo menos, a virtude de suscitar o benefício da dúvida em relação ao segundo (aqui, no papel de um inteligentíssimo musculado...) e cuja história, contando o encontro aos 35 anos de dois gêmeos genéticos, mas bem diferentes um do outro, que nunca se haviam visto, proporciona alguns momentos divertidos.

**Farinelli**

(Terça, 22.35, RTP2)

Realizado com verdadeira sumptuosidade por Gérard Corbiau, este filme conta-nos a saga situada no século XVIII dos dois irmãos Riccardo e Carlo Broschi, conhecidos por Farinelli: um compositor e outro cantor, talvez o mais famoso castrato da sua época. O abuso de demasiados flashbacks, como processo narrativo, prejudica o fluir da linguagem cinematográfica e, na banda sonora, a digitalização das vozes de um cantor do sexo masculino e de uma cantora do sexo feminino (para melhor reproduzir a tessitura do castrato) é um verdadeiro absurdo, sabida como é a existência de espantosos contra tenores que poderiam cantar as árias escolhidas. De qualquer modo, parece tratar-se de um filme minimamente recomendável.

**A Rainha Margot**

(Quarta, 22.00, TVI)

Com uma versão anterior protagonizada por Jeane Moreau e data de 54, *A Rainha Margot* é a segunda adaptação cinematográfica do célebre romance de Alexandre Dumas. Brilhantemente interpretada por Isabelle Adjani e Daniel Auteuil, entre outros, diz-se que o filme é bem mais conseguido do que o primeiro, tanto do ponto de vista dos cenários (verdadeiramente sumptuosos) como da própria consistência da adaptação. A realização é de Patrice Chéreau (também encenador de ópera) e a produção do realizador Claude Berri.

**Todas as Manhãs do Mundo**

(Quarta, 22.40, RTP2)

Outra adaptação requintada ao cinema da história das relações particulares entre Sainte Colombe, um violoncelista e compositor do século XVII francês, e o seu protegido Marin Marais, que veio a ser afamado compositor da corte de Versailles. Se é certo que as composições interpretativas de (respectivamente) Jean-Pierre Marielle e Gérard Dépardieu são notáveis, não o é menos a utilização da música barroca sob a direcção de Jordi Savall.



Alan Boyce e Keanu Reeves, em «A Morte de David», de Marisa Silver



Uma cena de «Todas as Manhãs do Mundo», de Alain Corneau



## ÚLTIMAS

# ATALHE DE FOICE

## O espelho

«Pode afirmar-se que a saga de Diana é ela própria uma não-história, anotada fanaticamente e sem remorsos pelas nossas projecções e desejos.»

«Dotada de nenhum talento, Diana tornou-se a mulher mais célebre do mundo. O que nos diz isto da marcha do planeta?»

As palavras são do escritor britânico Martin Amis, em recente artigo da «Time», e constituem, tanto quanto nos foi dado ver e ouvir, uma pedrada no charco da histeria colectiva registada nas últimas semanas. Amis foi uma das raras vozes que se atreveram a dizer que o rei vai nu, ou, como ele próprio escreveu, que «Diana era um espelho, não uma luz».

Parece inconcebível que durante dias a fio milhões de pessoas em todo o mundo tenham vivido a «dor», a «emoção», a «revolta», pelo desaparecimento de uma capa de revista.

Parece inconcebível que durante dias a fio a esmagadora maioria dos órgãos de comunicação social tenha subalternizado, quando não ignorado, quase tudo o que de verdadeiramente importante aconteceu no mundo para dar primazia ao espectáculo mediático da morte da princesa de Gales.

A morte de alguém é sempre de lamentar. A morte brutal de alguém jovem, rico e famoso é sempre notícia. A morte de alguém é sempre uma dor para familiares e amigos. A morte de uma pessoa pública é sempre uma perda para quantos se identificaram com a sua vida e a sua obra. Mas sejamos frontais: Diana Spencer tornou-se conhecida não pela obra feita mas por ser o produto perfeito para vender revistas cor-de-rosa e publicações sensacionalistas. Começou por ser a Gata Borralheira dos tempos modernos que casou com o príncipe, garantiu a descendência à monarquia britânica, brilhou nos salões dos ricos e poderosos do mundo. Como a vida não é um conto de fadas – nem para as princesas –, foi infeliz no casamento, provocou escândalos, divorciou-se, encontrou novos amores. Pelo caminho, e porque as imagens públicas ligadas ao poder têm de ter alguma coisa mais para manter privilégios, deu o rosto por causas meritórias e acções de solidariedade – ou de caridade? –, sem no entanto nunca pôr em causa os sistemas político-económicos que lhe estavam na origem e de que de resto era beneficiária. E foi tudo. E o tudo que isto representa vendeu milhões de jornais e revistas para alimentar o sonho de quem se esqueceu ou ainda não descobriu que tem uma vida para viver.

Quanto vazio existe na vida das pessoas para que assim se encha de coisa nenhuma? Que fenómeno social é este que forja mitos a partir do nada? Que terrível solidão e desencanto são estes dos nossos tempos que arrastam milhões atrás de fogos fátuos? Que comunicação social temos que mobiliza multidões com 'literatura' de cordel?

Como é possível que tantos vivam, sonhem e sofram em diferido, quando as suas próprias vidas, sonhos e sofrimentos exigem cada vez mais uma intervenção com os pés bem assentes na terra e a cabeça bem levantada sobre os ombros? A quem é que tudo isto serve, a quem é que tudo isto interessa?

À espera de resposta continua a pergunta de Martin Amis: o que nos diz isto da marcha do planeta?

Quantas perguntas e tão poucas respostas.

■ Anabela Fino

## Revisão da lei eleitoral

# Proposta do Governo deixaria muitos eleitores sem representação política

A proposta de lei eleitoral apresentada pelo Governo, a ser aprovada, não aproximaria os deputados dos eleitores, antes deixaria muitos eleitores a sentir-se sem representação política – afirmou anteontem Luís Sá, no final do encontro de uma delegação da direcção do PCP com o Governo.

No encontro, realizado ao abrigo do estatuto da oposição, participaram ainda os dirigentes comunistas José Casanova e Vítor Dias.

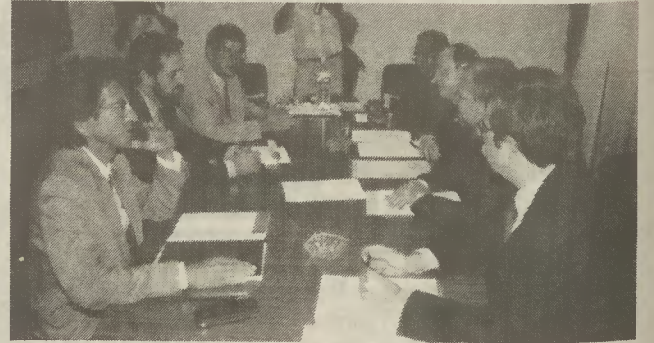
Segundo Luís Sá, o PCP aceitou o encontro não por considerações de oportunidade política, que considera não existirem, mas apenas porque, tendo o Governo desencadeado este processo, entende que «não deve prescindir de nenhum dos direitos que a Constituição e a lei lhe conferem».

Para o PCP, o anteprojecto de lei eleitoral do Governo «teria essencialmente um efeito manipulador de consciências e de alteração de comportamentos eleitorais no sentido de uma bipolarização artificial do sistema político e partidário». A pressão bipolarizadora «verificar-se-ia a nível nacional, falsificando o objectivo das eleições de modo a fazer crer que está a ser eleito o Primeiro-Ministro e não deputados». Por outro lado, essa pressão verificar-

-se-ia também «a nível de cada um dos círculos de um só deputado, tentando polarizar o voto no PS e PSD, com a afirmação de que só estes dois partidos elegeriam deputados a este nível (como aliás resulta da simulação apresentada pelo Governo, em que se reconhece que só o PS e o PSD elegeriam deputados nestes círculos)».

Daí que – considera o PCP –, «o resultado não fosse o de tornar os deputados mais representativos e próximos da população, mas sim o de deixar sem representação grandes massas de eleitores que não tivessem votado no partido vencedor em cada círculo de um só deputado (na maior parte dos casos apenas por maioria relativa)».

Pelo exposto se comprova que «esta proposta não aproximaria os deputados dos eleitores, antes deixaria muitos eleitores a sentir-se sem representação política», e que «não daria mais qualidade e representatividade



Vitor Dias, Luís Sá e José Casanova, em representação da direcção do PCP, no encontro com o Governo, representado pelos ministros António Vitorino, Alberto Costa, Mariano Gago e António Costa

aos deputados e à Assembleia da República, antes poderia torná-la mais pobre e menos representativa».

Em declarações ao «Avante!», no final do encontro, Luís Sá afirmou que o PCP tudo fará para não permitir que a pressa inteiramente injustificada do Governo em torno desta questão venha desviar as atenções dos

problemas por resolver e das lutas sociais. Por outro lado, acrescentou que o cumprimento do Estatuto da Oposição, ouvindo o PCP, não pode nem deve ser entendido como um alibi que justifique novas negociações que o PS e o PSD venham a estabelecer, na sequência da revisão constitucional, agora em torno do sistema eleitoral.



Aspecto de uma das sessões de trabalho da reunião do Conselho das Comunidades, na sala do Senado

## Carlos Carvalhas no distrito de Viseu

O secretário-geral do PCP, Carlos Carvalhas, participa no próximo domingo, dia 14, em diversas iniciativas de apresentação de candidatos no norte do distrito de Viseu. A jornada começa às 11.30h no concelho de Lamego, na Freguesia de Avões, com um encontro com eleitos da CDU e contactos com a população, a que se segue um almoço no concelho de Tarouca, com candidatos e apoiantes da Coligação Democrática Unitária.

A parte da tarde é dedicada a contactos com a população, primeiro em Mondim da Beira, às 15h, e depois em S. João de Tarouca, às 16h, e em Salzedas, às 17h, com visita aos respectivos Mosteiros.

A visita de Carlos Carvalhas ao distrito termina com uma festa popular em Armamar, às 18.30h, onde serão apresentados os candidatos da CDU pelo concelho às próximas eleições autárquicas.

## 24 horas a nadar contra o racismo

A Sociedade Filarmónica União Artística Piedense (SFUAP) promove no próximo dia 13, a partir das 16 horas, a 18ª edição das suas tradicionais «24 horas a nadar», este ano integradas na luta contra o racismo.

A SFUAP conta com a participação de actuais e antigos nadadores de muitos clubes do País, bem como de inúmeras colectividades do concelho de Almada, autarquias e outras organizações, associados e

população em geral. No evento participam igualmente representantes das entidades oficiais, para além de individualidades convidadas.

Em simultâneo com a maratona de natação realizam-se outras manifestações desportivas, culturais e recreativas, cujo objectivo, para além da divulgação da salutar prática da natação, é fomentar o convívio e a camaradagem entre quantos, de um modo ou outro, vivem o desporto.

## Críticas ao Governo no Conselho das Comunidades

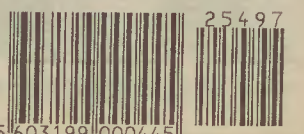
Fortes críticas ao Governo e insatisfação quanto à política seguida na área da emigração marcam a reunião do Conselho das Comunidades Portuguesas a decorrer desde segunda-feira na Assembleia da República, e cujos trabalhos terminam hoje.

Em causa, entre outras questões, está a insuficiência do apoio consular aos emigrantes, a deficiente e reduzida cobertura do ensino do português nas comunidades portuguesas, e a inexistência de um trabalho capaz a nível cultural, de que é exemplo a reduzida actividade do Instituto Camões.

Nos trabalhos participam os 100 conselheiros eleitos nas comunidades de emigrantes portugueses e numerosos convidados, designadamente representações da CGTP, da ARE - Associação para o Reencontro dos Emigrantes, da Fenprof, Sindicato dos Professores no Estrangeiro, Sindicato dos Trabalhadores Consulares, Grupo Parlamentar do PCP e deputados de outros partidos.

Sem prejuízo de um balanço posterior do resultado da reunião, pode desde já referir-se que os trabalhos foram marcados pela exigência ao Governo para que contemple o Conselho, no próximo Orçamento do Estado, com os recursos financeiros e os meios logísticos indispensáveis ao seu funcionamento e autonomia.

Em declarações à Lusa sobre este evento, Henrique de Sousa, do Secretariado do CC do PCP, manifestou a esperança de que a reunião «contribua para dar a necessária dimensão nacional aos problemas concretos da emigração e para substituir a superficialidade e o espectáculo mediático que caracterizam a actuação do Governo nesta área por um programa coerente de medidas concretas».



5 603199 000445